

UNIVALI  
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ  
Centro de Educação de Ciências Humanas e da Comunicação – CEHCOM  
Curso de Pós - Graduação *Stricto Sensu*  
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação – PMAE

SANDRO WALTRICH DE ASSIS PEREIRA

**O estudante de Jornalismo, a televisão e a educação para as mídias**  
Aproximando educação e comunicação através da perspectiva histórico-cultural

ITAJAÍ (SC)  
2005

**UNIVALI**  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ**  
Centro de Educação de Ciências Humanas e da Comunicação – CEHCOM  
Curso de Pós - Graduação *Stricto Sensu*  
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação – PMAE

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

SANDRO WALTRICH DE ASSIS PEREIRA

**O estudante de Jornalismo, a televisão e a educação para as mídias**  
Aproximando educação e comunicação através da perspectiva histórico-cultural

Dissertação avaliada e aprovada pela Comissão Examinadora e referendada pelo Colegiado do PMAE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Itajaí (SC): 23 de setembro de 2005.

Membros da Comissão:

Orientador:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Solange Pultel Mostafa

Membro Externo:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rogério Christofolletti

Membro representante do colegiado

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Luciane Maria Schindwein

## RESUMO

Ao propor a discussão de questões relacionadas à educação para as mídias ou mídia-educação nos cursos de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, este estudo pretende contribuir para a cristalização da emergente área epistemológica, bem como refletir sobre a importância e indissociabilidade do contexto histórico-cultural nas relações estabelecidas com os meios de comunicação. As análises empreendidas com os jovens estudantes de jornalismo tratam dos relacionamentos midiáticos de uma maneira geral, mas reservam especial atenção à televisão. O recorte se dá pelo nítido apelo e penetração que o veículo exerce na formação cultural brasileira, constituindo-se como o mais abrangente e acessível propagador de idéias e ideais do país. O aporte teórico que sustenta as argumentações perpassa pelas teorias fundadoras da área comunicacional e que se refletem até hoje na formação dos jornalistas. Igualmente, faz um contraponto com os estudos contemporâneos e interdisciplinares construídos principalmente a partir dos anos 80, responsáveis pela ampliação dos espectros de convergências conceituais de outros campos como educação e psicologia. As ponderações baseiam-se nas contribuições teóricas de Lev Semenovitch Vygotsky, Jesus Martín-Barbero e Ismar de Oliveira Soares. A pesquisa baseia-se na análise qualitativa e foi amparada pela técnica do grupo de discussão ou grupo focal. Foram sujeitos, dois grupos de acadêmicos de jornalismo de universidades do Estado de Santa Catarina. Os dados foram coletados nos anos de 2003 e 2005. Através da leitura dos resultados obtidos pelas conversações é possível vislumbrar a maneira como os futuros profissionais do jornalismo se relacionam com a mídia e as influências exercidas pelos anos de aprendizagem e convívio na academia. Da mesma forma, relevante é a possibilidade de observar o grau de aproximação entre os campos da comunicação e da educação no desenvolvimento de habilidades técnicas e simbólicas para o manuseio e a interação com os produtos midiáticos.

Palavras-chave: Educação para as mídias, mídia-educação, jornalismo, televisão, perspectiva histórico-cultural, mediações.

## ABSTRACT

The proposal to discuss about questions related to education for media or media-education in the course Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo intends to contribute for the crystalization of the growing epistemological area, as well to reflect about the importance of the cultural-historical context in the established relationships in the communication means. The analysis with journalism students deal with media relationships in a general view but reserve especial attention to the television. The cut is clear by the claiming of the penetration that the means of communication exercises over the Brazilian cultural formation of ideas and the country ideals. The literature review that supports the argumentation passes by the basic theories from the communicational area and that reflects until nowadays in the journalist information. Likewise, makes a contrasting with the contemporaneous studies buil from the eighties responsible by the interdisciplinary improvements spectrums of conceptual convergences from the fields such as education and psychology. The ponderations they are based in the theoretical contributions of Lev Semenovich Vygotsky, Jesus Martín-Barbero and Ismar de Oliveira Soares. The research is based on a qualitative research and supported by discussion or focal group techniques. Two groups of journalism estudents from universities of Santa Catarina were involved in this research. The data were agthered in 2003 and 2005. Through the reading of the collected data by the conversations is possible to realize the way that future professionals would relate themselves with the media and the exerted infleuences along the apprenticeship years and college living. Furthermore, it's relevant the possibility to observe the level of proximity between the communication and education areas in the development of technical and symbolical abilities for handling and interacting with media products.

Keywords: education for media, media-education, journalism, television, cultural-historical, mediations.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. JUSTIFICATIVA.....	08
3. OBJETIVOS.....	10
3.1. OBJETIVO GERAL.....	10
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
4.1. EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	12
4.1.1. O FUNCIONALISMO E A MÍDIA – O <i>DEFICIT MODEL</i> .....	13
4.2. O MODELO DE AQUISIÇÃO DE HABILIDADES – O <i>ACQUISITION MODEL</i> .....	19
4.3. A RECEPÇÃO E AS MEDIAÇÕES NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL.....	20
4.3.1. AS MEDIAÇÕES EM BARBERO.....	21
4.3.2. AS MEDIAÇÕES EM VYGOTSKY.....	29
4.4. EDUCAÇÃO X MÍDIA-EDUCAÇÃO – ANTAGONISMOS E CONVERGÊNCIAS.....	36
5. METODOLOGIA.....	44
5.1. POSTURA METODOLÓGICA – O GRUPO FOCAL.....	44
5.1.1. A FORMAÇÃO DOS GRUPOS.....	48
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	49
6.1 GRUPO FOCAL – JORNALISMO DA UNIVERSIDADE A.....	49
6.1.1. A MÍDIA.....	51
6.1.2. O CURSO DE JORNALISMO E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA.....	53
6.1.3. A RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS COM A MÍDIA.....	66
6.1.4. DISCUTINDO A MÍDIA-EDUCAÇÃO COMO UM MODELO CRÍTICO PARA A AQUISIÇÃO DE HABILIDADES.....	69
6.2. GRUPO FOCAL 2- JORNALISMO DA UNIVERSIDADE B.....	76
6.2.1. JORNALISMO E ROMANTISMO.....	77
6.2.2. A MÍDIA COMO INFLUÊNCIA.....	79
6.2.3. EDUCOMUNICAÇÃO COMO PRÁTICA.....	86
6.2.4. A RECEPÇÃO COMO INCÓGNITA.....	88
6.2.5. PARA ALÉM DA TELEVISÃO.....	92
7. CONCLUSÃO.....	96
8. REFERÊNCIAS .....	101
9. ANEXOS.....	106

## 1.Introdução

Aproximar de maneira eficiente e verdadeira os conceitos e, principalmente, as práticas educacionais com a capacidade de impacto, penetração e persuasão dos meios de comunicação – com destaque para a mídia eletrônica, eis o desafio que a educação deverá encarar, com o propósito de incorporar definitivamente o poder da comunicação de massa com os interesses, urgências e diretrizes impostas à educação contemporânea. Desafio este, que ganha mais intensidade com a concretização cada vez mais próxima do fenômeno da convergência digital<sup>1</sup>.

Educação e comunicação são áreas com delineamentos teóricos e práticos bastante estabelecidos e de características até certo ponto antagônicas. A educação, baseada num perfil lógico, horizontal com seu conteúdo alicerçado pela cultura dos livros. Já a comunicação se apresenta fragmentada, com uma estrutura não-linear e fortemente audiovisual. Pelo menos em tese, trata-se de diferentes abordagens para uma mesma causa. Pois são as relações sociais, a consolidação da democracia e a formação do sujeito em sua plenitude que norteiam, ou deveriam nortear, as ações de educadores e comunicadores.

Neste panorama, se desvendam novas áreas de conhecimento originadas da junção epistemológica entre os dois campos. Um desdobramento que aponta para áreas afins entre os dois setores e que poderia aproximá-los em busca de objetivos em comum. A nomenclatura ainda não está definitivamente consagrada, mas alguns nomes já fazem parte dos estudos de muitos educadores e comunicadores. De acordo com Orozco (1997), várias classificações foram cunhadas para determinar a atividade: Recepção crítica, leitura crítica dos meios, recepção ativa, educação para a comunicação, alfabetização televisiva e educação para a recepção. No Brasil, os termos

---

<sup>1</sup> A convergência digital, como vem sendo chamada a junção de Internet, computador e televisão promete alterar radicalmente a mídia eletrônica transformando as resignificações na recepção das mensagens dos meios de comunicação e nos comportamentos e padrões sociais. A criação e implantação da DTV (Digital Television) e da HDTV (High Definition Television) já está em andamento. O Brasil encontra-se na fase de definição do padrão de transmissão e recepção a ser utilizado. Oportuno, nesse momento, avaliar o papel da educação na formação de um indivíduo perspicaz, habilitado a interagir com a torrente de informações e capaz de fomentar o conhecimento.

Educação para os Meios e Educomunicação vêm ganhando força principalmente pelos trabalhos realizados pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Mas é preciso destacar que para o êxito desse novo campo é fundamental que se possa olhar para a comunicação e para a educação de uma nova forma. Em primeiro lugar, desmistificando os meios, compreendendo-os. Em seguida, é necessário livrar-se do senso comum, observando cada campo sem preconceitos, com uma postura crítica e analítica que permita avaliar os pontos positivos e negativos de cada um deles. Na maior parte das vezes, a educação tradicional vislumbra nas propostas de uma nova área de ação uma ameaça a sua ortodoxia. Já a comunicação analisa esse campo como algo pobre, de profissionais que não estão inseridos no mercado.

Para que a aproximação efetiva entre os dois campos ocorra é necessária a participação e obstinação tanto da educação como da comunicação. Mais do que aproximações semânticas, a abordagem do problema deve tratar da aproximação das ciências da educação com as ciências da comunicação, com a fomentação não apenas de um suporte empírico, mas também teórico científico para a nova área de intersecção.

Tal polêmica, inclusive, já alimentou o debate de estudiosos da temática como Ismar de Oliveira Soares, representando o olhar da comunicação, e Maria Luiza Belloni, apontando os aspectos educacionais da proposta. Estes posicionamentos serão apresentados no desenvolvimento do trabalho e as respectivas posturas servirão de base para a aproximação da teoria histórico-cultural proposta por Lev Semenovitch Vygotsky, bem como a análise das mediações trabalhadas por Jesus Martín-Barbero.

Quando esta realidade é transportada para o universo das escolas de comunicação, mais especificamente de Jornalismo, percebe-se que o processo de intersecção ou aproximação dos campos de conhecimento está longe de ser simples e não atinge as metas a que se propõe. A realidade se mostra incompatível com o pragmatismo tanto de educadores como de comunicadores. Percebe-se uma fragilidade teórica, fruto da ausência de diálogo entre as teorias de aprendizagem e as teorias da comunicação no ensino do Jornalismo em si.

Outra agravante é que a realidade da formação dos futuros jornalistas está diretamente atrelada à formatação e desenvolvimento dos veículos de comunicação nacionais. Uma relação histórica e antagônica de dependência – já que é o terreno onde a maioria dos jovens vai exercer sua profissão e é de onde se originam a maioria dos professores – e aversão, pela relação íntima das empresas comunicacionais com o controle social e econômico.

Sem dúvida, os veículos de comunicação têm uma responsabilidade social imensa, além de um compromisso constitucional, inclusive, com a qualidade das programações exibidas e com o fazer comunicacional. Entretanto, é sabido que na realidade, o cumprimento de tais prerrogativas está muito aquém do desejável. Os meios de comunicação estão encastelados em estruturas empresariais e financeiras monstruosas e mudanças nesse sentido, mesmo sendo extremamente necessárias, levarão algum tempo para serem implementadas a contento. O envolvimento não é apenas financeiro, mas cultural e político. Daí a importância da educação nesse processo. Pois é principalmente através da escola, que a sociedade pode instrumentalizar-se para a quebra do paradigma instalado. É raro uma outra dimensão contemporânea que mereça tanta atenção do campo educacional.

O presente estudo se concentra na influência que os produtos midiáticos – com ênfase na televisão - exercem no público, no caso, os estudantes de Jornalismo, através de formas de representações simbólicas e construção de valores que afetam diretamente a maneira de pensar e agir e como os futuros comunicadores compreendem esta relação. Igualmente, procura colaborar com a discussão teórica em torno das estratégias pedagógicas mais apropriadas para o desenvolvimento da efetiva aproximação de comunicação e educação.

## 2. Justificativa

No Brasil – entre todas as mídias – ganha destaque a participação da televisão. As características peculiares do meio – mixagem de imagens, textos e sons de maneira imediata – aliado à cultura televisiva adotada maciçamente pela população de um modo geral e o fácil acesso, garante um impressionante grau de penetração. A TV brasileira conquistou em pouco mais de cinquenta anos o que provavelmente nenhuma outra indústria conseguiu no século inteiro<sup>2</sup>.

Quando este público é formado por estudantes de Comunicação Social – Jornalismo, a situação ganha contornos cintilantes. São estes jovens que atuarão no mercado da comunicação, muitos deles diretamente na mídia televisiva. Entende-se como primordial que estes estudantes vivenciem uma educação para a mídia, alicerçados pelo cabedal teórico e conceitual que a educação pode e deve fornecer.

A formação para a cidadania não pode mais dispensar uma consistente educação para as mídias, em especial para a mídia televisiva. Como formadora de comportamentos e opiniões, a TV exerce um poder sem precedentes. Não cabe negar esse fato, nem abor-lo emocionalmente. Cabe sim, educar para uma compreensão objetiva e crítica da linguagem e das mensagens da TV, para a identificação de como ela funciona enquanto mídia comercial, de como ela interage com as realidades sócio-culturais e políticas no mundo todo, mas de modo especial no Brasil. (MAGALDI. In: FISHER, 2001, p.113)

Deve-se destacar que não se busca a satanização da mídia, principalmente a televisiva, e muito menos a rendição e conseqüente imobilidade diante de sua influência. Mas sim a sua inserção verdadeira e franca no contexto de ensino-aprendizagem, despida dos arquétipos tradicionais, objetivando uma melhor sinergia entre os dois campos do conhecimento.

---

<sup>2</sup> De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 1999 o país tinha 87,5% de casas com televisão e só 82,5% com outro eletrodoméstico (JUNIOR, 2002).

É oportuno salientar que a convergência de educação e comunicação passa pelo entendimento de algumas correntes teóricas que perpassam os dois campos. Da área comunicacional: 1) O modelo baseado nas deficiências dos meios, de característica defensivista, amparado principalmente no funcionalismo sociológico. 2) O modelo construtivista, que preconiza a aquisição de habilidades – simbólicas e técnicas, para uma relação mais profunda, democrática e transformadora com as mensagens dos Meios de Comunicação de Massa (MCM) e a redescoberta do receptor, com a compreensão da importância das mediações e da cultura nos processos comunicativos.

Da área educacional é importante a conscientização da importância da implementação das teorias da aprendizagem e da psicologia, que são praticamente ausentes no ensino da comunicação e que justificam sua fragilidade em muitos aspectos. A formação do comunicador, ou quem vai educar o comunicador, são questões que necessitam de maior análise.

### **3. Objetivos**

#### **3.1. Objetivo Geral**

O objetivo do trabalho é analisar se os cursos de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo de duas universidades do estado de Santa Catarina têm possibilitado a formação de receptores críticos dos meios de comunicação, mais especificamente da televisão. Este questionamento parte da hipótese de que a maioria dos estudantes não desenvolve as habilidades necessárias (teóricas - sociológicas e culturais) para a compreensão das mensagens e da influência dos meios de comunicação.

#### **3.2. Objetivos Específicos**

Analisar como os acadêmicos demonstram a influência da mídia e como os conteúdos veiculados pela mídia cotidiana são tratados em sala de aula ao longo do curso contribuindo para o desenvolvimento nos estudantes de suas capacidades analíticas, críticas e comunicativas frente às e a partir das mensagens que recebem. Através dessa análise, pretende-se desvendar o grau de aplicação efetiva dos conceitos da educação para as mídias, e os possíveis hiatos no processo de aproximação ente comunicação e educação na formação acadêmica dos futuros comunicadores.

Igualmente, busca-se saber: qual a extensão e intensidade do contato desses jovens com os produtos midiáticos? Os futuros jornalistas estarão preparados, ou estão sendo treinados, para uma leitura crítica dos meios de comunicação? Se executada esta leitura crítica está baseada nos modelos defensivistas (*deficit model*) ou amparado pelas diretrizes da busca pela aquisição de habilidades para tratar com a mídia (*acquisition model*)? Em que medida o histórico dos estudos e pesquisas comunicacionais realizados no país influenciam a formação do perfil dos futuros jornalistas?

Para tanto, o universo selecionado para a pesquisa é composto por estudantes da sétima fase do curso de Jornalismo. Dessa forma pretende-se verificar o desenvolvimento da educação para as mídias na região, bem como avaliar o

amadurecimento do ato da recepção das mensagens e o relacionamento com os meios adquiridos no decorrer do curso de Comunicação.

Como contribuição teórica, o presente trabalho busca a aproximação da comunicação e da educação através do viés das teorias do campo da psicologia educacional histórico-cultural ou sócio-histórica desenvolvidas por Vygotsky, adaptadas à teoria de recepção e os conceitos de mediação no modelo de “aquisição de habilidades” e à visão do comunicador – representado pelo pensamento de Ismar Soares – e do educador – através do raciocínio de Maria Luiza Belloni – a fim de modestamente colaborar com a efetivação e aprimoramento da educomunicação ou educação para os meios.

## **4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **4.1. Educação e comunicação**

A discussão sobre o desempenho da educação na formação do indivíduo frente às mensagens emitidas pelos meios de comunicação de massa (MCM) já se arrasta por mais de trinta anos. Educadores e comunicadores vêm experimentando diversas estratégias e métodos para otimizar o uso dos meios de comunicação e desenvolver, nos receptores, suas capacidades analíticas, críticas e comunicativas frente ao conteúdo recebido.

Mas, tradicionalmente, o que se percebe é um conflito de forças entre os dois campos do conhecimento. A formalidade da educação concorrendo com o aparente descompromisso fragmentado e atordoante da comunicação. A escola, enquanto transmissora da cultura e fomentadora de conhecimento tem a necessidade de interpretar os fatos numa perspectiva veloz e cíclica características do cotidiano veiculado pelos meios de comunicação. Para tanto, a educação e a comunicação/informação devem caminhar juntas, sob pena de se alijar o contato com as novas gerações e restringir ainda mais o conhecimento formal característico da escola. Interessa para o estudo que se apresenta focar a possível formatação e aplicação da educomunicação ou educação para os meios entre os estudantes de Jornalismo, bem como identificar o tipo de posicionamento crítico dos alunos e relacioná-lo as teorias fundamentais da comunicação e educação.

Para que se possa entrar na discussão da formação do novo campo de intersecção educação/comunicação propriamente dita, é importante que inicialmente se faça: uma revisão das teorias fundadoras dos estudos comunicacionais; a exposição das influências de tais teorias e os desdobramentos conceituais propostos por Ismar Soares baseados nas pesquisas realizadas nos Estados Unidos; uma análise da participação da mídia televisiva no Brasil.

#### **4.1.1. O Funcionalismo e a mídia – o deficit model**

Historicamente, a justificativa utilizada para a aproximação entre comunicação e educação era a hipótese da violenta manipulação e conseqüente dominação de consciências engendradas pelos centros de decisões econômicas e políticas, que detinham inúmeros e poderosos veículos de comunicação. Amparados nesses pressupostos, surgiram os estudos voltados para a leitura crítica dos meios, com a produção de ampla literatura dedicada a alertar os usuários dos meios sobre a necessidade de se prepararem para enfrentar o nefasto esquema de manipulação patrocinado pelo sistema capitalista.

Percebe-se, principalmente no Brasil, que estas preocupações constituem-se pertinentes. O país adota uma cultura fortemente audiovisual, influenciada em larga escala pela implantação e pulverização da mídia eletrônica, com destaque para a televisão. Em pouco mais de meio século de existência, a cultura televisiva alcançou uma abrangência nunca conseguida por qualquer outro veículo de comunicação existente no país<sup>3</sup>.

Todavia, a adoção das técnicas de leitura crítica dos meios, amparada pelas diretrizes do funcionalismo norte-americano e da teoria estruturalista – baseado principalmente nos fundamentos da Escola de Frankfurt, amputava a abrangência relativa à participação e importância do público – leitor, ouvinte ou telespectador – chamado de receptor.

A partir dos anos 80, destacados intelectuais, oriundos especialmente da América Latina, propõem resgatar o lugar da recepção nos estudos da comunicação. Todavia, a corrente de pensamento defensivista nos estudos da comunicação, desenvolvida principalmente na década de 60, ainda é extremamente presente nos eixos discursivos dos cursos de Comunicação Social do Brasil.

Originadas nos Estados Unidos, as pesquisas abordando a educação para os meios se baseavam exclusivamente na análise de conteúdo e nos estudos de casos, com

---

<sup>3</sup>Segundo dados do IBGE, para 40% da população brasileira, a televisão é o único meio de informação e entretenimento. (JUNIOR, 2002).

metodologias meramente descritivas. Herança das primeiras estratégias de pesquisas sociais e uma influência direta da sociologia funcionalista, que teve como um dos principais nomes Harold D. Lasswell (1902-1978), autor da fórmula clássica “quem diz o quê por que canal e com que efeito?”, que acabou por originar a análise do controle, análise do conteúdo, análise das mídias ou dos suportes, análise da audiência e finalmente a análise dos efeitos (MATTELARD, 1999, p.40).

O objetivo central recaía sempre no que estava sendo divulgado, sua intensidade e frequência. O foco estava direcionado exclusivamente aos emissores. Uma visão funcionalista e extremamente empírica dos estudos comunicacionais. Tendência percebida desde 1910, com o projeto americano de construção de uma ciência social com sólido embasamento empírico, base da Escola de Chicago e a instituição na década de 40 da *Mass Communication Research* (Ibid., p.29).

Na estrutura funcionalista, a mídia é utilizada com objetivos mercantis específicos, onde a força persuasiva da publicidade é capaz de controlar as pessoas, levando-as a agir. Para a corrente funcionalista, os indivíduos “podem ser conduzidos porque a base da sua formação se constrói a partir de referências sobre o indivíduo e seu comportamento” (MACHADO, 2002). Percebe-se, então, a influência dos estudos behavioristas<sup>4</sup>.

O pressuposto funcionalista trabalha com a hipótese de que o receptor ou a audiência carece ou necessita de coisas – sejam elas materiais ou psicológicas. Nessa estrutura, caberia aos emissores detectarem tais carências – através da mídia - e prontamente satisfazê-las também por intermédio da mídia. Caberia à mídia estimular os interesses de acordo com as conveniências do sistema e ao mesmo tempo alimentar e apontar as supostas carências da audiência, propiciando o controle da recepção<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> O behaviorismo foi uma corrente da psicologia da década de 40 que considerava semelhante a constituição orgânica do homem e de outras espécies animais. Assim, homens e ratos reagiriam da mesma maneira sob determinados estímulos num ambiente propício. Entretanto, como sabemos, enquanto os ratos garantem a sobrevivência agindo por instinto, os seres humanos utilizam a lingüística e relativamente a inteligência. Os seres humanos procuram transformar, modificar e construir o meio no qual habitam e por consequência, transformam-se também. Apesar das contribuições da psicologia na comunicação sobre o comportamento é possível – fora da concepção funcionalista – perceber que o ser humano não é apenas um ser orgânico, natural. O ser humano é social, cultural e político. (MACHADO, 2002)

<sup>5</sup> Até hoje a estrutura funcionalista em comunicação orienta as ações do mercado publicitário, de marketing e opinião pública. Tanto que metade dos US\$ 11 bilhões (1% do Produto Interno Bruto – PIB)

Um dos pais da teoria funcionalista sociológica, Durkheim, ressaltava que a sociedade é muito mais do que a soma dos indivíduos que a compõem. Para ele, a partir do momento em que os homens passam a viver em sociedade, criam estruturas e instituições sociais que adquirem vida própria. “A sociedade age sobre o indivíduo, modelando suas formas de agir, influenciando suas concepções e modos de ver, condicionando e padronizando seu comportamento” (SELL, 2001). Dentro da ótica funcionalista (onde todo o fato, seja qual for o nível de seus desdobramentos, pode ser explicado por sua função, isto é, pelo que representa para um sistema e pelo modo como se inter-relaciona com outros fatos), os meios de comunicação são uma representação da sociedade e possuem uma atuação autônoma de ação e reação.

A ascensão dos meios de comunicação e a instituição da chamada *mass media*<sup>6</sup> fazem parte do advento da modernidade, época em que ganham vulto os mercados e os Estados. Tais características ajudam a compreender a aplicação da sociologia funcionalista e a participação da mídia no jogo social.

A criação dos Estados que incentivam a criação de mercados nacionais, têm ensejado a formação supranacional de autênticas sociedades da informação. Esses estados nacionais encerraram traços bem característicos, entre os quais está a intensa vigilância que, com instrumentos que são os seus, jamais deixaram de exercer sobre os cidadãos. [...] isso quer dizer que organização e observação sistemática são irmãs siamesas, e que os meios de comunicação sempre estiveram em medida de colaborar para o êxito (social e político) desse programa. (POLISTCHUK, 2003, p.76)

Sejam quais forem os limites cronológicos que se estipulem para seu início (final do século XV, meados do século XVII ou desde fins do século XVIII), a modernidade vem carregada de pragmatismos, da crença do progresso ilimitado e da

---

de toda verba publicitária gasta no país em 1999 foi para a TV. As agências estimam que 15% do público compra 65% de tudo o que é anunciado na televisão. (JUNIOR, 2002)

<sup>6</sup> O termo mídia, foneticamente, significa o aportuguesamento da expressão de língua inglesa *media*. Originada do latim, *media* é o plural de *médium*, que significa meio, espaço intermediário. Igualmente o termo possui a significação de “lugar para onde tudo converge”, “praça pública”. “In *médium* era o modo de se dizer que algo estava “ao alcance de todos” – tal como vemos hoje na mídia, pela alta visibilidade social que proporciona. Para ela (mídia), não há assunto inteiramente desinteressante, uma vez que de tudo ela faz acontecimento, transforma em espetáculo, para logo reimmergi-lo em anonimato essencial.” (POLISTCHUK, 2003, p, 78).

O idioma inglês apropriou-se dessa terminologia e criou a expressão *mass media*, designando os meios de comunicação tecnicamente aptos à difusão coletiva e simultânea de toda espécie de informação, destinando-a a um número indiscriminado de indivíduos.

consolidação das organizações. O ser humano é arremessado a uma condição de autômato. Os modelos taylor-fordistas, no início do século XX consolidam as estruturas rigidamente hierarquizadas, a padronização dos procedimentos, a compartimentação da produção, o alto comprometimento com o planejamento e a obstinação feroz em busca da eficiência econômica. Nesse panorama, os meios de comunicação ganham delineamentos quase que exclusivamente instrumentais, servindo de ponte para a argumentação que sustenta a estabilidade e a pujança das organizações políticas e econômicas, nutrindo o *status quo* vigente. A audiência, nessas condições, é tratada como mera deglutidora de mensagens, incapaz de qualquer reação a não ser as de estímulo e resposta – previamente elaboradas.

A crença de uma estrutura midiática onipresente e onipotente ganha ainda mais força entre o pensamento teórico da época através dos estudos psicológicos como a psicologia das massas, de Le Bon, as teorias sobre condicionamento, do russo Ivan Pavlov, além do behaviorismo, inaugurado por John Watson, em 1914. Igualmente importantes, foram as contribuições de Paul Lazarsfeld e Robert Merton nos estudos da sociologia da mídia, inaugurando os estudos quantitativos sobre audiências nos Estados Unidos. (MATTELART, 1999).

Inseridos no panorama acima, as análises ignoravam os possíveis efeitos dos conteúdos sobre a “audiência”. O receptor era vitimizado, tratado de maneira meramente passiva. Ou seja, a abrangência das mensagens – ou como as pessoas encaravam e lidavam com as mensagens - e suas conseqüências, não eram mensuradas.

Trata-se de um modelo centrado nas deficiências dos meios e, por essa razão, chamado de *deficit model*. (SOARES, 2000). Tal nomenclatura foi apresentada no estudo “Educação para os meios nos Estados Unidos 1970-2000”, onde Ismar Soares apresenta os resultados de seu estudo de pós-doutorado em uma universidade americana, onde se dedica “à análise da evolução da *media literacy*<sup>7</sup> nos Estados Unidos, dos anos 70 ao final dos anos 90”, mostrando como ocorreu o percurso dos programas, desde a “teoria dos efeitos” (com o *deficit model*), até a afirmação de uma

---

<sup>7</sup> Termo que define a literatura sobre os meios. Opõe-se ao conceito de *media education* ou educação para a recepção dos meios.

perspectiva mais construtivista e multiculturalista (através do *acquisition model*), já em uma abordagem mais contemporânea.

Nos Estados Unidos, o modelo centrado nas “deficiências dos meios” conquista maior adesão entre educadores, principalmente, porque vem sendo constantemente reforçado por uma literatura largamente difundida entre pais e professores. Trata-se de um discurso que conta com o apoio das Igrejas, tanto a católica quando as várias denominações protestantes, obtendo grande visibilidade na imprensa. Os ativistas da *media literacy* são os primeiros a reconhecer que o medo dos efeitos negativos dos meios corresponde a um tipo de discurso facilmente reconhecido e aceito por parte dos administradores das escolas, por ser um discurso “politicamente correto”. (DESMOND, 1997 apud SOARES, 2000)

Transportada para o contexto brasileiro, esta realidade parece fazer sentido. O perfil defensivo nas pesquisas educacionais e comunicacionais sobre os meios de comunicação está muito presente até hoje. Os próprios cursos de Jornalismo ainda mantêm em suas matrizes curriculares (ver anexos 1 e 2) conteúdos que são trabalhados dentro da visão monofocal do conteúdo, relegando a capacidade de reflexão e participação do receptor. A crença de uma mídia onipresente e onipotente ainda prevalece. Constata-se uma confusão entre um fato real – a onipresença dos meios de comunicação - e uma suposta onipotência dos mesmos meios, herança ainda da teoria hipodérmica<sup>8</sup>.

Percebe-se então, um ranço teórico, reflexo ainda presente da realidade brasileira de meados da década de 60, quando tais hipóteses foram adaptadas à situação política e de exceção vivida na época. Enquanto o funcionalismo reservou ao indivíduo o papel de elemento orgânico, passível de condução e indução, o estruturalismo designa o indivíduo como ser social e político, mas igualmente condena-o a passividade e alienação. As ciências humanas e principalmente a Comunicação Social convergiram esforços – apoiadas na teoria estruturalista - no intuito de compreender os meandros dos

---

<sup>8</sup> “Termo forjado por Lasswell para designar o efeito ou impacto direto e indiferenciado causado pela mídia sobre os indivíduos atomizados.” (MATTELART, 1999, p.37)

O modelo da agulha hipodérmica coloca em grande vantagem o emissor, concedendo ao receptor um papel de passividade integral. Na sua concepção simplista, tal modelo considerava a mídia uma seringa, injetando informações, inoculando idéias, minando resistências e submetendo vontades. Caberia a mídia, exercer seu poder sobre o público subjugado, que se deixava impressionar e manipular ideologicamente.

aspectos econômicos, políticos e culturais, responsáveis em tese, pelo domínio hegemônico dos sistemas de comunicação existentes que atuavam em consonância com as diretrizes determinadas pelo regime militar. “Nessa concepção, os media passam a ser vistos como agentes de uma sociedade estruturada e diretamente vinculada com o Estado. O ponto de vista econômico torna-se base para análises comportamentais e formas de organizações sociais” (MACHADO, 2002, p.18).

Os estudos acadêmicos representavam uma trincheira teórica, na qual se basearia a restauração da normalidade democrática no Brasil. “Estudos e pesquisas confundiam a investigação filosófica e a práxis política”. (POLISTCHUK, 2003, p.69).

As pesquisas na linha da Teoria Crítica, amparadas pela retórica da Escola de Frankfurt – que aponta a mídia como representante do sistema econômico, comparando-a a uma indústria da cultura - visando à leitura crítica dos meios tinham o objetivo de identificar nos meios de comunicação canais de propaganda política, dominação e persuasão ideológica, desencadeando uma série de estudos focando a análise dos conteúdos das programações e publicações vigentes. Os debates teóricos alinhavam-se em tendências de “direita” ou “esquerda”, ambas marcadas pela intransigência dos pontos de vista. O posicionamento – não apenas no Brasil - frente à ascensão dos meios de comunicação deu origem aos termos “apocalípticos” e “integrados”.<sup>9</sup>

O *deficit model*, apontado no estudo de Ismar Soares, entende, portanto, o relacionamento da mídia com a sociedade tanto pelas bases da sociologia funcionalista - identificando e quantificando necessidades a serem supridas - como pelo pensamento estruturalista, considerando o estreito vínculo entre a mídia e o sistema econômico e ideológico gerenciado pelo Estado. Para o presente estudo, é importante a constatação

---

<sup>9</sup> Terminologia cunhada pelo ensaísta italiano Umberto Eco, referente ao viés de posições frente à ascensão dos meios de comunicação de massa. “Céticos ou francamente pessimistas, os “apocalípticos” não viam qualquer luz no fim do túnel – a não ser talvez, o farol de uma locomotiva vindo em sentido contrário – representado pelas indústrias da cultura, com sua produção em série e em escala industrial de artefatos culturais, promovidos com alarde pela indústria do entretenimento. Os meios de comunicação seriam portadores da barbárie cultural, ao suscitarem o afloramento de emoções e sentimentos sem motivar qualquer processo de reflexão. Quanto aos “integrados”, davam como certo que os meios de comunicação possuíam potencialidades suficientes para – se bem exploradas – pôr fim a todos os privilégios da educação e do monopólio cultural da inteligência burguesa. Por constituição própria, esses meios seriam, em princípio, socializantes, democráticos e populares.” (POLISTCHUK, 2003, p. 71)

que em ambas as situações, o receptor é mal percebido e relegado a uma condição de passividade e alienação estagnante e incondicional.

#### **4.2. O modelo da aquisição de habilidades – o *acquisition model***

Em resposta ao inflexível sistema de análise baseado nas deficiências, surge o modelo contemporâneo de estudos das mídias relacionadas à educação. O estudo de Ismar Soares aponta que a postura pragmática adotada nos Estados Unidos se contrapõe aos modelos de análises realizados na Europa e, principalmente, na América Latina. Soares destaca as mudanças ocorridas a partir de meados dos anos 80:

Em 1985, a mais importante associação de pesquisadores da comunicação dos Estados Unidos promoveu um congresso para discutir os referenciais teóricos que sustentavam as práticas da comunicação naquele momento, em seu país, dando-lhe o título de “Para além das polêmicas, o diálogo entre os paradigmas”. O empirismo norte-americano voltava a descobrir a Escola de Frankfurt, tomava ciência do estruturalismo lingüístico francês, convidava marxistas ingleses para discutir suas contribuições às teorias semióticas contemporâneas sobre o tema da representação, aceitava confrontar a concepção de linguagem que subjaz às formas tradicionais da análise do conteúdo com as contribuições trazidas por Barthes e Foucault. (CONSIDINE<sup>10</sup>, apud SOARES, 2000).

A revisita aos clássicos e a gradual mudança de paradigmas originou uma nova ala nos estudos comunicacionais: O *acquisition model*. O novo conceito trazia consigo a perspectiva da aquisição de habilidades por parte do receptor. Revolucionavam-se as análises, com a inclusão do sujeito receptor. Segundo Desmond, citado por Soares (2000), a proposta do modelo de aquisição de habilidades é fornecer uma plataforma de questões que mobilizem os estudantes para:

- Criar a habilidade de transferir conhecimento de um contexto para outro;
- Criar a habilidade de selecionar conteúdos;
- Criar a habilidade para usar a produção midiática como forma de expressão.

---

<sup>10</sup> CONSIDINE, David. “Media Literacy; a compelling component of school reform and restructuring”, in KUBEY, Robert (ed). *Media Literacy in the Information Age, Current Perspectives*, New Brunswick, Transaction Publishers, 1987, p. 243-262.

Decodificando tais tópicos, este estudo considera a aquisição de habilidades tanto práticas – domínio das técnicas e artefatos ou instrumentos tecnológicos utilizados na produção e emissão de mensagens midiáticas – como simbólicas – apropriação das linguagens específicas, resignificação de sentidos, compreensão das influências sociais e culturais da individualidade e dos grupos, constituição, história e formação dos grupos de comunicação, relação entre os grupos e a hegemonia econômica e social. Enfim, a aquisição de habilidades extrapola o mero conhecimento das técnicas de produção. A consciência da existência de um sujeito envolvido ativamente no processo comunicacional remete essa nova perspectiva de análise ao aceite e compreensão de toda a realidade histórica e social que envolve este sujeito e os respectivos reflexos na formação do mesmo e no seu relacionamento com as mensagens produzidas pelos meios.

O modelo de aquisição ou desenvolvimento de habilidades e competências passa pela análise social e cultural da sociedade. Sob este prisma, identifica-se a necessidade do pensar pedagógico centrado no aluno, utilizando as bases dos estudos da recepção e das representações sociais, buscando uma abordagem construtivista. O modelo de aquisição de habilidades apresenta-se como uma oportunidade de suplantar a visão restritiva e moralista dos argumentos defensivistas, visando à formação pedagógica para uma cidadania democrática e participativa.

O objetivo da proposta da aquisição de habilidades não reside na intenção de instituir-se como mero campo de defesa contra os meios de comunicação. Mas sim, apropriar-se efetivamente dos meios e utilizá-los como campo de construção de uma nova realidade. O fator crucial que diferencia o modelo da aquisição de habilidades do modelo defensivo (*deficit model*) é a mudança de valorização de um personagem fundamental no processo comunicativo: o receptor.

### **4.3. A recepção e as mediações numa perspectiva histórico-cultural**

No *acquisition model*, o papel do receptor é redimensionado. Os estudos de comunicação desenvolvidos com ênfase na América Latina sinalizam um novo sentido para o sujeito na recepção, ou melhor, é a própria redescoberta do sujeito. Os aspectos

culturais, as vivências e o entendimento das relações que se estabelecem por meio do consumo dos produtos culturais dos meios de comunicação de massa geram um deslocamento conceitual.

A concepção de um receptor ativo é uma nova forma de análise da comunicação. A perspectiva de que o sujeito que recebe as mensagens midiáticas não está apenas envolto em passividade e alheamento corrói e desmistifica as suposições da existência de uma mensagem “pura”, imaculada. O termo recepção, aplicado nos conceitos das teorias críticas ou defensivistas, sugeria um modelo mecânico de comunicação, onde o ato de comunicar pressupunha fazer chegar de um extremo ao outro (emissor – receptor) uma informação premeditadamente construída e significada, reduzindo o processo a uma mera circulação dessas informações.

O processo visando à aquisição de habilidades imprimiu novos rumos nas pesquisas, que passaram a tratar a sociedade não apenas com o foco político-ideológico, mas também sob o aspecto da interdisciplinaridade e, principalmente, da sua organização cultural. Neste contexto, a recepção passa a ser vista como um campo que propicia a resignificação e a produção de sentido. Uma área constituída pelas reflexões em torno da relação entre os “pólos vivos” dos processos comunicacionais.

O filósofo espanhol, radicado na América Latina, Jesús Martín-Barbero é um dos ícones do movimento que joga luz no sentido da recepção. Utilizando alicerces dos “estudos culturais”, linha teórica capitaneada por Gramsci, Barbero – que comunga da teoria de Marx - contrapôs paradigmas da Escola de Frankfurt e também de aspectos do pensamento marxista da comunicação, que vinculava todas as ações empreendidas aos aspectos econômicos e ideológicos.

#### **4.3.1. Mediações em Martín-Barbero**

‘Dos meios às mediações’ é a passagem proposta por Martín-Barbero em fins da década de 80 no Brasil e América Latina. A partir dessa marcante obra – que transformou a comunicação latino-americana -, os comunicadores brasileiros e da região passaram a ter uma nova compreensão da cultura popular e da cultura de massa como

algo diferente do conceito de “indústria cultural” tão em voga nas décadas anteriores. Vislumbrava-se então um novo campo de pesquisas, agora voltado à recepção dos produtos midiáticos e à cultura como um campo de negociação de sentidos. Uma idéia recorrente para os estudos de recepção é a de que os receptores se apropriam dos produtos (textos, imagens) e atribuem a eles novos significados; instaura-se nesse processo uma lógica dos usos, que incorpora os objetivos dos produtores, mas atribui, pelo uso, um novo significado aos produtos.

Assim, os estudos de recepção preconizam que a comunicação se efetiva por meio de interações. A comunicação, assim concebida, se organiza a partir da emergência de um “outro”. A comunicação se apresenta como pergunta, como interpelação e não como via de “mão única”, o que supõe um contrato, um laço, uma ligação unindo produtores e receptores (BORELLI, 2001).

De acordo com Barbero (1997), o “massivo foi gerado lentamente a partir do popular”. Assim, o autor apresenta a formação dos meios de comunicação no processo que vai do folclore ao popular: a literatura de cordel do século 17, o almanaque no século 18, o circo itinerante até chegar ao jornal ilustrado do século 19.

O folhetim representa “o primeiro tipo de texto escrito em formato popular de massa”. O autor descreve em detalhes as características do folhetim consoante às características da leitura popular. Uma leitura pouco densa, fragmentada e separada por títulos e subtítulos, capítulos e sub-capítulos, com uma estrutura narrativa aberta, permitindo leituras contínuas, apesar de fragmentadas. Tal formato gerou nas massas o sentimento de duração, o que permitiu ao leitor passar do conto para o formato romance (Ibid.p. 181).

Tal inserção histórica possibilitou ao autor definir “cultura de massas” como algo completamente diferente do seu sentido massificado de meios de comunicação. Segundo Martín-Barbero, o que se passa quando as massas emergem precisa ser compreendido nos movimentos de rearticulação da hegemonia, que desde o século 19 vem “fazendo da cultura um espaço estratégico para a reconciliação das classes e a reabsorção das diferenças sociais” (Ibid.p.102)

Para a análise do século 20, o autor muda de hemisfério: da Europa para os Estados Unidos, indo analisar os alegres anos 20 na América do Norte, com a decadência do cinema europeu ao final da I Guerra Mundial e a supremacia americana. A partir daí, a história é mais conhecida. Entram em cena o populismo brasileiro dos anos 30-50, as concessões privadas de canais de comunicação, a partir dos anos 60, e o papel do cinema latino-americano despontado com a necessidade das massas de se tornarem visíveis socialmente. (p. 232)

Sobre a cultura brasileira de massa daquele período, Coutinho (2003) afirma:

A década de 30 não significou apenas um período de transição político-econômica, selando a derrocada da Velha República e o processo de industrialização, mas também um momento de consolidação da cultura de massa no Brasil. São marcos dessa cultura produzida em moldes industriais: o advento da gravação elétrica (1927); a liberação da publicidade nas rádios (1932), que daria início a uma fase industrial da radiodifusão; o cinema falado (1929), que impulsionou consideravelmente a indústria cinematográfica; e o início dos desfiles das escolas de samba (1932).

No entanto, para Coutinho, cultura de massa não é algo que surge nos anos 30 como conseqüências dos novos meios de comunicação, mas sim, um processo longo e moroso de gestação do mercado, do Estado e da cultura nacionais. O autor identifica, já no início do século 19 no Brasil, indícios de uma cultura de massa no Rio de Janeiro: “[...] basta pensar nas sociedades carnavalescas que darão origem às escolas de samba e nos folhetins que estão na raiz das telenovelas atuais [...]”. Mas a história brasileira registra um mercado consumidor, o surgimento do Estado Nacional e a própria indústria cultural se consolidando, a partir de 1920.

### **A televisão**

A criação da televisão vem carregada de várias características do cinema, mas a capacidade de aproximação com o tempo presente, a estantaneidade e mobilidade, a praticidade de estar dentro das casas, dotam o aparelho de um poder impressionante na transmissão de informações, idéias e ideais.

No Brasil, a televisão chegou pelas mãos do visionário empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, em 1950. O Chatô, como era conhecido, já possuía uma rede de jornais e rádios, chamados de Diários Associados e vislumbrou na televisão – que conheceu numa viagem a Inglaterra – uma chance de revolucionar a comunicação no país e ampliar suas empresas e também seu poder. A TV Tupi de São Paulo, PRF-3 TV, foi a primeira estação a transmitir imagens e áudio em sistema aberto<sup>11</sup>. O número de aparelhos na capital paulista era ínfimo e Chatô, em medida de urgência, importou cerca de duzentos televisores, distribuindo-os entre amigos e pessoas influentes da sociedade paulistana.

Os primeiros anos da televisão no Brasil foram complicados já que o custo dos aparelhos era extremamente alto e o grande veículo de comunicação era o rádio. Porém, a magia das imagens logo fascinou o público que gradualmente passou a aderir a novidade. As décadas seguintes consagraram a televisão como o grande veículo de comunicação de massa do Brasil. O rádio manteve sua influência, mas a capacidade de reconstrução de sentidos e a espetacularização da sociedade elevou a TV a um patamar único. Tal capacidade foi logo percebida como forte meio de lucros através da publicidade e controle e disseminação ideológica. Para compreender a influência dos estudos de *déficit model* nas pesquisas relacionadas à mídia, tanto no campo da comunicação como no da educação, é preciso ter clara a perspectiva de um país cuja cultura audiovisual é soberana.

As origens desse processo podem ser identificadas já na época do surgimento da televisão. Assis Chateaubriand sempre teve uma relação estreita e até certo ponto perniciosa com as mais importantes alas do poder nacional. Seus métodos pouco ortodoxos para obtenção de benesses e privilégios econômicos e sociais o tornaram célebre. A televisão acabou se tornando a principal arma na mão de Chatô. O governo também percebeu no novo veículo uma grande janela para a divulgação de seus ideais e tratou de alimentá-lo financeiramente através de campanhas estatais de

---

<sup>11</sup> Os sinais de TV chegam até os aparelhos televisores de três formas: 1) por uma antena comum. 2) por cabo ou antena de microondas. 3) por uma antena parabólica apontada para um satélite. As duas últimas formas de transmissão ocorrem por meio de um contrato de prestação de serviço com empresas especializadas e oferecem uma diversidade de canais e opções além de contar com tecnologia superior (em alguns casos já digital) de som e imagem. A primeira modalidade é gratuita e alcança quase que a totalidade do território nacional. Por isso é chamado de TV Aberta. Tem número limitado de canais e opera com tecnologia analógica de transmissão.

divulgação que rendiam gordas receitas às empresas de comunicação. A cultura da TV estava instalada. Grandes jornalistas e escritores que atuavam na imprensa escrita e no rádio foram seduzidos e cooptados para a televisão. Aos poucos, a cultura literária influenciada pelos hábitos europeus, prestigiada no início do século XX deu lugar ao encantamento dos televisores.

Pensando então o popular a partir do massivo, Martín-Barbero (Ibid.p.310) vai apontar três mediações que considera importante na relação da televisão com o público. Quais sejam: A cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. De acordo com Ronsini (2001) “a temporalidade social parece ser a menos desenvolvida até agora, uma vez que a competência cultural (termo cunhado por Bourdieu) tem sido estudada sob diferentes aspectos – o da etnia, gênero, classe, identidades regionais, etc. – e a cotidianidade familiar, é uma das categorias mais enfatizadas nas pesquisas de recepção”.

### **A cotidianidade familiar**

Um dos principais expoentes desse processo envolvendo a cotidianidade - a televisão, que foi alçada a condição de totem, com a sala de TV que serve também como ambiente de encontro de famílias, amigos, enfim pessoas. O ato de assistir a televisão é essencialmente um ato social e de caráter coletivo. Diferente da experiência do rádio (levando-se em consideração a facilidade da audição de forma individualizada, nos carros ou *walkmen*) e principalmente das novas tecnologias computacionais, via *web*, que apesar de operar em uma rede virtual, faz da prática em si, um ato solitário.

E como ato social, assistir a televisão pressupõe mediações enquanto “lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (BARBERO, op. cit. p.304). O conceito de aquisição de habilidades está diretamente ligado ao processo de mediação e o processo de mediação passa impreterivelmente pela família.

Vários agentes ou núcleos sociais desenvolvem ou deveriam desenvolver o papel de mediadores desde a infância<sup>12</sup>. O primeiro deles seriam os pais, pois é no epicentro da família – como área privilegiada de reconhecimento - que se iniciam os primeiros contatos com a recepção das mensagens produzidas nos meios de comunicação. Identifica-se aí uma das grandes encruzilhadas para o desenvolvimento de habilidades referentes à educação para os meios: Como esperar mediadores aptos dentro das estruturas familiares brasileiras, num país onde a maior parte da população abre mão de necessidades básicas como uma geladeira para conservar os alimentos em favor de um aparelho de televisão, conforme citado anteriormente? Outro agravante é a falta de disponibilidade dos pais para acompanhar e assessorar os filhos na inter-relação com a mídia. De maneira contraditória, muitos deles utilizam a mídia – e neste ponto a TV é imbatível – como substituto do diálogo e da presença, instituindo a “babá eletrônica”.

No Brasil, a televisão é o aparelho eletrônico mais prestigiado, exercendo elevado poder de penetração e socialização. “O processo de socialização é o espaço privilegiado da transmissão social dos sistemas de valores, dos modos de vida, das crenças e representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento”. (BELLONI, 2001, p.33). A televisão assume destacada condição nesse contexto, “dividindo com a escola a função de guardiã e difusora de uma espécie de síntese dos valores hegemônicos que formam o consenso indispensável à vida social”. (Id.)

Identifica-se então um ciclo instigante: se os meios de comunicação e a escola têm o papel de resguardar e garantir a formação e proliferação de valores morais e sociais que hipoteticamente regem a vida em sociedade, seriam a escola e também o Estado, cúmplices dos desmandos e pouco compromisso com o conteúdo adotado pelos veículos midiáticos? E mais, estaria a família perdendo o posto de propagadora da essência da educação e formação e, até de forma voluntária, delegando essa função para

---

<sup>12</sup> De acordo com Polistchuk, as mediações comunicacionais podem ser classificadas em: 1) Mediação estrutural: diz respeito a distinções de classe social, acervo de vivências, experiências, influências do círculo familiar e do grupo, informações e conhecimentos de cada indivíduo. 2) Mediação institucional: refere-se ao papel desempenhado pela escola, igreja, partidos políticos e agremiações esportivas. 3) Mediação conjuntural: proporciona ao receptor um “mergulho” em seu contexto, evidenciando seus modos de ver, considerar e fazer uso de produções e produtos a ele, em princípio, destinados. 4) Mediação tecnológica: trata da eficiência de mecanismos técnicos (e tecnológicos) de produção e proposição de significados. (POLISTCHUK, op. cit., 2003,p.149)

a escola e de maneira mais enfática para a televisão, abrindo mão de qualquer forma de mediação?

Barbero aponta que a influência da mediação na cotidianidade familiar não se limita ao ato receptivo, descrito acima, mas abrange também as formas discursivas e técnico-simbólicas adotadas pelo veículo para penetrar no núcleo familiar. Diferente do cinema e seus ângulos privilegiados por longas tomadas, a fotografia impecável, o ritmo cadenciado, a televisão trabalha com o artifício do imediato, do efêmero, das cenas picotadas, de uma edição nervosa que disfarça uma produção técnica bem menos requintada – porém extremamente funcional que acaba dispersando a atenção numa operação entendida como ‘retórica do direto’ (BARBERO, op. cit. p.306). O discurso televisivo se dá, a priori, através do apresentador ou animador que se encarrega de um discurso coloquial, aparentando uma ambientação familiar, atuando como seu interlocutor, propondo dessa forma uma ‘simulação de contato’ (id.). As falas produzidas neste exercício de simulacro familiar facilmente tornam-se bordões, repetidos à exaustão, comprovando seu impacto e eficiência. A junção da linha narrativa baseada numa suposta intimidade com o cotidiano familiar aliado a um estilo técnico de montagem fragmentada e pseudo-descomprometida forjando uma aparente leveza de conteúdo marcam a produção televisiva na América Latina.

### **A temporalidade social**

E é na América Latina que se observa a predominância da cultura audiovisual que traz como ícone a televisão. O estudo da relação social com os meios de comunicação através do corte cultural no que diz respeito ao uso da televisão desvenda a abrangência e a carga temporal dedicada ao veículo. Não apenas no sentido da audiência – que move o mercado publicitário, sustenta as anacrônicas justificativas funcionalistas e acaba por gerar os fundos que movimentam a milionária indústria de produção – mas também no aspecto dos engendramentos envolvendo tempo, espaço, rotina e condicionamento.

Ao abordar a temporalidade social, Barbero lança a instigante pergunta: ‘... não seria ao inserir no tempo do ritual e da rotina que a televisão inscreve a cotidianidade no mercado?’(p.309). Desde a instituição das grades de programação e do

controle rígido do tempo e da cronometragem dos espaços comerciais na televisão brasileira, a partir do final dos anos 60, toda a estrutura de produção televisiva trabalha focada na distribuição de fragmentos ao longo de um tempo rigidamente controlado e diretamente vinculado com os ‘tempos’ que atuam nas convenções socialmente impostas. O ‘tempo produtivo’(p.307), derivado da valorização do capital é contemplado com uma linha de produção que paradoxalmente contempla quem não está devidamente enquadrado nesse sistema. Os horários da ‘dona de casa’, do estudante adolescente, das crianças, dos aposentados, que recebem seus pacotes de programação embalados em consonância com os anseios de consumo e de mercado, elaborados com base em generalizações comportamentais de cada grupo. Temos da mesma forma, o tempo oriundo da cotidianidade que é preenchido com uma programação que hipoteticamente atenda também quem estava em ação durante o ‘tempo produtivo’. Do noticiário televisivo mais ‘aprofundado’ à documentários, filmes, programa de auditório e entrevista e o ápice - redenção de convergência dos dois ‘tempos’ – a telenovela, “responsável pelo sentimento de duração, inaugurado pelo folhetim do século 19” (Ibid., p.308).

### **A competência cultural**

Um dos estereótipos mais arraigados na discussão envolvendo os meios de comunicação é a abordagem que entende que cultura não é assunto para televisão e sim para comunicação. Barbero se contrapõe a tal afirmação argumentando que “enquanto isso é a própria noção de cultura, sua significação social” que vem passando por um iminente processo de transformação, proporcionado exatamente pelo que a televisão produz e distribui. (p.310)

O autor trabalha detalhadamente o intrincado e complexo confronto cultura-televisão. Através da análise empreendida, o autor critica as posturas inflexíveis com relação ao tema, identificando e classificando os diversos grupos de acordo com seus posicionamentos. Para Barbero, a discussão cultura/televisão pode ser entendida sob as seguintes correntes: Aqueles que entendem a televisão de acordo com o paradigma da arte e a arte sendo a única coisa relevante no âmbito da cultura, ratificando o estigma de que cultura é sinônimo de culto, erudito. Logo, a televisão não apresenta tais

características ou reproduz arte e, portanto, não representa ou reproduz cultura. Muito pelo contrário, a televisão seria o expoente máximo da “decadência cultural” (p. 309).

Barbero aponta também a presença do grupo que classifica como “folclóricos” que compreendem a cultura como algo do povo, mas do povo no sentido asséptico, puro, desprovido de qualquer influência ou mistura, descontextualizada historicamente. Aqui se entende o pertencimento do popular à cultura por meio das danças, vestimentas, ritmos e costumes genuinamente nacionais. Logo, a televisão deveria reproduzir e priorizar estas características.

O autor prossegue, identificando ainda o grupo que representa os comerciantes, defendendo o “anseio do povo” aferido através das pesquisas de audiência e a urgência em atendê-lo, na retórica funcionalista. Por fim, aponta o setor público, se posicionando como avalista da população e suas necessidades, sucumbindo geralmente a um didatismo estéril e pouco adaptado às características dinâmicas de um veículo como a televisão. Barbero aponta como solução para esta situação de conflito o conceito de “cultura popular de massa”, através de uma relação de atravessamentos e interseções de variados conceitos e matrizes culturais, onde a hibridização, a “mestiçagem”, o massivo e o popular estariam no mesmo plano. Esta desconstrução de preconceitos e compartimentações ideológicas, agregando novos valores e introduzindo elementos geraria a possibilidade de uma abordagem revitalizada do veículo televisão, no seu sentido pleno.

#### **4.3.2. Mediações em Vygotsky**

Tal mudança de paradigma nos remete aos conceitos entabulados pelo enfoque histórico-cultural, proposto por Vygotsky. Trata-se de uma aproximação teórica entre a comunicação, a educação e a psicologia. Por sinal, este tipo de interdisciplinaridade sempre foi defendido pelo pesquisador russo. “Vygotsky foi capaz de agregar diferentes ramos de conhecimento em um enfoque comum que não separa os indivíduos da situação cultural em que se desenvolvem”. (WERTSCH apud REGO, 1995, p.16). Vygotsky transpassou ao longo da vida por diversas áreas do conhecimento, como: filosofia, literatura, artes, lingüística, medicina e educação.

Vygotsky compreendia a concepção histórico-cultural como o estudo dos aspectos típicos do comportamento dos homens, através das chamadas funções psicológicas superiores – que se diferenciam dos processos psicológicos elementares, inatos e de origem biológica - e de como estas características são formadas no desenvolvimento da história humana, bem como no transcorrer da vida do indivíduo. Tais estudos, como já foi colocado, tiveram um forte caráter interdisciplinar, mas a base dos trabalhos elaborados pelo pesquisador – como os de Martin Barbero - encontra raízes no pensamento de Marx, através do materialismo histórico. Vygotsky relacionou com os estudos psicológicos o preceito marxista de que as mudanças históricas ocorridas na sociedade e no contexto da vida material produzem alterações na natureza humana. Logo, “o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e na cultura”. (VYGOTSKY, 1998, p.10)

É importante considerar as circunstâncias vividas na época. A Rússia respirava o êxtase da pós-revolução de 1917 e uma “onda” de novas perspectivas, prosperidade e vanguardismo tomou conta do país. Nesse clima, a revolução particular proposta por Vygotsky e seus colaboradores principalmente no campo da psicologia, soava absolutamente contemporânea. Entre as características diferenciadas – e bastante questionadas – do padrão de trabalho executado por Vygotsky estava o método pouco ortodoxo, a falta de referências e o pouco compromisso com o empirismo. Apesar da controvérsia em torno de seu programa de trabalho, os estudos do pesquisador lançaram as bases para uma ciência comportamental unificada.

A produção empreendida por Vygotsky, apesar de seu pouco tempo de vida, foi ampla e intensa. Dentro da perspectiva histórico-cultural, são várias as aproximações possíveis com o universo tratado pelo estudo que se apresenta. Especificamente, pretende-se abordar a questão da importância do meio social e da cultura na relação entre a emissão das mensagens midiáticas e o sujeito receptor, bem como os papéis da mediação.

Começemos por um dos principais postulados, referente à relação indivíduo e sociedade. Para Vygotsky, as características típicas e exclusivas do ser humano não estão presentes desde seu nascimento e tão pouco resultam da mera pressão do meio em que vive. “[...] Elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural.

Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo”. (REGO, 1995, p.41).

Atualmente, os meios de comunicação estão severamente entranhados nas mais diversas relações sociais. É impossível desconsiderar a importância e a influência dos mesmos junto à população, independente de credo, raça, status social ou educacional. Os meios não atuam de maneira isolada da sociedade, mas sim estão nela instituídos. Livre do contato direto ou não que o sujeito tenha com algum meio de comunicação, sua vida, seu cotidiano e suas conversas diárias, passam, de algum modo, pelos conteúdos veiculados pelos jornais, rádio, televisão ou internet, constituindo a proposta de vigência de uma agenda setting<sup>13</sup>. Logo, o contato com os meios é um facilitador social, um fator de inclusão no grupo, na comunidade.

Nota-se a existência de uma diáfora onde os meios acabam por “infiltrar-se” nas relações sociais, trazendo conteúdos que pautam as mesmas, mas que também foram pautados a partir de percepções colhidas e percebidas no núcleo da própria sociedade e a cultura que a permeia. Esse constante intercâmbio acaba por gerar um processo de transformação, tanto dos meios, suas formas de produção e veiculação como do sujeito receptor, que através do exercício diário do relacionamento midiático e coletivo agrega saberes e impressões sobre o espaço em que vive e os próprios meios.

Nesse sentido, vale notar que o conceito de cultura também é transformado. Nas teorias defensivas a cultura de massa é compreendida como algo acabado, que é fomentada e programada por poucos e imposta para a maioria, sem interferências, asséptica e dotada de objetivos específicos. Cabe ao receptor abraça-la passivamente, cumprindo um roteiro pré-estabelecido. Já na teoria da recepção a cultura é parte integrante da constante troca simbólica entre os meios e a comunidade ou os sujeitos. É um processo interminável de troca, resignificação e apropriação de ambos os lados,

---

<sup>13</sup> Trata-se de uma hipótese de agendamento que a mídia realiza junto ao receptor, formulada a partir dos anos 60, pelos professores Maxwell E. McCombs e Donald I. Shaw. “[...] os meios de comunicação, embora não sejam capazes de impor o que pensar em relação a um determinado tema, como desejava a teoria hipodérmica, são capazes de, a médio e longo prazos, influenciar sobre o que pensar e falar [...] ou seja, dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados pela mídia – o público termina por incluí-los em suas preocupações. Assim, a agenda da mídia de fato passa a se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda coletiva.” (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p.188 e 191)

emissor e receptor, numa contínua construção social. Vygotsky, fazendo alusão ao desenvolvimento das funções psicológicas tipicamente humanas, aponta como preponderante o contexto cultural e social.

[...] o desenvolvimento mental humano não é dado a priori, não é imutável e universal, não é passivo, nem tampouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana. A cultura é, portanto, parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações. (Ibid., p.42)

As mediações são estratégias de comunicação. E a sua percepção como tal é parte inerente do processo de resignificação do sujeito receptor. Em seus estudos relativos as funções psicológicas especificamente humanas, Vygotsky trabalhou de maneira destacada os aspectos da mediação. Para ele, o processo de mediação está presente em toda a atividade do homem e é através dele que as funções psicológicas superiores se desenvolvem. “São os instrumentos técnicos e os sistemas de signos<sup>14</sup>, construídos historicamente, que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo”. (REGO, op.cit., p.42)

Baseado no conceito de mediação entre homem e natureza através do trabalho, proposto por Marx, Vygotsky elaborou um raciocínio a respeito da função mediadora presente nos instrumentos constituídos para as práticas da atividade humana. Neste momento, nos interessa aproximar os conceitos de mediação aplicados na teoria da recepção às reflexões realizadas por Vygotsky acerca da relação mediadora dos pais (família) na formação psicológica dos filhos e também do papel da cultura como instrumento de mediação. Ambas as situações, de um modo ou outro se entrecruzam no contexto das mediações. Vale destacar que a utilização da criança tanto na terminologia como nos experimentos de fato produzidos por Vygotsky simulam, na realidade, o Homem como um todo. O uso da criança é justificado pelo fato de que as crianças representam a totalidade do potencial humano ainda não desenvolvido.

---

<sup>14</sup> [...] o signo pode ser considerado aquilo (objeto, forma, fenômeno, gesto, figura ou som) que representa algo diferente de si mesmo. Ou seja, substitui e expressa eventos, idéias, situações e objetos, servindo como auxílio da memória e da atenção humana [...] (Ibid., p.50).

Já Peirce, nos apresenta uma conceituação bastante abstrata de signo. “Um signo ou representamem é algo que representa a alguém, alguma coisa por qualquer relação de qualquer maneira”. (PEIRCE apud MATTELART, 1999, p. 33)

Um dos grandes questionamentos da teoria histórico-cultural trata da diferenciação entre a constituição e formação derivada da estrutura fisiológica, de origem biológica e a formação e desenvolvimento desencadeados pelo contexto sócio-cultural. Sempre se relevando que os dois campos, a certa medida, acabam se entrecruzando. Vygotsky entende que “as características individuais (modo de agir, de pensar, de sentir, valores, conhecimentos, visão de mundo etc.) depende da interação do ser humano com o meio físico e social”. (Ibid., p.58).

Avalizando essa perspectiva, Vygotsky aponta os processos de mediação nas famílias como fundamental para o desenvolvimento do sujeito. Analogamente, o presente estudo indica que a mesma importância é reservada às famílias nos processos de mediação midiática dentro dos conceitos da teoria da recepção e do *acquisition model*. E mais, pode-se reservar semelhante papel à educação nesse mesmo panorama sócio-cultural.

Desde a chegada de um ser humano ao mundo, os processos de mediação já se fazem presentes. Por ser extremamente frágil, o homem necessita da mediação de outros do mesmo grupo até para sobreviver. São os outros que atribuem significados a realidade. Os processos de alimentação, de cuidados com a higiene, segurança e preservação são mediados pelos mais velhos. É também com o auxílio dos adultos que as crianças compreendem os costumes enraizados no cenário sócio-cultural no qual ela está inserida, como: utilizar talheres, se vestir, se relacionar com o outro, falar um idioma. Tais procedimentos que sedimentam as chamadas funções superiores das quais fala Vygotsky. A fala (como instrumento ou signo), por sinal, foi um dos aspectos mais estudado pelo pesquisador.

Vygotsky nos aponta que com a continuidade dos processos de mediação ou significação da realidade amparada nos aspectos sócio-culturais a criança passa de um estágio de dependência (regulação interpessoal ou atividade interpessoal como foi nominada) para um processo de independência e autonomia (regulação intrapsicológica ou atividade intrapessoal). Importante frisar, que se tratam de processos mediadores, já que a socialização não é uniforme, não é passiva. E não de processos mecanicistas de estímulo-resposta, tão combatidos por Vygotsky. Entende-se então, que o papel familiar

– e toda a sua carga social, afetiva, histórica e cultural - é crucial para o desenvolvimento e a formação do sujeito.

Essa formação vai se refletir no modo como esse sujeito vai se relacionar com a mídia. Relacionamento este, cada vez mais precoce. Os pais, ou o núcleo familiar constituem, portanto, o primeiro e fundamental eixo mediador do homem. Ou “microsistema”, como propôs Urie Bronfenbrenner, em seu estudo que descreve as influências societárias na formação do indivíduo. (RATNER, 1995, p.147)

Essa argumentação ratifica a gravidade da situação apontada anteriormente, de que a família está abdicando seu papel de mediadora e com isso abrindo mão uma série de valores histórico-culturais nas relações com a mídia, especialmente a televisão, e depositando esta incumbência na conta da educação. Mas e como a educação está lidando com isso?

Poucas são as experiências na escola que utilizam os meios de comunicação não apenas como um suporte de transmissão. A utilização dos meios de comunicação tanto no seu aparato técnico como na dimensão social, ideológica e teórica são extremamente incipientes. Constatam-se casos isolados, decorrentes de alguns professores específicos que possuem interesse no funcionamento dos meios e nos desenvolvimentos das novas tecnologias e que acabam transportando estas inquietações e reflexões para dentro das salas de aula, numa proposta de educação para as mídias ou aquisição de novas habilidades. Mas são exceções. A regra é uma tendência à acomodação.

No caso específico de interesse deste estudo, o estudante e o ensino de jornalismo, percebe-se a necessidade de que num primeiro momento os professores assumam esta perspectiva, a de que eles próprios representam importantes vórtices de mediações, ativamente interpostos entre sujeitos de um processo de comunicação.

Vygotsky, no início do século XX já sugeria uma revisão da função do professor diante da perspectiva das mediações. “[...] nessa abordagem, o professor deixa de ser visto como agente exclusivo de informação e formação dos alunos, uma vez que as interações estabelecidas entre as crianças também têm um papel fundamental na

promoção de avanços no desenvolvimento individual” (REGO, op. cit., p.115). Vale ressaltar, que na época da formulação das bases da teoria histórico-cultural, na Rússia pós-revolução, logicamente Vygotsky não trabalhava com a hipótese de uma sociedade assolada por altas doses de informação – muito pelo contrário. Sua percepção estava calcada na cultura e nas influências sociais as quais o indivíduo era submetido e que por si só já denunciavam a necessidade de um profissional da educação capaz de servir como mediador desta bagagem “externa” trazida por cada aluno e os conhecimentos formais propagados pela escola.

Nesse panorama, percebe-se a necessidade de conscientização da importância do mediador cultural, ou educador, capaz de efetivar a convergência teórica e prática entre as ciências da educação e as ciências da comunicação. No caso específico do ensino de Jornalismo, um profissional capaz de compreender que:

“Quando ele introduz os meios como objeto de estudo, não é para fazer do aluno um pseudo-jornalista ou aprendiz-apresentador, mas para ensiná-lo a analisar do triplo ponto de vista do "poder" econômico e ético (político) que os produz, das montagens do discurso e da cena que constrói as mensagens e da audiência que lhes dá “sentido”. (JACQINOT apud SOARES, 2004)

Todavia, este estudo tem como uma das hipóteses, a falta de amadurecimento com relação às novas percepções. A influência dos meios e, principalmente a televisão, ainda recebe uma abordagem fortemente enraizada nos moldes das teorias críticas. A análise empreendida e proposta através dos desenvolvimentos curriculares e das bibliografias indicadas nos cursos de jornalismo analisados (ver anexos) continuam refletindo o condicionamento de um receptor paralisado e dominado. As discussões em torno da influência da mídia televisiva apontam, anacronicamente, para uma posição simplista e reducionista. São desprezadas as características de negociadora de sentidos e de local privilegiado para a observação do fluxo cotidiano inerentes à televisão. A herança funcionalista e frankfurtiana, apesar de trazer contribuições importantes ao apontar as relações entre os veículos as ideologias e o *establihmment* financeiro, colaborou decisivamente para a “demonização” da relação escola-televisão. Tais fundamentos estão arraigados.

Entre os fatores que contribuem para esta estagnação discursiva especula-se a insistência da não inclusão das contribuições teóricas produzidas por outras áreas das ciências sociais. O ensino da comunicação ainda permanece restrito as teorias e reflexões produzidas no âmago da sua área de conhecimento. Detecta-se uma certa resistência ao intercâmbio e pluralização conceitual, gerando um ciclo hermético de especificidades, onde tudo é compartimentado e devidamente rotulado.

Dentro da proposta de surgimento de um novo campo epistemológico envolvendo e aproximando as ações comunicacionais e educativas, este estudo entende como fundamental a quebra de tais paradigmas e nesse sentido aponta como significativa a contribuição das pesquisas realizadas por Lev Semenovich Vygotsky, através da perspectiva histórico-cultural.

#### **4.4 Educomunicação x mídia-educação – antagonismos e convergências**

Tanto as abordagens baseadas nas deficiências dos meios como a que defende a aquisição de habilidades para a convivência e apropriação dos meios têm nas suas gêneses a aproximação entre os campos da educação e comunicação, visto que a escola representa uma instituição educativa, social e política, simultaneamente.

As evidências do surgimento de um novo campo epistemológico unindo educação e comunicação são bastante recentes. Os estudos nesse sentido tiveram início na última década do século vinte e ainda não constituem bases bibliográficas próprias e devidamente solidificadas, apesar do assunto já estar inserido nos grupos de trabalho tanto da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom) como da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). Esta situação teve que ser considerada quando da escolha de se trabalhar uma temática que abordaria o assunto. Apesar da dificuldade e do risco, considerou-se importante levantar tais questões aproximando-as do universo do estudante de Comunicação Social – Jornalismo e seu relacionamento com a mídia, especialmente a televisão.

Tendo em vista a carência de material bibliográfico, optou-se por encarar o desafio utilizando os pontos de vista e considerações firmadas por pesquisadores

precursores no Brasil dentro dessa nova área. Representando a comunicação, temos Soares (1999).

Na área da educação temos as posições apresentadas por Belloni (2002). Tais observações surgiram no desenvolvimento do trabalho do grupo de pesquisa Mídia e Conhecimento, do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da UNIVALI, ao longo de 2002. Na época, através dos respectivos sites, da leitura de textos teóricos e de relatos de pesquisas de colegas, acompanhávamos os estudos realizados por Ismar Soares acerca do novo campo epistemológico. Comunicador, professor da ECA-USP e coordenador de projetos pioneiros envolvendo educação e comunicação, Soares é uma referência latino americana no assunto.

Em nossos estudos no grupo de pesquisa, percebemos que de acordo com Soares (1999), existem quatro tópicos que estariam sendo avaliados para a efetivação do campo de intersecção cunhado como educomunicação:

- Epistemologia do novo campo.
- Educação para os meios de comunicação.
- A mediação pedagógica das novas tecnologias.
- Gestão da comunicação nos espaços educativos.

Ismar aponta como objetivos específicos da educomunicação promover o acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação; identificar como o mundo é editado nos meios; facilitar o processo ensino-aprendizado através do uso criativo dos meios de comunicação (não apenas o conhecimento da tecnologia em si, mas de suas características e da importância do acesso), além de promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa. Nota-se a tendência do pesquisador em valorizar o fazer “técnico” da educomunicação, o conhecimento prático e efetivo.

Tais assuntos são sugeridos, de acordo com uma pesquisa realizada por Soares entre 1997 e 1998 na qual entrevistou produtores culturais, arte-educadores, tecnólogos, professores, pesquisadores e profissionais de comunicação e de educação de toda a América Latina, concluindo “que efetivamente um novo *campo do saber* mostra

indícios de sua existência, e que já pensa a si mesmo, produzindo uma *meta-linguagem*, elemento essencial para sua identificação como objeto autônomo de conhecimento: o campo da inter-relação Comunicação/ Educação”. (Id.)

As conclusões da pesquisa apontam, também, para alguns desafios:

- Como formar e atualizar os profissionais do novo campo? Ou, em outras palavras: Que papel estaria reservado às Faculdades de Educação e de Comunicação na preparação de mão-de-obra qualificada para o exercício das funções da Educomunicação?

- Como conviver com e/ou superar as possíveis resistências que projetos no campo da inter-relação Comunicação/Educação venham a encontrar junto às autoridades da educação, junto aos produtores culturais e comunicadores ou mesmo junto aos órgãos financiadores de projetos de pesquisa e de desenvolvimento sócio-cultural?

As questões formuladas pelo autor já se mostravam bastante complexas e instigantes. Mas um novo texto apresentado ao grupo surpreendeu os participantes. Tratava-se de uma crítica às propostas de Soares feitas em Belloni (1999). Os integrantes do grupo de pesquisa partiram então do site da ECA/USP onde analisavam o trabalho de Soares, para o site da FE/UFSC, de onde se originavam as críticas. Maria Luiza Belloni é professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenadora da linha de pesquisa Educação e Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Educação. É uma das precursoras da pesquisa do campo de intersecção educação/ comunicação e já produziu projetos de educação para mídia específicos para a área da televisão.

Estabelecia-se então, uma contenda entre uma Faculdade de Comunicação e uma Faculdade de Educação. Naquele momento, Belloni colocava em pauta a questão da formação do professor da área surgida da intersecção dos dois campos de conhecimento. Enfática, a autora apontava a presença de um tom normativo e impositivo nas proposições realizadas pelo pesquisador da ECA/USP.

“[...] o perfil do educador não parece corresponder, em minha opinião, nem a um fenômeno real [basta ver as dificuldades de integração das TICs na instituição escolar, em qualquer nível] nem a um conceito teórico, suficientemente seguro para orientar a formação de novos profissionais de educação. Esta proposta aparece no texto como um dos resultados da pesquisa, mas na verdade trata de um conceito que já vinha construído e para cuja análise a pesquisa parece ter sido orientada [...]”

Entre as colocações de Belloni, o questionamento sobre a formação do professor capaz de atuar na nova área foi o que mais nos despertou a atenção. A pesquisadora, através de sua colocação, altera o foco da discussão, que até então estava baseada especificamente no papel da escola, ou da educação. Belloni aponta sua argumentação para a questão “quem vai formar o comunicador” sugerindo que a problemática da criação de um novo campo passa também, pela revisão do papel da comunicação e do comunicador e por consequência do professor ou dos professores destes comunicadores.

[...] ao trabalhar suas hipóteses, o autor (Soares) começa a propor, sempre com base na pesquisa, a constituição de um campo de intervenção apenas na educação, mais especificamente no “espaço escolar” como se o processo convergente, a comunicação, com seus meios e seus sistemas, não exigisse mudanças ou não as permitisse [...] quem educa os educadores? Quem forma os comunicadores? [...].

Este é um ponto crucial também para o estudo que se apresenta. Independente da instituição de um curso de graduação ou pós-graduação específico para formar o profissional da nova área epistemológica situada entre educação e comunicação – que por sinal, é uma das intenções defendidas por Soares -, é fundamental que sejam revisados os modos de comunicação e os sistemas de produção e formatação dos meios. Mas não apenas isso. É necessário que se institua um cabedal teórico que aproxime os dois campos do conhecimento. Igualmente é preciso que novos sentidos, como a resignificação do sujeito receptor sejam de fato absorvidos.

Entende-se como fundamental então, que os futuros jornalistas, que serão os profissionais da comunicação, tenham o conhecimento da existência desse novo

campo e que tal perspectiva seja considerada pelos professores. Afinal, são os educadores dos comunicadores de que fala Belloni. Com relação à formação do educador, educador para os meios ou mediador cultural, a autora Jacquinet nos apresenta uma interessante reflexão:

Um educador é alguém que tem a dupla função teórica, em ciências da educação e em ciências da comunicação: é consciente que uma educação “de massa” e “multicultural” se situa além da simples aquisição de conhecimentos escolares; procura não desvalorizar a cultura midiática, principalmente televisiva dos jovens[...] mas apóia-se nela nos cursos de educação para os meios como em outros cursos; vê nos meios uma riqueza pelos conteúdos informativos certos, mas também pela maneira em que eles fornecem uma representação do mundo: donde a necessidade de analisar e de comparar, visando retificar as ditas representações; está convencido que uma emissão não é um ato passivo mas mobiliza uma quantidade de micro-saberes[...] (JACQUINOT, 1998)

No momento, a nomenclatura talvez represente uma causa menor. Para uns, educador, para outros, mídia-educador. A prática pedagógica no contexto da educação tem o caráter multidisciplinar e o conhecimento e apropriação dos meios de comunicação são fortes integrantes dessa realidade. Brota daí, a definição do perfil de um novo profissional, que deixará de ser apenas um formador/ informador e se tornará um mediador.

Nos dias de hoje, onde vivemos sob a égide da informação instantânea e quase onipresente, com os simulacros sociais em toda a sua extensão se desenvolvendo e proliferando a cada momento, a presença do professor mediador é uma urgência. O conhecimento foi descentralizado e de certa maneira desterritorializado. O desenvolvimento das mídias desnuda um universo de paradoxos culturais, que acabam por questionar constantemente as verdades tidas como absolutas e incontestáveis. Saber administrar essa nova realidade é o desafio.

Tal contexto não implica no desmerecimento da função do professor no processo de ensino-aprendizagem, temor de muitos educadores. Pelo contrário, a atividade de mediar valoriza o professor, que passa a ser um possibilitador das interações entre os próprios estudantes e os mais diversos conteúdos e informações

escolarizadas e também não-formais, provenientes do contexto sócio cultural de cada aluno e dos meios de comunicação aos quais são expostos. A interferência e depuração por parte do professor no saber midiático é fundamental num panorama onde as informações veiculadas pelos meios têm uma penetração social tremenda.

Cabe aqui, uma passagem de Belloni em “A Formação na Sociedade do Espetáculo”:

[...] nossas inquietações dizem respeito à construção [...] de um campo teórico e prático que deve dar conta da convergência inédita na história da humanidade dos processos de comunicação e educação, decorrentes da conjunção de fenômenos técnicos e econômicos: redes telemáticas, miniaturização de aparelhos eletrônicos, globalização econômica e mundialização da cultura[...] transformando o usuário, levando a escola de roldão, mas exigindo também novas formas de regulação das mídias de massa e, sobretudo, mudanças também na formação dos comunicadores[...]. (BELLONI, 2002, p.30- 31).

A autora considera que as questões que dizem respeito à formação dos comunicadores parecem não fazer parte das discussões referentes à formação do novo campo epistemológico. Como educadora que é, faz um mea culpa ao campo educacional afirmando que o mesmo trata os meios de comunicação como elementos meramente instrumentais, ignorando a sua capacidade de produção de significados.

Sobre as reflexões do surgimento da nova área, Belloni elenca sete pontos básicos para a discussão ou as “sete teses sobre mídia-educação”:

- 1- A compreensão da convergência dos dois processos sociais – comunicação e educação – em sua plenitude, fazendo dos meios tanto objeto de estudo como ferramenta pedagógica para uma nova proposta de educação.
- 2- Compreender que os avanços tecnológicos que afetam e desenvolvem os meios de comunicação são os mesmos que afetarão e desenvolverão a educação.
- 3- Entender que mais importante que a nomenclatura, é a aplicação de uma estratégia capaz de formar efetivamente um sujeito capaz de refletir,

produzir e se comunicar utilizando tanto os conhecimentos e habilidades técnicas como simbólicas.

- 4- Compreender as “regras da arte” dos meios de comunicação e sua participação no contexto social, cultural, político e econômico, ratificando o item 1.
- 5- A necessidade de flexibilização tanto do espaço escolar como dos meios de comunicação e comunicadores. “À formação de educadores sintonizados com as novas linguagens presentes nas mídias deve corresponder à formação de comunicadores mais sintonizados com as funções educacionais das mídias e sua responsabilidade social” (Ibid., p. 38)
- 6- A formação de um educador deve sobrepor preconceitos de ambas as classes. O importante é a gênese de um profissional ou professor capaz de compreender o contexto contemporâneo da mediação do conhecimento.
- 7- A necessidade eminente da consolidação de uma estrutura teórica e do desenvolvimento de pesquisas que embasem com profundidade e credibilidade científica o novo campo.

Analisando as proposições de Belloni, especificamente os itens 1 e 4, percebe-se o contraponto da autora com relação à estrutura proposta por Ismar visando classificar a Educomunicação em quatro áreas anteriormente citados (epistemologia do novo campo, educação para os meios de comunicação, a mediação pedagógica das novas tecnologias e a gestão da comunicação nos espaços educativos):

[...] me parece difícil separar duas dessas áreas “educação para a comunicação” e “mediação pedagógica das novas tecnologias”, vejo-as mais como duas dimensões do mesmo processo de integração à educação, de todas as mídias, ou das TIC, desde o livro e o jornal ao “último grito high tech” recém disponível no mercado. [...] Afinal, os meios técnicos são os mesmos, utilizados pelos sistemas de comunicação ou de educação, o que diferencia esta utilização são os objetivos e finalidades de um e outro campo. A integração destes meios técnicos à educação só será realmente eficiente e eficaz isto é, adequada às demandas sociais, se incluir a reflexão sobre as “regras da arte” do meio técnico utilizado e sobre sua contextualização social, cultural, política e econômica, ou seja, se respeitar a dupla dimensão do uso pedagógico de qualquer

mídia: ao mesmo tempo objeto de reflexão e instrumento pedagógico. (Ibid., p.37)

Para Belloni, o professor é a pessoa adequada para fazer a aproximação entre os saberes midiáticos e os saberes formais. E mais, deve executá-lo numa perspectiva que possibilite não apenas a utilização técnica do aparato tecnológico proveniente dos meios de comunicação, mas também produzindo e incentivando a reflexão sobre estes meios e suas funções sociais. Já Soares, argumenta que o profissional para atuar na nova área em formação deve ser um especialista do campo da comunicação, que atuaria no espaço escolar.

A autora afirma que a responsabilidade pelo campo emergente não se restringe à capacitação dos professores da escola tradicional, mas também a “formação de comunicadores mais sintonizados com as funções educacionais das mídias”, apontando que “da mesma forma que o espaço escolar necessita deixar entrar as mídias, é imprescindível que os espaços comunicacionais voltem-se mais para os objetos realmente educativos”.(Ibid., p.38)

Nesse sentido, o presente estudo aponta a participação do formador dos comunicadores (que na essência é um educador) como fundamental na desmistificação de anacronismos teóricos que rondam o ensino do jornalismo – objeto desta pesquisa. A superação, sem desmerecer sua contribuição e importância, dos estudos baseados nas teorias críticas através da introdução e desenvolvimento do pensamento mais contemporâneo, proposto pelas diretrizes do *acquisition model*, com a concepção de mediação - compreendida como modelo interpretativo e relacional de apropriação de conhecimentos - e o redescobrimto do sujeito receptor aparecem como fundamental contribuição a ser dada pelos comunicadores no processo de solidificação do novo campo epistemológico da educomunicação ou mídia-educação.

Do mesmo modo, a aproximação teórica entre as correntes comunicacionais e educacionais, revelam-se primordiais para a constituição de uma fundamentação teórica comum, que legitime o novo campo e atenua a irredutibilidade e os estereótipos que marcam as duas vertentes do conhecimento. São múltiplas as possibilidades de estudos que podem advir dessa flexibilização de posicionamentos. Para além da polêmica apresentada, este trabalho cristaliza a aproximação das teorias educacionais e

psicológicas aos estudos comunicacionais, no caso as postulações histórico-culturais, entendendo representar um avanço na discussão da nova dimensão proposta.

## **5. METODOLOGIA**

### **5.1 Postura metodológica: o grupo focal**

O estudo que se apresenta não tem como característica o embasamento de seus dados de maneira quantitativa. A opção pela pesquisa qualitativa em profundidade se deu através da proposta do trabalho, que é explorar dados subjetivos do relacionamento do estudante de jornalismo com a mídia, em especial a televisão, o seu posicionamento diante das mensagens recebidas e as discussões e atividades realizadas em sala de aula visando a educação para os meios, educomunicação ou mídia-educação, partindo da hipótese de que de que as escolas de Comunicação – Jornalismo - não estão desenvolvendo, de forma satisfatória, ao longo de seus currículos, discussões referentes a educação para as mídias através de abordagens teóricas contemporâneas visando a aquisição de habilidades técnicas e simbólicas para o manuseio e a real compreensão das mensagens, do papel do receptor e das influências sócio-culturais.

Neste contexto, a coleta de dados quantitativos seria insuficiente e apontaria resultados superficiais para a análise pretendida. O trabalho de pesquisa envolve um universo bastante específico de sujeitos – estudantes de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo de duas universidades de Santa Catarina. Nesse contexto, optou-se pela técnica denominada:

#### **Grupo de Discussão ou Grupo Focal**

A técnica consiste na formação de pequenos grupos envolvendo entre 6 e 12 participantes, que sejam representativos do setor ou comunidade a ser investigado, caracterizando-se como amostragem não-probabilística por acessibilidade ou por conveniência (GIL, 1999, p.104). Kotler & Armstrong (1993, p.70) definem a prática como entrevistas grupais, através das quais, as pessoas envolvidas se reúnem por algumas horas com um entrevistador habilitado para discutirem sobre um produto,

serviço ou organização. O objetivo é explorar “as possibilidades da dinâmica da interação das pessoas numa situação artificialmente criada que permita verbalizações espontâneas” (JORDÃO, 1994, p.48)

Os participantes foram incentivados ao exercício da troca de experiências e pontos de vista entre si. A aplicação do instrumento aconteceu de maneira individualizada com cada grupo. Todo o processo foi elaborado e estruturado pelo pesquisador através da construção de roteiros específicos que contemplassem os objetivos do estudo. Outra preocupação foi a formação dos grupos. Para a obtenção de um material de análise confiável é fundamental que os princípios da técnica (homogeneidade etária e sócio-cultural, participação e vivência efetiva no dia-a-dia do curso, capacidade de expressão e oralidade) sejam respeitados. Logo, para o cumprimento desses aspectos, é necessário um conhecimento íntimo do universo a ser pesquisado. Nesse ponto foi importante a participação da bolsista do Programa Integrado de Pós-Graduação e Graduação na seleção dos entrevistados - já que era aluna do Jornalismo de uma das universidades - e também o fato de o pesquisador atuar na docência da outra instituição pesquisada o que lhe conferia um conhecimento prévio dos sujeitos participantes. Sem tais subsídios, seria praticamente impossível a aplicação da técnica, pois dificilmente se conseguiria o nível de informação necessário para a formação dos grupos.

As conversações foram conduzidas pelo pesquisador e, em um dos grupos, pela bolsista, tendo como observadora uma jornalista profissional com experiência em entrevistas e reportagens especialmente convidada. Esta situação acabou ocorrendo pelo fato de a mesma sessão ter sido suspensa em duas outras ocasiões por motivo de falta de estudantes que já haviam confirmado presença anteriormente. Na data limite para o encontro, não foi possível ao pesquisador estar presente por estar cumprindo compromisso docente inadiável em outra cidade. Naquelas circunstâncias seria muito remota a possibilidade de um novo agendamento ainda no mesmo semestre, tendo em vista o empecilho de retirar os alunos envolvidos durante o horário das aulas em período de provas e trabalhos finais. Mesmo com todas as dificuldades ainda não foi possível realizar o primeiro encontro com o número mínimo exigido, pois apesar de todas as solicitações um dos convidados acabou faltando. Toda a situação foi ponderada entre o pesquisador e seu orientador, chegando-se a conclusão de que não haveria danos

significativos para a coleta de dados daquela universidade o fato de realizar o encontro com cinco participantes. As sessões duraram aproximadamente duas horas cada uma, que é o tempo máximo indicado para esta técnica, e os tópicos da discussão elencados em formato semi-estruturado.

Foram sujeitos da dinâmica estudantes do curso de Jornalismo da universidade A, no ano de 2003, e da universidade B, no ano de 2005. Por questões éticas, preferiu-se omitir o nome das universidades pesquisadas, por considerar esse dado irrelevante para os objetivos da pesquisa. Os nomes dos participantes também foram substituídos pelas iniciais de cada um. Os detalhes das duas coletas e as respectivas análises serão apresentados mais adiante. Na ocasião da aplicação da técnica, todos estavam cursando a sétima fase da graduação. No caso da universidade A, faltando um ano para a conclusão do curso (9 fases) e na universidade B, há apenas seis meses do término (8 fases). A escolha pelos estudantes da sétima fase se deu por considerar que já adquiriram maturidade técnica e teórica razoável, tendo passado pelas principais disciplinas das respectivas matrizes curriculares (ver anexo 1 e 2). A opção por instituições de Santa Catarina se deu pela facilidade de contato e deslocamento e por possibilitarem, conforme relatado acima, um prévio conhecimento dos estudantes, condição essencial para o instrumento de pesquisa utilizado.

Como pré-teste, foram realizados dois grupos de discussão: o primeiro deles com oito estudantes da terceira fase do curso de Pedagogia da universidade A. Este teste foi aplicado no ano de 2003. Na ocasião era intenção do pesquisador incluir no universo do estudo a visão do pedagogo, mas, posteriormente, por uma questão de delimitação e profundidade do foco, optou-se por restringir as análises aos acadêmicos de Jornalismo.

Também foi realizado um grupo com cinco acadêmicos de Jornalismo da universidade B. As duas experiências serviram como importante parâmetro para o delineamento dos tópicos, a distribuição equilibrada do tempo e a percepção da necessidade de atenção com o possível direcionamento que alguns participantes podem exercer em decorrência de fatores como idade, status hierárquico, conhecimento ou experiência profissional que acabam gerando pressão sobre os outros integrantes do

grupo.

O grupo focal tem por premissa a constituição homogênea, com integrantes que apresentem familiaridade com os tópicos a serem discutidos e níveis sócio-econômicos e culturais aproximados. A homogeneidade do grupo assegura “uma melhor dinâmica interna, gerando uma troca e conflito de opiniões, importante para a obtenção de respostas para o problema investigado que permita verbalizações espontâneas” (Id.).

Outro ponto importante foi a mediação durante as discussões. Mostrou-se fundamental – ratificando a experiência do pré-teste - a definição clara dos pontos a serem abordados, pois em algumas ocasiões o debate tendeu a desgarrar dos objetivos estabelecidos, exigindo uma sutil intervenção e o restabelecimento do rumo da discussão. Vale ressaltar que a experiência do pesquisador em atividades jornalísticas foi fundamental para o desenvolvimento da técnica do grupo focal. Para o registro das conversações, optou-se pela utilização de gravador cassete de áudio e o acompanhamento de anotações escritas sobre o debate propriamente dito e também observações a respeito da linguagem corporal de cada integrante. A captação de imagens da dinâmica através de câmeras de vídeo foi descartada por considerar que a presença do equipamento constrangeria e inibiria alguns participantes, comprometendo a naturalidade das declarações e a credibilidade das informações coletadas.

Aos estudantes foi solicitado, após a apresentação (nome e período acadêmico) que falasse da escolha pelo curso de Jornalismo, bem como da expectativa com relação ao curso (no seu início e atualmente). Após essa introdução, iniciou-se o debate norteado pelas seguintes questões:

- O que vocês entendem por mídia? Aqui se pretende verificar a compreensão que os estudantes fazem do termo, sua aplicação e função.
- Em que medida a mídia influencia a vida das pessoas? Verificar como os estudantes analisam as relações midiáticas no contexto social e seus desdobramentos nas relações cotidianas
- Como estudantes de Jornalismo, vocês se sentem influenciados pela mídia? Observar em que grau o curso de Jornalismo influi na relação do estudante de Comunicação e a mídia e como esse processo ocorre.

- Existem reflexões sobre a influência da mídia na sala de aula? Os professores incentivam tal reflexão, trazendo fatos, fazendo aproximações? O objetivo é aferir como e em quais momentos o ensino no curso de Jornalismo desenvolve a reflexão sobre as relações midiáticas.
- O que significa o senso crítico ou visão crítica? Através desse questionamento o pesquisador pretende verificar a compreensão e a intensidade da criticidade com relação aos meios apresentada pelos sujeitos do estudo.
- Como é a sua relação com a televisão? Quais programas assiste? Quais não assiste? Nesse item a pesquisa especifica o foco de interesse na televisão, como sendo o meio de maior penetração e apelo. Igualmente é possível observar o gosto os critérios de escolha e a influência da criticidade nos estudantes de Jornalismo.
- Vocês conhecem o termo “recepção” em comunicação? Com essa questão se pretende verificar o entendimento e a apropriação da terminologia inerente aos estudos contemporâneos da Comunicação e que aborda um importante aspecto para a estrutura teórica empreendida pela presente pesquisa.
- Vocês já ouviram dentro da sala de aula o termo mídia-educação? Educomunicação? Educação para os meios? Vocês têm conhecimento desse tema? Esse item complementa o anterior no sentido de compreensão e aplicação da fundamentação teórica. É válido também para a observação dos conteúdos e reflexões desenvolvidas ao longo do curso de Jornalismo
- Quais as mídias mais utilizadas? Como é a relação com os livros, rádio, cinema, internet? O último item amplia a observação para o consumo de mídia dos futuros jornalistas de uma maneira geral, permitindo uma análise do tipo de relação, do acesso às novas tecnologias da comunicação e da intensidade de consumo das mídias.

### **5.1.1. A formação dos grupos**

A seleção dos estudantes para a composição dos grupos ocorreu através da indicação de professores e da observação prévia do histórico de participação nas aulas e nas atividades desenvolvidas ao longo do curso de Jornalismo nas universidades pesquisadas. Era fundamental que os alunos selecionados participassem efetivamente

das aulas e das discussões em sala, além de vivenciarem de fato o desenvolvimento curricular do curso. Ao todo foram formados quatro grupos distintos:

1º GRUPO*	UNIVERSIDADE A PEDAGOGIA	8 ESTUDANTES
2º GRUPO*	UNIVERSIDADE B JORNALISMO	5 ESTUDANTES
3º GRUPO	UNIVERSIDADE A JORNALISMO	5 ESTUDANTES
4º GRUPO	UNIVERSIDADE B JORNALISMO	7 ESTUDANTES

*\*pré-teste*

Os encontros aconteceram em ambientes que ofereciam privacidade aos participantes e condições técnicas para a captação do áudio, nas sedes das próprias universidades. Para a realização das sessões foram encontrados alguns obstáculos. As duas universidades oferecem os cursos no período noturno e a maior parte dos alunos exerce atividades profissionais durante o dia. Isto constituiu uma dificuldade para reunir os grupos, pois foi preciso contar com a parceria de alguns professores que disponibilizaram as suas aulas para que os estudantes pudessem participar da coleta de dados. Outra agravante é o compromisso com a homogeneidade dos participantes exigidas para a seleção e que inviabilizam substituições repentinas. Em duas ocasiões foi preciso cancelar a dinâmica, pois mesmo estando com as presenças confirmadas, alguns estudantes não compareceram ao encontro na data marcada.

## **6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

### **6.1 Grupo focal – Jornalismo da Universidade A**

Inicialmente será apresentada a análise da discussão realizada com os alunos da sétima fase do curso de Jornalismo da universidade A. Conforme citado, esta etapa da pesquisa foi acompanhada por uma bolsista do Programa Integrado de Pós-Graduação e Graduação e por uma jornalista profissional, convidada a participar como observadora.

Os dados levantados com os jovens participantes apontam aspectos relevantes sobre o ensino da Comunicação propriamente dito e o vislumbre da prática de uma educação para a mídia ou criticidade, mesmo que não oficializada ou especificada na estrutura curricular do curso. Os estudantes de Jornalismo da sétima fase iniciaram o encontro relatando individualmente o porquê da escolha pelo curso e as respectivas avaliações dos três anos e meio de estudos universitários no que diz respeito ao ganho de conhecimento e desenvolvimento de conteúdos.

Os futuros jornalistas estão convencidos de que vêem os conteúdos curriculares muito por cima, de maneira superficial. Apesar de também reconhecerem que “depende muito do aluno, se tu não correr atrás das informações, se ficar só com o que os professores te passam é pouco. Tem que sempre ir um pouco mais além do que eles te passam em sala de aula”. Entre os motivos que levaram a escolha do curso, bastante presente está o “ler e escrever” apontado como um diferencial na profissão. . Dos cinco entrevistados pode-se notar que três deles identificam a profissão do jornalista com o ato de ler e escrever. “Jornalismo porque escolhi pela área de comunicação social. Gosto muito de escrever, ler, me identifiquei com todas as áreas rádio, TV e impresso...” Percebe-se aqui, a marcante característica do romantismo literário, inerente à profissão do jornalista. E não apenas o ato de ler e escrever em si, que é comum à profissão e às profissões de um modo geral. Podem-se interpretar, de acordo com as falas, as ideologias – mesmo que não se saiba exatamente quais -, e a conscientização da força das palavras. Há para a maioria dos entrevistados a compreensão inicial que o jornalismo é uma ferramenta que pode mudar o mundo.

As mudanças repetidas do quadro docente, a falta de continuidade e harmonia entre as disciplinas ministradas e o pouco espaço para discussão disponibilizado por alguns professores foram apontados pelos estudantes como itens de análise negativa.

Na seqüência do encontro, os estudantes são incentivados a refletirem sobre a relação entre o desenvolvimento do curso de Jornalismo e a relação com a mídia – em especial a Televisão. O direcionamento para temas mais específicos da comunicação

social traz a tona questões preocupantes relativas à formação dos futuros profissionais. Os estudantes de Jornalismo da sétima fase, ou seja, a apenas duas fases da conclusão da graduação, falam sobre a comunicação de forma fragmentada e contraditória, sem dominar os conceitos específicos da sua área. Parece que falta também aos jovens, um vocabulário próprio à área de comunicação. Nenhum deles mencionou qualquer teoria da comunicação para embasar suas falas. Nenhum autor ou livro foi citado.

### **6.1.1 A mídia**

Não houve também diversificação com relação à compreensão da própria mídia. Tradicionalmente, a Comunicação conceituou a TV, o cinema, o rádio e o jornal como Meios de Massa ou Meios de Comunicação. É comum os comunicadores referirem-se a esses canais como Meios. A pergunta “o que vocês entendem por mídia?” foi respondida com um debate que aponta nuances de determinada teoria da comunicação:

R.I.C: Mídia é comunicação, pode ser tanto individual, é comunicação no geral. Acho que tudo que se envolve a comunicação dá pra entender como mídia. A televisão, rádio, tudo que é vinculado já faz parte da mídia.

D.I.E: Contesto em alguns pontos o R.I.C; avalio que a mídia seria um canal A informação não tende a ser a mídia...não sei se a palavra informação , conteúdo, seria a mesma que mídia. (confuso)

Informação, mídia e comunicação são expressões mais antigas do que a expressão conteúdo, essa última revitalizada pela necessidade de organização das informações na web. Gestão de conteúdo ou ‘content management’ ficou sendo o gerenciamento de informações na web. Sem semelhança com “análise de conteúdo”, a expressão da metodologia da pesquisa em meios de comunicação originária da sociologia funcionalista da mídia. A palavra conteúdo aparece na fala de apenas um dos entrevistados. Os mais comuns são os termos: comunicação, informação, canal, veículo e instrumento.

Segue mais uma seqüência dos diálogos onde os estudantes procuram uma conceituação mais precisa:

M.A.R: tudo que for veiculado em informação pode ser considerado mídia. Tudo que você veiculou. A partir do momento que você veiculou uma informação, pegou um fato transformou em informação, em notícia, ele tá na mídia.

D.I.E: ele tá na mídia, mas em determinado tipo de mídia.

M.A.R: Claro tem vários tipos, vários segmentos.

R.I.C: foi perguntado o que é a mídia. (enfático)

D.I.E: a mídia para mim é o meio, mas não a informação em si.

T.H.A: a informação ela é jogada num veículo, num instrumento, numa via que é a mídia, daí ele é passada para outras pessoas.

D.I.E: *então no caso ela seria o caminho, o meio, não a informação em si.*

A Teoria da Informação ocupou, a partir de 1940, um papel central nas interpretações do fenômeno comunicacional. Também é conhecida como Teoria Matemática da Informação, já que foi introduzida pelo matemático e engenheiro da área de telefonia Claude Shannon, que tinha preocupações apenas quantitativas, com os sinais emitidos e recebidos. Já na Comunicação, a informação consiste em “reproduzir em um ponto dado de maneira exata ou aproximativa, uma mensagem selecionada em outro ponto” (MATTELART, 1999, p.58).

A partir do surgimento dessa teoria, tornam-se comuns as designações dos emissores (produtores de uma mensagem), canais (meios por onde transitam as mensagens) e receptores (destinatários de uma mensagem). Com algo sendo transmitido de um ponto a outro chamado Informação. Algo que era transportado. As falas dos estudantes de jornalismo apontam para os princípios da Teoria Matemática da Informação tal como ela foi pensada pelos seus idealizadores na década de 40. Torna-se evidente nas colocações, que os jovens compreendem a informação como um produto e não um processo.

Seguindo a sua formação, Shannon idealizou um esquema referente à informação e comunicação, matemático e pragmático. “A fonte, ponto de partida da comunicação, dá forma à mensagem, que transformada em informação pelo emissor que

a codifica, é recebida no outro extremo da cadeia”. (Ibid., p. 60). O raciocínio é hermético e desconsidera qualquer tipo de variante, como por exemplo, as diversas formas de interpretação e interferências entre os extremos - emissor e receptor.

Adaptada às ciências sociais, a teoria de Shannon foi rapidamente absorvida por várias vertentes de pesquisadores e serviu como base fundamental do funcionalismo da mídia e por conseqüência, prestou-se como fundamento das análises amparadas nas deficiências, o *deficit model*. De 1970 em diante, o conceito de informação ganhou características multidisciplinares, adaptada conforme as necessidades. A informação transformou-se em conceito científico.

Voltando na questão básica da mídia, no caso dos entrevistados, a pesquisa partiu da definição *a priori* de que mídia significa apenas jornal e TV. Realmente, os estudantes trazem muitas referências da televisão para os debates propostos, mas, de maneira surpreendente, a internet foi lançada como a mídia de maior apelo entre os participantes, suplantando em alguns casos o uso da TV, como veremos adiante.

### **6.1.2 O curso de Jornalismo e a influência da mídia**

Prosseguindo a conversação com o grupo participante, foi introduzida no debate a relação entre a preparação acadêmica vivenciada no curso de Jornalismo e a influência que a mídia exerce na vida de cada um dos jovens. Detectou-se um consenso entre os entrevistados no que tange o “aprimoramento” na forma de relação dos estudantes com a mídia, fruto dos conteúdos desenrolados ao longo do curso de Jornalismo.

As conversas preliminares dos jovens demonstram – a começar, um aumento de interesse pelos produtos midiáticos. Três dos cinco participantes passaram a ler jornal impresso ou mesmo assistir ao telejornal como conseqüência do curso que freqüentam. Pertinente destacar, que quando questionados, no início da sessão, sobre os motivos que os levaram a cursar Jornalismo, igualmente três dos cinco jovens apontaram a leitura (e a escrita) como fatores motivacionais. Porém, percebe-se nesse momento, que não faziam referência específica a leituras direcionadas (notícias e reportagens) ou clássicas do jornalismo, como é o caso dos jornais impressos.

Uma das participantes apresenta novas pistas no debate ao responder a pergunta formulada. Aponta a existência de um “senso crítico” do receptor das mensagens midiáticas, contrariando – temporariamente - a teoria da informação citada anteriormente. Em seguida, a estudante faz uma associação direta da mídia com a vida das pessoas.

M.A.R:... agora que temos conhecimento acadêmico ela influencia de uma forma mais amena e mais crítica. Porque você já tem o senso crítico, então você olha determinado programa. Por exemplo, eu vou assistir o programa da Márcia, eu vou olhar aquilo com um olhar crítico. Então pra mim vai, digamos, reverter um processo contrário do que possa estar acontecendo com uma pessoa que não tem escolaridade nenhuma, que tá acreditando naquele conteúdo. Eu acho que ela reflete muito na vida das pessoas, ela dita tendência de moda, de comportamento. Ela lança produtos, lança pessoas, *e eu acho que ela tá hoje completamente ligada à vida de pessoas (Márcia).*

A questão da criticidade com relação à mídia é lançada no discurso da entrevistada de maneira descontextualizada e desamparada de qualquer referência conceitual ou teórica. Analisando sob a ótica do desenvolvimento teórico anteriormente apresentado, a tal criticidade proposta pode ser entendida pela estrutura funcionalista, que delega à mídia, a priori, objetivos mercantis específicos, entendendo que a força persuasiva da publicidade é capaz de controlar as pessoas, levando-as a agir: “Eu acho que ela (Márcia) reflete muito na vida das pessoas, ela dita tendência de moda, de comportamento. Ela lança produtos, lança pessoas, e eu acho que ela tá hoje completamente ligada à vida de pessoas”.

Se no funcionalismo o estímulo-resposta amparava a concepção da mídia maniqueísta e onipotente e na concepção da teoria crítica o sujeito é entendido

eminentemente como vítima do sistema político-econômico através da manipulação midiática, na era das mediações e resignificações do papel da recepção, é pertinente a abordagem que coloca o homem como um ser essencialmente dialético que, influenciado pelo meio em que vive, transforma este próprio meio e por consequência transforma a si mesmo e que através de tal perspectiva, os aspectos sociais, históricos e culturais são de extrema importância na catalisação do processo de desenvolvimento.

Voltando a conversação dos entrevistados, a colocação referente à relação do senso crítico e o cotidiano ou vida das pessoas exposta na primeira fala foi complementada na sequência, mas logo o colega a advertiu:

M.A.R: (...) Ela influência na vida das pessoas e as pessoas também influenciam também no meio. As pessoas também influenciam na mídia. Bom, eu não to gostando desse assunto, eu não quero mais ver na televisão. Então as pessoas também ditam regras para que a mídia se enquadre na vida das pessoas.

R.I.C: mas tu sabes que a maior parte, obviamente, que é a mídia que dita as regras. Não existe muito desse negocio do povo interagir. Interatividade é viagem. Isso é só para aparecer que há interatividade, não existe. Tudo é premeditado. (balançando a cabeça numa tentativa de encerrar o tópico)

Nota-se aí, que o debate entre os estudantes recebe novos ingredientes. As diretrizes da Teoria da Informação que estavam presentes nos diálogos até então, cedem lugar aos preceitos da Teoria da Recepção, com o reconhecimento da existência de um “senso crítico” - mesmo que sem uma clara noção do que isso representa conjunturalmente - e a valorização do sujeito destinatário das mensagens emitidas. Introduce-se nas falas o “lado oculto do receptor”, tal como Mauro Wilton (1995) assim entendeu. A resignificação da recepção representa uma classe de estudos mais recentes, de características progressivas, que visam passar dos meios de comunicação às suas potencialidades de mediação e articular práticas de comunicação a movimentos sociais.

A Teoria da Recepção atribui valor à educação para as mídias ou educação para a recepção dos meios, e principalmente ao sentido da mediação. Para isto é preciso compreender os meios, aprender a lidar com eles tanto do ponto de vista do receptor quanto de emissor e produtor de mensagens. Vemos aí, as matrizes do conceito de aquisição de habilidades ou *acquisition model*, do qual fala Ismar Soares.

A proposição da conquista ou desenvolvimento de habilidades vai além da mera crítica a tudo que a mídia produz, do radicalismo unidimensional da chamada teoria dos efeitos, conhecida como media literacy (literatura sobre os meios) nos Estados Unidos. É importante destacar, que ambas reconhecem a figura do receptor, mas atribuem-no papéis e significados diferentes.

A Teoria da Recepção repudia a posição da mídia como ponte de uma relação unilateral entre um emissor auto-suficiente que determina e impõe mensagens – todas ancoradas em ideologias movidas pela força do capital e manutenção do status político-social – a um receptor amorfo e apático, vítima de sua passividade.

Entre outras proposições, a Teoria da Recepção indica a análise e observação do espaço que permeia a distância entre fonte e destinatário. É nesse ambiente que se percebem as inúmeras variantes que podem fazer com que a mensagem pretendida e emanada pelo emissor possa ser apreendida pelo receptor de maneiras múltiplas de significados e intenções.

No diálogo acima entabulado pode-se perceber uma contradição, ou uma confusão conceitual. M.A.R aponta: “Ela influencia na vida das pessoas e as pessoas também influenciam no meio. As pessoas também influenciam na mídia”, tentando sintetizar que as pessoas, os leitores, telespectadores, enfim os receptores exercem igualmente influência sobre os meios e que esta influência é derivada das experiências e vivências histórico-culturais de cada indivíduo. Analogicamente, trata-se da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural a qual se referia Vygotsky. Uma relação de sinergia entre a influência que marca a presença dos meios de comunicação nas relações sociais e a influência sofrida pelos mesmos meios em decorrência das vivências sociais e culturais captadas e absorvidas no núcleo da sociedade na qual estão inseridos - e que se reflete na produção midiática veiculada. Uma produção, portanto, que influencia e dita padrões dos mais variados, mas que também se reconstrói a cada dia em consonância com a polifonia e diversidade cultural percebida, numa relação dialética interminável.

Porém, a sensibilidade da aluna logo é questionada pelo colega R.I.C: “mas tu sabes que a maior parte, obviamente, que é a mídia que dita as regras. Não existe muito desse negocio do povo interagir (...) Tudo é premeditado”. Aqui, notamos um retrocesso aos padrões da teoria das deficiências. A visão restritiva e funcionalista, que desconsidera a participação do sujeito receptor e também minimiza os aspectos sociais e culturais envolvidos nas relações com os meios.

Ainda sobre a criticidade, os dois entrevistados reforçam posições:

R.I.C: (...) Jornalista tem que ser crítico, jornalista que não é crítico não é jornalista. Acho que tu tens que ser critico. Criticar a mídia, a função social, como esta inserida na sociedade. Qual a função da mídia, sei lá, realmente tu tens que ser critico (...).(inquieto na cadeira)

M.A.R: (...) para você ter uma visão critica você não pode só apontar o que tá ruim. Tem que olhar determinadas coisas, tu leu não gostou, acha que ta ruim, mas tem que saber aonde não ta bom, aonde pode ser melhorado. Você tem que contextualizar. Não adianta assistir o programa de tevê e dizer esse programa não presta, sabe. E esquecer o resto, o contexto que ele ta inserido, pra que pessoas ele foi feito (...) Eu acho a visão critica que a gente tem, é olhar determinado programa, você dizer que não gostou, mas saber **com o conhecimento da faculdade, conhecimento fora, muita leitura, conhecimento que vem ao longo da nossa trajetória, cada um tem um**, e você contextualizando também. Você não pode dizer assim: pô, o Ratinho não serve pra nada, acho que o programa dele é um lixo, não serve pra nada, mas tem milhões de pessoas que vêem. Bom, acho que saber contextualizar, a visão crítica só é positiva se você saber apontar soluções para aquilo que você ta indicado (...). (grifo nosso).

Nesta seqüência, R.I.C volta à carga com um posicionamento ainda mais radical com relação à visão crítica. Fundamentalmente, condicionou o exercício do jornalismo a uma postura crítica, independente da razão que a motiva, sepultando qualquer perspectiva de avaliação da mídia sob o prisma da aquisição de habilidades. Já a colega M.A.R flexibiliza ainda mais seu ponto de vista e dá pistas mais concretas sobre uma nova posição reservada ao receptor e às influências histórico-culturais de cada indivíduo.

O pesquisador Orozco Gomes (1997, p.65) aponta várias nomenclaturas para o papel da recepção: Recepção crítica, Leitura Crítica dos Meios, Recepção Ativa, Educação para a comunicação, Alfabetização Televisiva e Educação para a Recepção.

Cada um dos nomes acima dá uma ênfase diferente em algum elemento que sofrerá a intervenção pedagógica. Por exemplo, a Alfabetização Televisiva enfatiza as linguagens audiovisuais, comparando-as em suas particularidades; as cenas de TV e de vídeo são produzidas com muitos cortes onde as partes é que dão a idéia do todo, devido até a limitações técnicas do meio; já o cinema apresenta cenas externas de grande alcance, diferenças que acabam influenciando a produção cultural dos conteúdos. Se a Alfabetização Televisiva estuda as particularidades de cada linguagem, a Leitura Crítica prioriza o conteúdo das mensagens. Já a Educação para a comunicação é uma área que pretende ‘potencializar a capacidade comunicativa da audiência’, ensinando as pessoas a produzirem suas próprias mensagens.

Todas as ênfases, contudo dizem respeito a um receptor ativo ou crítico contrariamente às primeiras compreensões que acreditavam num poder muito grande da mídia sobre as pessoas. Logo que a comunicação virou objeto de estudo nas universidades acreditava-se que a mídia tinha um enorme poder ou efeito sobre as pessoas, tendo como expoente a Teoria Hipodérmica da comunicação, pois a metáfora da “injeção” ajudava na compreensão dos efeitos diretos que a mídia exercia sobre as pessoas. Aos poucos se percebeu que as pessoas não entendem as mesmas coisas diante dos mesmos estímulos, pois sua história de vida funciona como um filtro na recepção. Daí o receptor ser ativo (e não passivo). Assim, as experiências vividas, o nível de escolaridade, os grupos de pertencimento, a etnia, tudo isso interfere naquele efeito que sabemos agora, não é tão direto.

A Recepção passa a ser entendida como um lugar novo, como um processo de comunicação. Entender a recepção passou a ser entender a comunicação. Ou entender o encontro dos meios com as pessoas como algo novo e talvez diferente das intenções do emissor. Coisas novas podem acontecer na recepção ainda não pensadas ou não intencionadas pelos produtores das mensagens.

O posicionamento da acadêmica com relação ao Programa do Ratinho procede e é objeto de discussão acadêmica em algumas dissertações de comunicação em universidades brasileiras. Concordamos com a estudante quando diz que “você não pode dizer assim: pô, o Ratinho não serve pra nada, acho que o programa dele é um lixo...

mas tem milhões de pessoas que vêm”. A acadêmica insiste na necessidade de se apontar soluções.

Programas popularescos da televisão brasileira têm sido objeto de estudos acadêmicos. Torres (2004) analisou nove programas popularescos de televisão com maior audiência no país: Domingão do Faustão (Globo), Domingo Legal, Hebe, Programa do Ratinho (SBT), Superpop (Rede TV!), É Show!, Programa Raul Gil, Domingo da Gente (Record) e Sabadaço (Band). A conclusão do estudo é que eles “espelham e expressam o universo popular e lhe delimitam um espaço na mídia”. A autora sustenta que os programas de auditório seriam uma “porta de entrada” para as classes mais baixas nos meios de comunicação de massa. Uma das questões levantadas na dissertação é que, nesses programas, os quadros de cunho jornalístico seriam uma forma de contemplar pessoas que não entendem ou acham muito formal a linguagem do telejornal tradicional. Para a autora, os programas populares da TV exercem a função jornalística.

Tal defesa de posição adotada na dissertação ‘O que o povo vê na TV’ não foi bem aceita pelos profissionais da própria televisão. O âncora do Jornal da Cultura, Heródoto Barbeiro, por exemplo, posiciona-se contra: “além de não terem valor jornalístico real, esses programas não se pautam pela ética e fazem sensacionalismo, uma exploração de problemas”. Na reportagem sobre o assunto, disponibilizada no site da Faculdade Cásper Líbero, são apresentados alguns posicionamentos de outros jornalistas brasileiros e uma referência a Martín-Barbero, dizendo que “Barbero acha importante o jornalismo popular, didático e mais próximo do espectador, desde que tenha ética<sup>15</sup>”.

A fala da jovem estudante M.A.R procede dada a complexidade do assunto. Se os próprios estudiosos do assunto discordam, é natural que os acadêmicos de jornalismo da sétima fase ainda não saibam se expressar adequadamente sobre os fatos da televisão brasileira. As queixas acerca dos programas televisivos ditos populares referem-se constantemente à baixa qualidade e ao gosto duvidoso das produções e reportagens que priorizam o chamado ‘mundo cão’ ou as ‘baixarias’. Existe um componente forte de grosseria ou grotesco na cultura popular analisada por Barbero ao

---

<sup>15</sup> Disponível em:[http://www.facasper.com.br/jo/reportagens.php?tb\\_jo=&id\\_noticias=199](http://www.facasper.com.br/jo/reportagens.php?tb_jo=&id_noticias=199) Acesso em : 14 de jun. 2005.

comentar Bakhtin. Baseado nas reflexões sobre as relações sociais de século XVI empreendidas por Bakhtin, Barbero encontra os fundamentos da compreensão de aspectos rudimentares da cultura popular, através da analogia com a praça pública, como espaço democrático, território livre e por vezes entrópico. É na praça onde se extravasam os instintos mais primitivos. “Grosserias, injúrias, e blasfêmias revelam-se condensadoras das imagens da vida material e corporal, que liberam o grotesco e o cômico, os dois eixos expressivos da cultura popular”. (BARBERO, 1997, p.94) Para Bakhtin, é através do grotesco que o homem se expressa em sua plenitude, livre das convenções sociais e dos ditames jurídicos, políticos ou religiosos. Nesse raciocínio, a grosseria representa o realismo do corpo e por este motivo tem o seu valor.

Os passos seguintes da conversação dizem respeito aos conteúdos desenvolvidos nas salas de aulas do Jornalismo, que todos admitem passarem pelo seu senso crítico após alguns anos no curso:

M.O.N: a gente fica mais seletiva também. Sabe escolher melhor. Hoje em dia sei escolher melhor o que eu quero, o que eu vou ler, o que eu vou ver na televisão. Acho que a gente fica mais crítica e isso melhora porque a gente fica mais seletiva. É como se fosse um funil, tu absorve o que tu queres. O que tu achas que vai ser melhor na faculdade, pra tua vida. Melhorou bastante isso quando eu entrei na faculdade.

D.I.E: ... a faculdade tá transformando a gente num bando de chato. A gente não consegue assistir mais nada. Você assiste o jornal das oito, o Willian Bonner é um banana. Ah, passou a ser um bando de chato, porque o conhecimento tirou nosso feeling, parece ...”.(como que esperando a concordância dos demais)

Notam-se muitas contradições nas falas dos jovens estudantes em termos da sua educação para a mídia, ao responderem sobre a influência que a mídia exerce sobre as suas vidas:

D.I.E: Eu fui assistir Panteras deu quatro minutos de filme eu levantei e fui embora.(risos). Porque não tem mais graça naquilo, não sei se a gente tá ficando velho ou tá chegando no fim da faculdade.

R.I.C: até eu começar a fazer o curso eu era assim como o João, o Pedro, o José, sabe? Bem abitolado. Então, após o curso de jornalismo, a gente já tem um outro conceito,

começa a enxergar um pouco mais além do que a gente enxergava antes. Mas, ainda hoje influencia.

T.A.I: Antes a gente assistia o jornal e o que tava ali era verdade. Agora, a gente aprendeu, que de repente o que tá no Jornal Nacional não é verdade. É só lá um pedacinho do que aconteceu, que eles acham que a gente deve saber.

Apesar de toda a criticidade, todo mundo assiste ao programa do Gugu num movimento reconhecido por alguns deles como inevitável:

D.I.E: um pouco de influência assim você repara, quantas vezes a gente perdeu uma segunda-feira, em diversas matérias, questionando o Gugu. A gente tá no 7º, chega uma segunda-feira o professor menciona o Gugu, só que mais da metade da sala sabe do assunto e assistiu o assunto. Então você vê assim: a gente tá com uma informação absurda, a gente já sabe usar essa informação, mas mesmo assim somos todos cordeirinhos, escravos da mídia... (gesticulando). Mesmo cinema você não consegue mais gostar de filminho bobo (...).

Mas se D.I.E não consegue mais gostar de filminho bobo, ele também não consegue deixar de assistir o Gugu dizendo-nos que “precisa ter programa como o dele”. Mas por quê?

D.I.E: Acho que a gente deveria valorizar mais essas discussões sobre Gugu, esse tipo de coisa, não para melhor, menos de um por cento de nós tem chance de ir para o Gugu e pegar o lugar dele. Mas para saber criticar com base, precisa ter Gugu, precisa ter programa como o dele. Entretenimento é necessário. A linguagem é correta, vende pra caramba. Sei lá, seria legal contextualizar isso para afunilar um pouco essa coisa de qualidade.

Novamente nos parece que os estudantes têm a percepção de que a cultura passa também pelo popular, mesmo que não apresentem subsídios para a devida contextualização. “Precisa ter programa como o dele” ou “entretenimento é necessário”. Dentro da proposição feita por Bakhtin de que a praça é a representação de uma linguagem, uma forma de comunicação, teríamos então, no carnaval, o seu apogeu. O humor representado pela paródia, as máscaras, o deboche. A festa e o riso “riso não enquanto gesto expressivo do divertido, da diversão, mas enquanto oposição e repto, desafio à seriedade do mundo oficial... o riso popular como uma vitória sobre o medo (...)” (Ibid.p.95). Sob este prisma, os programas de auditório estariam para a cultura

popular como a praça está para o carnaval. É relevante destacar que o estudante em momento algum aproximou o conceito e as diretrizes do telejornalismo com os programas de auditório, evidenciando um distanciamento entre o entretenimento e cultura popular de informação jornalística. Aproximação esta, proposta nos estudos de Torres ‘O que o povo vê na TV’, apresentado anteriormente.

Observam-se então, as contradições dos jovens estudantes de Jornalismo que esta pesquisa está apresentando e descrevendo. Os alunos cobram discussões com os professores no decorrer das disciplinas. Discussões estas, mais atualizadas, pois, de acordo com D.I.E:

*... tem muita gente na sala de aula que sabe milhões mais que os professores... e a gente tá se abrindo para novas vertentes... tem professores no nosso curso... que você levanta a discussão em sala, mas é cortado pra continuar a lição. Somos como escravos, continuar a lição, dar lição de casa... os que querem fazer uma coisa diferenciada eles são vetados, cortados, mesmo em discussão os professores valorizam quem tem um contexto crítico similar ou parecido com que ele tem em mente... se você é pró qualquer tipo de valor que não é de 1971, infelizmente você vai ser freado”. (inconformado)*

A fala de D.I.E é instigante. Ao expressar o termo “senso crítico similar”, o aluno nos remete para os conceitos de *deficit* e *acquisition* preconizados por Soares. É possível ser crítico via teoria das deficiências, como também é possível ser crítico através de um modelo que valorize a aquisição ou desenvolvimento de habilidades por parte do usuário da mídia. Os objetivos e as análises propostas por tais criticidades é que se distinguem. Podemos detectar uma ânsia incontida no sentido de se liberar da ortodoxia dos conteúdos desencadeados nas aulas, oriundos das teorias clássicas aplicadas nos estudos de comunicação.

A referência cronológica feita por D.I.E. evidencia a supremacia das teorias defensivas, onde os meios estão sempre a serviço do monopólio econômico e o telespectador a mercê absoluta desse movimento, incapaz de qualquer reação. “... a gente tá se abrindo pra novas vertentes...” O estudante não cita qualquer referência, obra ou delineamento teórico que explicita que tipo de vertente se refere, mas podemos identificar uma tendência, mesmo que inconsciente, a valorização do conteúdo, ou da “bagagem” que cada sujeito agrega ao longo da vida.

As últimas considerações dizem respeito à visão crítica da mídia. O que é ter uma visão crítica da mídia? A essa pergunta houve respostas pragmáticas como a de M.A.R., que cobra soluções:

M.A.R:...Você não pode dizer assim: pô o Ratinho não serve pra nada, acho que o programa dele é um lixo, não serve pra nada, mas tem milhões de pessoas que vêem. Bom, acho importante saber contextualizar. A visão crítica só é positiva se você saber apontar soluções para aquilo que você tá indicando. Você esta vendo que aquilo não é bom, mas você tem que ter soluções...

Novamente podemos perceber a sensibilidade de que a crítica é inerente, mas que ela sozinha não mais se sustenta. Aqui também se evidencia a fragmentação do campo cultural ocorrida no Brasil entre “o culto, o de massa e o popular” (BORELLI, 2001). A cultura de massa, a partir dos anos 60, passou por uma profunda transformação, estimulada principalmente pela vertiginosa ascensão dos meios de comunicação na sociedade. A popularização dos veículos, principalmente da televisão, originaram uma re colocação conceitual para a cultura, delegando ao massivo a responsabilidade pela “vulgarização do erudito e pela degradação do popular” (id.). Os reflexos desse deslocamento ficam evidentes na abordagem de Barbero sobre a ‘competência cultural’, quando apresenta os resultados desse pensamento nas formas de produção e propostas de programações televisivas, devidamente contextualizadas no capítulo (4.3.1). Para o autor, as posições estanques e compartimentadas a respeito da produção televisiva acabam por excluir as questões efetivamente culturais “ao se situarem fora do sentido social das diferenças culturais e assim encobrendo os interesses envolvidos na própria idéia de cultural com que operam” (BARBERO, op. cit. p.309). A descompartimentação ideológica acabaria por oxigenar a produção televisiva, inserindo a cultura como elemento vivo, com seus constantes recortes e entrecruzamentos. E talvez seja isso que a acadêmica pretende dizer quando afirma: “... *não adianta assistir o programa de tevê e dizer esse programa não presta, sabe. E esquecer o resto, o contexto que ele ta inserido, pra que pessoas ele foi feito, esse programa não serve pra nada... Acho que esse é o papel fundamental da educação, dentro da universidade e fora dela. Educação é para mudar as pessoas... mudar essa visão, mudar o mundo das pessoas, criar novos mundos*”.

Em uma nova rodada de conversação, os participantes foram questionados se conheciam o conceito de mídia-educação ou educomunicação:

R.I.C: não!

D.I.E: só externo, por vias externas.

M.A.R: eu também.

D.I.E: porque minha mãe trabalha com educação, porque tem alguns projetos de mídia e educação. Posso estar enganado, mas tem aquele Tele-curso 2000, que utiliza, claro que é um contexto bem chulo, talvez, posso estar enganado.

T.H.A: já ouvi falar desse tele-curso, mas não conheço.

M.O.N: também não conheço.

Os entrevistadores, então, oportunizaram um facilitador, sugerindo uma reflexão sobre a aproximação da educação e comunicação. As falas derivadas dessa percepção trouxeram novamente o elemento da criticidade. A colocação de M.A.R aponta a possível presença de um comportamento demagógico e anacrônico. Só criticar não basta. É preciso partir para a ação.

M.A.R: (...) Não adianta só falar blá blá blá, falar que não presta e daí vai mudar alguma coisa? Vai mudar alguma coisa, não vai mudar... ? Acho que esse é o papel fundamental da educação, dentro da universidade e fora dela.

A sequência apresenta a tipicidade dos teóricos críticos da educação:

... Educação é para mudar as pessoas, mudar a conscientização, desde da criança que está na escola, desde das pessoas que estão na universidade. Mudar essa visão, mudar o mundo das pessoas, criar novos mundos. O conhecimento é pra isso, pra você ter a possibilidade dentro da tua casa de ter um mundo diferente.

R.I.C. também aposta na criticidade, mesmo não especificando o que venha a ser afinal, essa criticidade para o local de trabalho, além da faculdade:

... acho que não adianta ser crítico somente no período da faculdade, é importante eu chegar lá fora e continuar sendo crítico. Poder discutir dentro do teu local de trabalho, acho muito viável esse tipo de discussão, para quem tu tá mandando a mensagem, quem é o teu público, acho que tem que ser crítico.

Por vezes essa criticidade parece estar ligada a uma questão de atuação técnica, como indica M.A.R ao comentar as fotos da cena de novela ou sobre o programa do Ratinho:

*... A mesma coisa que apareceu na novela, na tevê, não vi, mas ouvi comentários. Que a guria fez algumas fotos e vamos acender a luz para ver como ficaram as fotos. Bom quem conhece sabe que jamais ela vai revelar o filme e vai acender a luz para ver como ficou, é óbvio que não. Tem umas gafes na tevê, que as pessoas só vão saber que aquilo está errado se elas conhecem. Se ela não conhece não tem como saber se aquilo está errado. Mesma coisa o erro de português, a pessoa ta lendo um texto que tem erro de português, se ela não domina a língua, não conhece a gramática, ela não saber que tem erro, na tevê a mesma coisa.*

*... O Ratinho sempre fala no programa dele, que o pessoal tá no SPC é maravilhoso estar no SPC e começa a falar um monte de coisa. Ele tá no SPC porque não quer ser aval de ninguém. Então aconteceu esses dias, lá no escritório, a pessoa falou a mesma coisa. É uma asneira sem tamanho. Eu quero estar no SPC, eu quero estar no Serasa, porque eu não quero ser aval de ninguém. Só que a pessoa enquanto isso tá prejudicando outras pessoas. Tá prejudicando o comércio, ela mesma, ela não pode ter movimentação financeira nenhuma. E ela escuta isso na televisão, de uma pessoa que ela julga sei lá, que é importante, e considera que aquela informação é a correta. Acho que deve ser isso, **uma preparação antes da pessoa se expor à informação.** (grifo nosso)*

Para D.I.E. a mídia-educação pode ser “alguma coisa para as pessoas assimilarem melhor a informação, para fazerem aquele filtro natural, pro futuro da mídia” (...) (inconclusivo). A questão técnica da recuperação de informações não deixa de ser uma das regras da arte de que nos fala Belloni (2002, p.36). Parece que o acadêmico está se referindo às pesquisas desenvolvidas hoje sobre as questões ligadas ao controle de vocabulário em áreas de pesquisa como a web semântica, as ontologias, as terminologias, todas áreas ligadas à ciência da informação, à informática e à lingüística.

Para R.I.C,

... de repente saber o que é bom para elas e o que não é... Acho que isso é educação para mídia, tu estar preparado para o que a mídia vai te oferecer. Saber definir o que é bom pra ti o que não é, acho que é isso aí.

Para M.A.R,

... educação para mídia é você dar suporte para as pessoas e discernimento, para elas estarem preparadas para ver tevê ou outro veículo. Então é esse, digamos assim, o antes de você estar exposto a informação, você ter uma preparação, um conhecimento também, porque eu não posso falar mal de uma coisa que eu não conheço.

### **6.1.3 A relação dos acadêmicos com a mídia**

Exploradas no grupo focal as questões sobre TV, Internet, Rádio e hábito de leitura nas mídias em geral, os entrevistados mostraram-se leitores de mídias diferenciadas. Com hábitos de interação com os meios também diferenciados. A Internet tornou-se para os aprendizes de jornalismo uma mídia de consulta diária. A Internet é usada pela maioria dos estudantes de jornalismo ora como um balcão de consulta a informações rápidas e noticiosas, ora como um balcão de pagamentos bancários. Especificamente para três acadêmicos de nossos cinco entrevistados, praticamente o acesso só ocorre no local de trabalho.

Destacamos dois depoimentos diferenciados que podem funcionar como alerta aos professores universitários com relação ao formato de suas aulas: uma acadêmica que faz leituras em sites especializados da sua área e o acadêmico que frequenta grupos de discussão na Internet:

M.O.N:...) eu quando tenho mais tempo eu gosto de ler os artigos de opinião, de jornalista, escritores, daí tem o site labjor, eu recebo emails daí vou direto. Tem bastante artigo de opinião, artigo científico, voltado ao jornalismo...

D.I.E.: ... eu participo de quatro listas hoje. Como a gente trabalha cultura pop alternativa, tem sempre cinema, quadrinho, essas coisas. A primeira coisa que eu acesso é esse tipo de coisa, Omelete, Dinamite, Yeahplage, Uol, pra saber notícias de verdade, do mundo real. O resto só relacionado informação, que o pessoal considera inútil. Discussão eu participo de quadrinhos do exterior, cinema e uma de música ...

De fato, D.I.E. nos dizia no início de sua fala que poderia estar falando “*uma coisa idiota, mas que tem muita gente na sala de aula que sabe milhões de vezes mais do que os professores*”. Porque segundo ele, os jovens em sala de aula estão adaptados a esse novo meio enlatado de informações. Discutir com os professores lhes parece impossível porque os professores estão ‘travados’ (expressão do acadêmico). E ele pede mais discussão em sala de aula. Para não ficar como escravo, dando tarefas de casa.

... sabe isso é uma coisa que eu penso assim: o nosso curso seria muito mais proveitoso se tivesse mais discussão. Você é um cara que trabalha com escrita (apontando para R.I.C.), eu trabalho com tevê, a gente poderia trocar muito informação e gerar uma forma nova de estar vislumbrando estes meios, estar adicionando cultura a isso. Tem programas hoje na Internet que eu posso adicionar o seu texto junto com a minha imagem. O problema é que todos os professores têm aquele termo em inglês “old school”, sabe, que seria escola velha.

Oportunas nesse momento, as reflexões de Belloni sobre a integração das mídias nas escolas. A autora resgata o processo de socialização e o que a teoria crítica chama de formação para argumentar sobre a urgência de integrar as tecnologias no processo educativo, pois elas já estão na cultura.

“É preciso lembrar que, embora nos processos educativos stricto sensu as TIC ainda não tenham sido incorporadas, no processo mais global de educação, que a sociologia chama de socialização e a teoria crítica de formação. Tais meios técnicos já estão integrados há muito tempo, abrindo horizontes, modificando modos de pensar e aprender, contribuindo para aprofundar e agravar as características mais perversas de nossas sociedades contemporâneas: a desigualdade social e regional e a exclusão social, sendo essa última a razão principal da urgência de sua integração à escola pública”. (BELLONI, op. cit., p.37)

O entrevistado não fez curso algum sobre as teorias de aprendizagem, mas entende que o seu aprendizado se faz na mediação dos outros nos grupos de discussão on-line. Pois a sua sala de aula não favorece as discussões. Na internet:

... É muito legal porque você pode assimilar não só informação, você pode discutir, a vantagem das listas é a discussão que gera em torno dos assuntos. Vêm diversas opiniões, de várias pessoas, que você acaba englobando para o seu conhecimento. É o que eu acho que falta nas nossas aulas.

Com relação às outras tecnologias de informação e comunicação, percebe-se que o rádio é bastante ouvido pela maioria dos acadêmicos e que preferem Internet à televisão.

M.A.R: ... acho que é mais fácil dizer quantas horas a gente fica na Internet do que na televisão. Internet é o dia inteiro.

R.I.C: hoje eu passo muito mais tempo na Internet do que numa televisão.

D.I.E: duas horas diária, pelo menos eu.

T.H.A: eu não chega a duas horas, eu uso pouco, mas uso todos os dias. Eu trabalho num escritório, então eu faço pagamento de bancos pela Internet. Acesso e-mail praticamente o dia todo. Notícias é que não dá muito tempo para ler.

### **Rádio:**

Nota-se que o rádio é ouvido por todos, funcionando como despertador para uns. Mas diferentemente do meio técnico, o rádio, assim como a TV e o computador são instrumentos técnicos e semióticos de produção de sentido (PINO, 2003). Por isso, constituem-se em mediadores importantes na construção dos sujeitos e de suas subjetividades. O rádio possui uma particularidade em relação a televisão, já apontada por Martín-Barbero e que nos é remetida através das falas das entrevistadas, pois as meninas destacam que o veículo trabalha com maior ênfase a questão da regionalidade, apresentando com frequência “entrevistas com gente da terra”:

T.H.A: ... eu escuto Atlântica que eu gosto e a rádio Itapema de Florianópolis. Mais para entretenimento e saber as notícias da região.

M.O.N: ... gosto muito da FM Educativa, é a que eu mais tô ouvindo no momento. Porque tem entrevista, programas de entrevista, com a cara da região e qualidade de música, MPB, blues, Jazz, rock.

Com relação à leitura, percebe-se que os entrevistados não dedicam um tempo razoável, mesmo percebendo a necessidade. O ingresso no curso de Jornalismo aguçou o hábito, mas não o suficiente para suplantar as outras formas de mídia, principalmente as eletrônicas.

### **Revistas?**

M.O.N: .. eu prefiro revista, mais revista do que jornal.

T.H.A:...eu gosto muito de ler revista. Tenho assinatura de revista, é o que mais leio.

R.I.C: ... eu quanto à leitura talvez é uma das únicas coisas que eu me arrependa de não ter vontade de ler livros. Tô o tempo lendo, leio revistas, jornais. Jornal eu leio todo dia. Aquela leitura que a gente faz superficial que lê o que interessa .

### **Livros?**

D.I.E: Depende da grossura.(risos)

M.A.R: Livros eu leio razoavelmente pouco, de seis a oito livros por ano, dependendo da espessura.

Já D.I.E., prefere os quadrinhos aos livros.

...Eu prefiro ler quadrinhos. Quadrinhos eu leio de 15 a 20 por mês. Filmes por final de semanas assisto uma média de seis a oito filmes.

### **Qual o meio que mais influencia a massa?**

M.A.R.: Confesso, a televisão.

R.I.C: ... é o mais barato.

D.I.E.: Internet é uma coisa muito distante de transformar numa mídia meio maciça.

T.H.A.: jornal nem se fala, a maioria não tem acesso.

R.I.C.: televisão você tem o aparelho e é igual a rádio.

D.I.E.: o Brasil é o segundo maior público mundial que mais assiste televisão (sem citar qualquer fonte ou referência que sustente a informação).

## **6.1.4 Discutindo a mídia-educação como um modelo crítico de aquisição de habilidades**

Através das falas pronunciadas por nossos entrevistados, podemos constatar que boa parte do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da referida universidade direciona seus conteúdos para o desenvolvimento de uma “consciência

crítica”. Todos os participantes foram unânimes em afirmar que agora no 7º período, possuem uma compreensão do processo midiático que com certeza não portavam antes do início do curso.

Porém não fica claro nas conversações, em que consiste, afinal, essa criticidade. Por vezes ela aparece ligada a uma competência técnica. Em outros momentos tende a aspectos puramente morais. O poder do grande capital não foi muito mencionado nas entrevistas. Parece que falta também aos jovens educandos, um vocabulário próprio à área de comunicação. Em passagem alguma foi mencionada qualquer teoria da comunicação para embasar as falas. Nenhum autor ou livro foi lembrado.

Fica claro que os estudantes aprendem nos relacionamentos com os meios. A escola deixou de ser o estanque do conhecimento. Os modos de apropriação do saber estão passando por uma drástica mutação em um processo onde tanto as teorias da comunicação como as teorias da aprendizagem caminham no sentido de alterar o foco da mera transmissão, passando a adotar o perfil de mediação, fornecendo as condições para a apreensão interpretativa que permita selecionar e relacionar informações, fomentando o conhecimento.

O desenvolvimento da criticidade apontada pelos participantes é um indício do esforço que a educação vem realizando visando ratificar a posição ativa do estudante, como defende a autora Geneviève Jacquinot (1998). Num curso de jornalismo esta característica fica ainda mais evidente, pois trata da formação dos futuros comunicadores. Porém, a análise dos relatos colhidos indica a existência de um hiato nesse processo.

A postura distante e centralizadora de alguns professores acaba por comprometer um processo mais construtivista da aprendizagem. A limitação de discussões ao círculo de domínio e atuação do docente é facilmente identificada pelos estudantes. Diego nos dá uma mostra disso:

... algumas (aulas) são extremamente superficiais, discutindo sobre o umbigo de certos professores...Tem professores que entram em sala de aula para discutir a profissão deles, no ponto de vista deles. Não para passar um

consenso geral do que seria o jornalismo. Então às vezes a gente perde de duas a três horas no dia de aula, discutindo experiências de um professor, que ele teve quando tinha 16 anos, quando ele começou, e não se toca que nos últimos 20 anos mudaram muito o consenso de jornalismo e mesmo as nossas cabeças e não aceitam algumas opiniões. Inclusive, isso é a minha maior reclamação, tem muito professor que não se abre para os alunos, prejudicando não só o conhecimento dele, pois tem muitos alunos que podem trazer o mínimo conhecimento para o professor. Mas, infelizmente, os professores têm aquela coisa de ser onipotente em relação ao aluno. Mesmo porque tem aquela bancadinha (referindo-se ao tablado) nas aulas, então eles estão sempre por cima, infelizmente.

Outro fator identificado é a limitação de conteúdos de maneira compartimentada, alijando qualquer forma de transversalidade. Tal transversalidade ou interdisciplinaridade que traz na sua gênese a busca pelo privilégio do significado e a sua construção, num movimento permeado pelas influências sociais, históricas e culturais de cada indivíduo e da sociedade como um todo com defende Vygotsky.

A aplicação de diretrizes pedagógicas que visem uma educação para as mídias passa pela compreensão de tais comportamentos. A formação de um pensamento crítico oriundo de posicionamentos unilaterais e desamparados de um cabedal teórico de sustentação mínimo, além de se mostrar ineficiente, acaba condenando a formação do futuro comunicador em sua plenitude. A inquietante pergunta lançada por Belloni “quem forma os comunicadores?” lança luz no compromisso da comunicação, do ensino da comunicação e da política, conteúdo e gerência dos próprios meios com os anseios da realidade contemporânea.

Já a resignificação do papel do receptor num contexto de múltiplas mediações não ficou evidenciado nos turnos conversacionais. O pólo emissor na sua possibilidade de emissor ou produtor de mensagens foi mencionado pelos acadêmicos na forma de projetos alternativos raros e pouco incentivados na sua formação:

“Você pode fazer um programa comunitário que você vai mudar o pensamento, vai esclarecer as pessoas da vida da favela. Pessoas com vida mais humilde, entendeu? Essa discussão falta muito na faculdade, que é trazer a relação do mundo exterior para o mundo da sala de aula. Porque eu não quero só saber escrever para a Folha do São Paulo”

A produção de mensagens entre os acadêmicos esteve mais ligada à grande imprensa do que a projetos que eles chamam de 'alternativos'. Aqui valem as perguntas de Belloni (op. cit., p. 37) quando se refere às escolas e ao desejo dos comunicadores de atuarem na escola.

Em linhas gerais, a presente análise constatou que os estudantes de jornalismo falam sobre a comunicação de forma fragmentada e contraditória, sem dominar os conceitos específicos da sua área. Os acadêmicos afirmam que o curso despertou-lhes a visão crítica até porque trabalharam bastante interpretação e texto, desde o primeiro período até hoje em dia e que mesmo nas disciplinas mais específicas como Rádio e Televisão, estão sempre trabalhando sua visão crítica.

Não se mostraram familiarizados com conceitos e expressões contemporâneas da área de atuação como recepção ou mídia-educação, tal como aparecem na literatura especializada. Utilizam com voraz intensidade, ao invés disso, expressões como consciência crítica, ou o adjetivo crítico: “jornalista tem que ser crítico, jornalista que não é crítico não é jornalista”. A relação com a televisão é íntima (por sinal, muito mais com os conteúdos de entretenimento do que com programas jornalísticos propriamente ditos), mas as novas tecnologias, principalmente a internet, têm conquistado espaço significativo no tempo dedicado às mídias pelos jovens estudantes.

De nossos objetivos de investigar modelos de criticidade frente aos meios de comunicação pelos acadêmicos de Jornalismo da região, constatamos que no grupo da universidade A, o modelo defensivo está mais presente do que o modelo de aquisição de habilidades. É certo que fazer a crítica aos meios de comunicação também é habilidade importante da mídia-educação, mas a julgar pelo debate propiciado pela metodologia do grupo focal, tal criticidade não se materializa em julgamentos mais aprofundados de programas televisivos ou de outras mídias.

É possível também, que a metodologia adotada interfira no conteúdo dos debates. Caso tivessem sido realizadas entrevistas individuais, pode ser que tivéssemos tido um panorama diferenciado dos temas propostos para o debate. No caso aqui

relatado, notamos poucos indícios de encaminhamentos inseridos no que denominamos, com a ajuda dos autores, como modelo de aquisição de habilidades. Conceitos de mídia-educação ou educação para os meios são desconhecidos aos acadêmicos, em que pesem eles conhecerem o significado do conceito. Afinal, a categoria criticidade aponta para a mídia-educação.

Em pesquisa recente sobre o gosto cultural dos jovens universitários da USP, em áreas como comunicação, engenharia e biologia sobre o papel da mídia na construção deste gosto cultural, Machado (2002, p.67) identificou também essa criticidade que os jovens universitários de todas as áreas de conhecimento fazem à mídia, em especial à televisão. Programas televisivos populares como Ratinho, Gugu e Faustão são também mencionados nesta pesquisa da USP e sobre a USP.

Junto com esses programas os jovens rejeitam também estilos musicais como pagode, axé e sertanejo. Mas ao mesmo tempo, a autora flagrou a ausência de frequência cultural desses jovens a museus, teatro ou espetáculos musicais. No aprofundamento de sua pesquisa, Machado percebeu que a música estaria assumindo o lugar cultural de relevância para os acadêmicos em geral. A música, seus compositores e suas bandas. A autora conclui que a música estaria ocupando um forte espaço na produção de sentidos entre os jovens universitários e mais, o amor anda em alta (a canção “ Amor I love you” cantada por Marisa Monte foi apontada como a preferida). A televisão ficou sendo na opinião desses jovens, algo vulgar em relação à música, ou como diz a autora “ espaço de não pensamento, espaço de entretenimento” ao passo que a música passou a ser “ espaço de expressão e de relaxamento” (MACHADO, 2002, p. 75)

Em outro momento de análise, Machado faz questionamentos próximos aos meus: os jovens da USP “não querem programas televisivos densos, pesados e com reflexões profundas. Parecem preferir ‘ algo para relaxar’ eles dizem”. Da mesma forma, os jovens jornalistas da universidade A não se referiram a programa televisivo algum de conteúdo mais consistente. Nem mesmo aos telejornais, a não ser para apontar a “babaquice do Willian Bonner”. Questiono, então, junto à autora: “como é possível criticar a televisão por sua banalidade e ao mesmo tempo procurar programas leves?”

(Ibid.p.79). Seria essa leveza mais uma regra da arte televisiva a nos provocar para, de dentro dela, puxar os fios da mídia-educação?

Pareceu-nos bastante significativo o depoimento de uma de nossas acadêmicas do grupo focal. Segundo ela, pode-se criticar a televisão “com o conhecimento da faculdade, conhecimento fora, muita leitura, conhecimento que vem ao longo de nossa trajetória, cada um tem um”. Concordamos com a acadêmica. Cada um de nós traz conhecimentos adquiridos através de nossas histórias de vida. A questão que estamos levantando na presente dissertação é de que tipo são esses nossos conhecimentos e de como eles nos são úteis para mediar nossa relação com o mundo.

Especialmente no caso dos estudantes de Jornalismo, como o saber (agora já quase especializado) desse jornalismo lhes ajuda nesta mediação com a mídia e com o mundo. Em pesquisa também recente desenvolvida por Mostafa et al (2004) sobre a leitura dos jovens na Internet, identificou-se que os universitários de várias áreas do conhecimento, quando comparados com os jovens de nível médio, atribuem quase que igual importância aos livros da biblioteca indicados pelos professores e à Internet, enquanto que os jovens de nível médio parecem ter uma preferência visível pela Internet.

O estudo empreendido pelos autores conclui que ao maior nível de escolaridade corresponde um maior valor ao conhecimento estruturado e referenciado pelos professores. Os universitários reconhecem que o conhecimento dos livros é mais orgânico e organizador enquanto que a Internet lidaria com signos mais indiciais.

Tais questões nos remetem ao campo da mídia-educação. Seriam regras da arte ou esses processos midiáticos podem ser criados e recriados em múltiplas formas e com variedade de regras e artes? Destacamos um trecho de entrevista da pesquisa de Mostafa et al com um acadêmico de jornalismo, para apresentar um conceito de mídia-educação:

*“ ...Você está usando a Internet para que agora?*

*Ah! Eu to procurando um assassinato que ocorreu em Santa Catarina.*

*Você precisa disso para que?*

É pra um trabalho da faculdade que tenho que escrever um livro fictício sobre um crime real.

*Você acha mais fácil vir para a Internet do que ir para um jornal?*

Sem dúvida. O jornal impresso além de sujar a mão é bem mais complicado da gente encontrar, porque tem que pesquisar edição por edição, que não é pequena né? São mais de 50 páginas!

*Você está descobrindo o assassinato em algum arquivo digital?*

É, eu procurei no arquivo dos três principais jornais de Santa Catarina: o Santa, o DC e o AN, que tem um arquivo digital muito bem organizado.

*Como você soube disso? O professor te deu o endereço?*

Não, a gente procura no jornal mesmo. Eu já sabia que o crime tinha acontecido. Eu tentei procurar em edições do jornal, só que eu não sabia a data exatamente do crime. Então fui pra Internet e digitei o caso.

*Seus professores indicam sites ou você vai por conta própria?*

Alguns indicam, mas a gente acha muita coisa por conta própria, a maioria.

*Você aprendeu pesquisar aonde?*

A gente vai aprendendo pesquisando ...” (MOSTAFA et al. , 2004)

O “aprender pesquisando” é um aspecto da autodidaxia destacado por Belloni no livro ‘ O que é mídia-educação’ que talvez explique um pouco as regras da arte da escrita e da leitura na web, onde o dispositivo, de alguma maneira, exige novos modos de ler. (BELLONI, 2001).

O modelo de aquisição de habilidades sugere que está sendo vivenciado de maneira difusa no meio social mais do que apresentado aos acadêmicos por intervenções pedagógicas específicas. Já o modelo revelador das deficiências da mídia como manipuladora de comportamentos e atitudes apresenta-se com mais força, ainda que caracterizado por uma criticidade indefinida.

Iniciamos a pesquisa com o foco na televisão, pelo interesse que este pesquisador tem pelo meio, como parte da audiência e como profissional do telejornalismo em nível de ensino. O grupo focal 1, no entanto, mostrou uma relação com a Internet surpreendente: “ Internet é o dia inteiro” ou “ passo mais tempo na internet do que numa televisão” ou ainda: “ duas horas diárias, pelo menos eu” . Não exploramos mais o tema porque ele foi surgindo ao final do encontro focal. Mas

reconhecemos que a mídia Internet pode estar ocupando um lugar tão importante quanto a televisão entre os jovens jornalistas, o que põe o tema como de muita importância na mídia-educação desses acadêmicos.

É de se notar que nenhum dos nossos acadêmicos do grupo focal 1 se mostrou leitor de livros. As revistas, os jornais e os sites da Internet lhes parecem formas mais apropriadas para o conteúdo de que necessitam no seu exercício de serem acadêmicos de Jornalismo. Importante, então, que uma boa pedagogia de educação para os meios absorva tal tendência, buscando aspectos positivos e vantagens, mais do que críticas.

## **6.2 Grupo focal 2 – Jornalismo da Universidade B**

A seguir, se apresenta a análise da conversação realizada com os estudantes da sétima fase do curso de Jornalismo da universidade B. A coleta dos dados ocorreu no primeiro semestre de 2005 e foi realizada pelo pesquisador nas dependências da própria universidade. Contou com a participação de sete alunos do curso que foram selecionados de acordo com os critérios preconizados pela bibliografia que trata da metodologia do Grupo de Discussão ou Grupo Focal. Como na primeira etapa da coleta, com o Grupo 1, na universidade A, este procedimento foi registrado através da gravação do áudio das entrevistas, por meio de fita cassete. O uso de equipamento de filmagem foi descartado por considerar que poderia constranger e prejudicar a dinâmica da metodologia.

O curso de Jornalismo da universidade B é bastante jovem e ainda não formou sua primeira turma. Todos os participantes das conversações fazem parte da primeira classe e serão, em breve, os primeiros formandos. Tratam-se dos pioneiros da Comunicação Social na universidade. Como tais, enfrentaram ao longo desses anos os prazeres e decepções inerentes a qualquer processo de construção. Essa condição, por sinal, fica evidente nas falas dos entrevistados que, hoje, possuem uma compreensão mais apurada de sua representatividade e responsabilidades e uma visão mais plena de todo o processo que estão vivenciando. A turma é bastante eclética, possuindo pessoas de faixas etárias distintas e também com experiências bastante diferenciadas. Uma

parcela dos estudantes já atuou ou atua em atividades ligadas à comunicação e buscaram no curso superior uma reciclagem e a complementação teórica e estrutural de conhecimento.

A região onde a universidade está inserida não conta com outro curso de Comunicação e o mercado local é dominado por pessoas sem formação específica na área. A constituição de um curso superior de Jornalismo tem gerado um suspense nos rumos que o mercado comunicacional local pode tomar. De um lado, os jovens ávidos por colocar em prática os ensinamentos da academia, com uma visão de mundo mais afinada com as tendências contemporâneas e os princípios éticos. De outro, um mercado acomodado, composto na sua maioria por pessoas com conhecimentos adquiridos exclusivamente na vivência do dia a dia e, naturalmente, receosas com a iminência de um processo intenso de mudanças.

Na abertura do encontro com os estudantes, o pesquisador especificou as características da dinâmica e estabeleceu os critérios para o bom andamento da experiência.

### **6.2.1. Jornalismo e romantismo**

A primeira questão colocada na roda de discussão foi o porquê da escolha pelo curso de Jornalismo. A influência familiar, a empatia com o ato de “ler e escrever” e certo romantismo pontuaram as declarações:

A.R.I: O meu segundo emprego foi numa rádio. Eu tinha 14 anos. Daquele momento eu percebi que não saberia fazer outra coisa a não ser trabalhar com comunicação. Comecei a faculdade tarde, mas é a realização de um sonho, mesmo. Eu tenho plena convicção de que não sei fazer outra coisa da vida.

A.M.A: Acho que é uma coisa de família. Meu pai trabalha em rádio desde os 14 anos, meu tio é jornalista, meu avô é poeta... Eu gosto de escrever bastante, eu gosto de ler. Adoro TV, rádio. Acho que é por causa do convívio que tive em casa com os meios de comunicação.

C.H.I: Eu entrei numa gráfica com 11 anos de idade. Eu lia muito, pois tinha que montar as chapas, composição manual... Um tempo depois, recebi o convite de um amigo para escrever uma coluna num jornal local e então me interessei pela escrita. E aí assim que surgiu o curso de comunicação social, decidi que esse é o curso que eu ia fazer...

S.E.R: Na verdade eu não escolhi o curso. Foi o curso que me escolheu. Eu aprendi a gostar de ler na quarta série quando ganhei uma coleção de contos. Aquilo me fascinou. Sempre gostei de escrever... Escrevi um livro de poesias e também já escrevia alguns artigos para jornais locais... Aquilo começou a dar um clic, como se fosse um aviso...

D.E.B: Quando você vai fazer alguma coisa, tem que amar muito e eu amo escrever, desde criança eu escrevo. Obriguei minha mãe a comprar uma máquina de escrever e aprendi datilografia por correspondência... Ser jornalista é uma forma de eu usar essa habilidade em função dos outros.

G.R.A: Eu fui influenciada pelo meu namorado, que trabalha em rádio, já trabalhou em TV e depois que eu conheci esse mundo mágico, eu tive a oportunidade de fazer o vestibular.

J.U.L: Eu fiz duas opções. A primeira para medicina, para provar para mim mesma que eu era capaz de passar e a outra pra Jornalismo. Não passei em medicina e acabei me mudando e fazendo jornalismo... Me apaixonei pela turma, pelo curso e hoje vejo que a profissão de jornalista e a de médico tem muita coisa parecida. Estamos sempre de plantão, com o olhar sempre atento e curioso.

A relação da profissão de jornalista essencialmente com o “ler e escrever” também foi apontado pelos entrevistados do Grupo Focal da universidade A. Trata-se de uma forte característica do romantismo literário dos princípios da atividade jornalística, quando a profissão era exercida exclusivamente por pessoas oriundas das artes, da literatura e da filosofia. Fica evidente nas falas o entendimento da profissão jornalística como uma obstinação, quase um sacerdócio: *Eu tenho plena convicção de que não sei fazer outra coisa da vida...* Ou: *Ser jornalista é uma forma de eu usar essa habilidade em função dos outros...* E:... *eu conheci esse mundo mágico...*

Como desbravadores de um curso novo, os estudantes vivenciaram situações que outros acadêmicos, matriculados em cursos já solidamente estruturados não passaram. Apesar de conflitantes, essas circunstâncias se mostraram positivas para o amadurecimento dos alunos:

A.R.I: ... o curso apresenta falhas, só que quando a gente trabalha na área de comunicação e entra num curso de comunicação social, a gente entra achando “meu, eu sei tudo, né...”, vou só vir aqui pra pegar o diploma. Mas a partir do momento em que tu começa a conviver e começa a ver coisas, você pensa: ‘meu! Eu não sabia nada da profissão que eu exercia há tanto tempo’ Eu aprendi muito mais do que eu imaginava que pudesse aprender.

S.E.R: ... nós sabíamos que nós por sermos os primeiros teríamos algumas dificuldades. O curso foi se construindo e nós construindo o curso... eu acho que esse momento é de nós abriremos caminhos a machadada, a foice e enxada... quem vem atrás de nós, vai ter um caminho mais ou menos definido, eles não vão ter certas habilidades que nós desenvolvemos aqui dentro porque nós somos obrigados a derrubar esse mato.

D.E.B: ... Algumas matérias foram maravilhosas e outras foram horríveis. Alguns professores foram maravilhosos e outros foram horríveis ...O fato de a gente ser os primeiro e passar por um monte de problemas nesses quatro anos, quando a gente for para o mercado a gente também vai ser os primeiros. O que as outra turmas vão ter de vantagens em relação a gente nós teremos com relação a eles. Vamos chegar primeiro no mercado.

G.R.A: Muitos alunos exigem os seus direitos, mas não cumprem com seus deveres de alunos... A gente desde que começou sabia que era a primeira turma, que de repente algumas modificações iam acontecer durante o caminho...

A exposição do contexto de inserção do curso de Jornalismo da universidade B se faz necessário para a correta leitura dos dados. Para o pesquisador, esse diferencial evidenciou contrastes interessantes nas análises.

### **6.2.2. A mídia como influência**

Um novo turno de conversas é iniciado com a inserção de questões mais específicas para a investigação a que se propõe o presente trabalho, que é observar se os cursos de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo de universidades catarinenses têm possibilitado a formação de receptores críticos dos meios de comunicação, mais especificamente da televisão, partindo-se da hipótese de que a maioria dos futuros jornalistas não desenvolve as habilidades teóricas e culturais necessárias para a compreensão das mensagens e influência dos meios de comunicação. O pesquisador lança, então, o termo “mídia” no cenário do debate. O que vocês entendem por mídia é a pergunta formulada:

J.U.L: Eu entendo que mídia são os meios que o homem pode usar para informar...

S.E.R: Eu vejo que a mídia como o próprio nome sugere, ela é um meio. Se há um meio, deve haver dois pontos. **Numa das pontas há um fato acontecendo e na outra ponta há alguém que tem a necessidade de saber o que está acontecendo** até para que possa construir seu próprio espaço cultural e o meio está ali para criar essa ponte entre as duas pontas (grifo nosso)

A visão de S.E.R nos remete a Teoria da Informação, de 1940. Seguindo a sua formação matemática, o pesquisador Claude Shannon idealizou um esquema referente à informação e comunicação, baseado num pensamento hermético, onde “A fonte, ponto de partida da comunicação, dá forma à mensagem, que transformada em informação pelo emissor que a codifica, é recebida no outro extremo da cadeia”. (MATTELART, 1999, p.60) Sob esse ponto de vista, a mensagem que parte do emissor não sofre qualquer interferência até chegar ao seu destino, um ávido e “necessitado” receptor. Qualquer decodificação ou interpretação do conteúdo é ignorada. Essa mesma tendência já foi percebida nas conversas realizadas com o grupo da universidade A, e aqui se repete.

Em termos fonéticos, a palavra mídia significa uma adaptação ao idioma português da palavra inglesa *media*. A verdadeira origem, porém, vem do latim *medium*, que tinha como plural *media*, significando meio ou “lugar para onde tudo converge” (POLISTCHUK, 2003, p.78). A idéia de convergência nos remete à idéia de praça pública, como local onde tudo converge bastante pertinente com a noção de mídia que temos hoje. A mídia promove a exposição, proporciona elevada visibilidade social, protagonizando o espetáculo do efêmero. As definições dos dois participantes acima destacadas apontam para uma compreensão de mídia enquanto meio, via, capaz de fazer circular um conteúdo. Mas o relato dos outros colegas denuncia uma aproximação com a concepção de *mass media*, originado da sociologia da comunicação, que reputa a quem detêm os meios a capacidade de difusão coletiva e o poder do controle social.

A.R.I: Eu entendo a mídia como uma bela moça na janela: tem o poder de encantar, mas também tem o poder de destruir o cara que se apaixona por ela.

C.H.I: Eu poderia classificar a mídia como uma arma. A pessoa que detem um veículo de comunicação ela tem uma arma na mão e o poder dessa arma vai depender do uso que se faça.

G.R.A: O que a gente observa é que principalmente na nossa região, os meios de comunicação muitas vezes formam as opiniões e se utilizam disso para conseguir o que querem, pra de repente através do meio de comunicação demonstrar poder.

Os jovens estudantes reduzem a compreensão e a abrangência da mídia ao poder e a capacidade de manipulação que ela eventualmente possa conferir. Trata-se de uma confusa relação entre “um fato real – a onipresença dos meios – com um suposto fato – a onipotência dos meios”. (Ibid.p.80). Essa relação entre mídia e poder está baseada principalmente nos fundamentos das teorias comunicacionais defensivas e nas análises de uma psicologia sumária e reducionista de comportamentos reflexos.

Essa forma de análise das relações entre mídia e sociedade foi bastante contemplada na teoria funcionalista, que via nos meios de comunicação um canal para destilar mensagens que agiam de maneira “funcional” no sentido de regular os movimentos e estruturas sociais, condicionando o receptor em consonância com os interesses pretendidos. Tais artifícios atendiam principalmente a comunicação política e a comunicação publicitária. No campo da Psicologia, os pressupostos funcionalistas são amparados pelos estudos da corrente behaviorista, fundada pelo psicólogo americano John Watson, que sustentava “que o comportamento humano (em inglês, behavior) somente poderia ser compreendido mediante a ocorrência de uma ação observável, objetiva e à exclusão sumária de todo recurso à introspecção” (Ibid., p, 99). Nesse processo, os traços de subjetividade não mereciam consideração, tudo se resumia a ação e reação.

Mas e os jovens estudantes de Jornalismo, sentem-se influenciados pela mídia?

S.E.R: ...Com certeza eu sou influenciado pela mídia. A mídia é um construtor de realidade.

A.M.A: No escritório onde eu trabalho todo dia tem uma pauta diferente na hora do café, né ? Aí uma mulher pergunta pra outra: você viu a unha da

guria da novela das oito? Você viu o que eles falaram, nossa eu li no jornal... Eles são muito crentes pelo o que é passado, principalmente pela televisão. Eu acho que a mídia constrói uma imagem e ela influencia sim, tanto no corte de cabelo, no jeito de você falar, no jeito de você se expressar, de você até caminhar... Se você não tem uma opinião formada, você não sabe analisar criteriosamente o que serve pra tua vida e o que não serve. Você é levado pela mídia toda hora, todo o dia.

D.E.B: A mídia gera em mim um desejo de consumismo que não me realizado por falta de condições financeiras. Aí vem aquela frustração... A mídia também serve pra me revoltar com a situação política do país e pra de uma certa forma pegar nojo pela política e deveria ser bem o contrário, pois a gente como jornalista deveria gostar da política.

Os estudantes reconhecem que sofrem influência direta da mídia, inclusive confirmando a hipótese de uma agenda setting ou prévio agendamento de temas que são discutidos pela sociedade ou padrões de comportamento baseados em aspectos levantados pelos meios de comunicação: *‘a unha da guria da novela das oito...o corte de cabelo, o jeito de falar, o jeito de se expressar...’*. Ou ainda, a repulsa causada pela avalanche de denúncias envolvendo corrupção política promovida pela mídia . As falas apontam também a necessidade de certo cabedal crítico, que seria necessário para “se proteger” da influência midiática. O senso crítico, que os participantes definem da seguinte maneira:

A.R.I: É saber o que é bom e o que não é. O que na verdade varia de um pra outro...Crítico é uma coisa muito pessoal, cada um tem o seu e cada um desenvolve de uma maneira diferente...

C.H.I: É importante ter acesso a mais de um jornal, mais de uma revista, mais de um telejornal pra gente poder formar a nossa opinião. Porque cada um que vai dar uma notícia sobre um determinado assunto ele vai dar com o ponto de vista dele, mesmo que a gente sempre diga que o jornalista tenha que ser objetivo, isento, imparcial, mas existe a pontuação dele...Então pra que a gente não caia no conto do vigário, a gente tem que pegar várias informações, passar no liquidificador e formar a nossa.

D.E.B: Senso crítico pra mim é assim, tu ouve uma determinada coisa e aí começa a formular aquelas perguntinhas básicas na cabeça, será? Por quê? Começa a desconfiar, começa a duvidar, começa a ler entre as linhas.

Interessante observar que no contexto da criticidade citada, em momento algum foi mencionado o poder do capital econômico nas relações midiáticas. As forças

financeiras atreladas aos interesses do governo, ponto de partida de qualquer discurso que envolvesse a Comunicação principalmente nos anos 70 e 80, hoje já não está em voga. Percebe-se a inclinação para a análise funcional dos meios, mas não necessariamente do engendramento financeiro.

A perspectiva econômica pontuou as pesquisas desenvolvidas pela teoria crítica, alicerçadas pelos estudos produzidos na Escola de Frankfurt. Através dos princípios marxistas, dos conceitos da “dialética do esclarecimento” e da “indústria cultural”, Adorno e Horkheimer (seus integrantes mais ortodoxos) foram responsáveis pela formulação de teorias que marcaram profundamente as pesquisas de Comunicação. Para a Escola de Frankfurt, os meios de comunicação atuam como canais de persuasão e manipulação, propagando ideologias que atendessem exclusivamente às classes dominantes em detrimento das classes populares, estas, eternamente subjugadas pelo poderio econômico e condenadas à manutenção do *status quo* vigente.

O período de exceção vivido no Brasil durante o regime militar e o uso dos meios de comunicação como veículo para a propaganda do sistema foi solo fértil para a proliferação da teoria crítica entre os estudiosos da Comunicação. O estrangulamento das liberdades individuais e a claustrofóbica atuação impingida à imprensa eram entendidas como evidências cabais de um processo de dominação e manipulação tendo a imprensa como um dos principais artifícios. Toda uma geração de estudantes de Comunicação teve sua formação baseada nessa realidade. Por consequência, o próprio mercado acabou influenciado, principalmente após o período de abertura e o repatriamento dos exilados através da anistia, no início dos anos 80.

Porém, a ausência explícita da condicionante econômica nas análises empreendidas pelos estudantes não denota uma tendência ao pressuposto da aquisição de habilidades de que nos fala Ismar Soares. Muito pelo contrário. Apesar de um pouco mais flexibilizada, a percepção dos futuros jornalistas ainda aponta para uma visão restrita dos sujeitos envolvidos nos atos comunicativos. O emissor e sua mensagem são valorizados. Já o receptor com sua condição histórica e cultural, continuam ignorados. Da mesma maneira que nas conversações com o Grupo Focal da universidade A, os alunos da universidade B defendem uma postura crítica e discorrem sobre essa condição sem citar qualquer obra ou autor. Teoria alguma é referenciada.

Apenas um dos participantes nos revela uma preocupação com a “bagagem” cultural e histórica do receptor em contraposição à simplista estrutura da mensagem enviada de maneira asséptica e recebida integralmente, exatamente dentro das intenções do emissor:

J.U.L: Senso crítico não é só no termo negativo né... Mas tipo uma avaliação. Tu avalia e tu tens o teu embasamento pessoal, teórico, pra ser ativo numa sociedade, na sala de aula e ter uma visão de mundo e não ser apenas passivo.

O “embasamento pessoal” que permite ao sujeito “ser ativo numa sociedade, na sala de aula e ter uma visão de mundo e não ser apenas passivo” ao qual o participante instintivamente se refere constitui-se como o principal diferencial entre os modelos que valorizam as deficiências dos meios e o modelo construtivista de abordagem. Assim como os fundamentos do behaviorismo balizaram os primeiros estudos da Comunicação, levando em consideração apenas a hipótese de ação – reação, a idéia de um receptor ativo e com autonomia, uma das bases do princípio da aquisição de habilidades, pode ser aproximado dos estudos histórico-culturais elaborados por Vygotsky, que compreendia o desenvolvimento do homem diretamente relacionado com suas origens sociais e culturais. Na perspectiva vigotskiana a cultura é representada pela soma das produções humanas incluindo as “técnicas artísticas, científicas, tradições, instituições sociais e práticas sociais” onde o que não for originado diretamente da natureza decorre da obra do homem. (PINO, 2000) São os fatores sociais e culturais que se agregam e dão sentido à mensagem no espaço entre o emissor e o receptor, por intermédio das mediações.

A participação do professor na ação mediadora é fundamental. No caso deste estudo, que aborda a capacidade de análise crítica dos futuros jornalistas e qual modelo teórico ampara tais análises, o profissional da educação – que nesse caso *a priori* é um comunicador – toma ainda maior dimensão. Pino (2004) analisa o ato de ensinar e aprender dentro da perspectiva histórico-cultural partindo da etimologia do verbo ensinar. Em seu estudo, aponta que o verbo ensinar pode significar: transmitir conhecimento, treinar, punir ou indicar. Para qualquer um dos significados, o processo envolve dois sujeitos e um mesmo objeto de conhecimento. Na perspectiva histórico-cultural, a trama entre sujeitos e conhecimento é mediada pela significação através de

instrumentos, que podem ser de dois tipos: “técnicos – artefatos fabricados pelo homem para agir sobre a matéria – e semióticos – sistemas de signos inventados por ele para representar-se o mundo e comunicar-se com seus semelhantes e consigo mesmo”. (VYGOTSKY, 1997 apud. PINO, 2004, p.449) Logo, toda a ação humana estaria baseada nas mediações técnicas e semióticas, onde a mediação técnica cria uma nova forma à natureza na qual o homem está inserido e a mediação semiótica gera uma significação que permite a compreensão dessa nova forma, dessa nova realidade. (PINO, op. cit, p.08) Tal instrumentalização origina a transformação do homem e do próprio objeto, por meio da maturação do conhecimento.

Por tanto, é fundamental que o professor responsável pela formação dos comunicadores domine tal contexto, atuando como um facilitador, um parceiro, que compreende a amplitude e a importância dos valores e das vivências dos estudantes na decodificação– técnica e simbólica – e no manejo das mensagens midiáticas. Pertinente, então, rememorar as três questões apontadas por Soares (2000) como metas para uma proposta de aquisição de habilidades: Criar a habilidade de transferir conhecimento de um contexto para outro, criar a habilidade de selecionar conteúdos e criar a habilidade para usar a produção midiática como forma de expressão.

Nesse ponto é possível identificar a influência do curso de Jornalismo propriamente dito, através dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula na formação da tal perspectiva crítica. Os estudantes participantes do Grupo Focal da universidade B demonstraram poucas lembranças de disciplinas ou professores que tenham incentivado o desenvolvimento de reflexões críticas ao longo do curso. Eles concordam que esse tipo de ação foi mais frequente nos primeiros semestres da faculdade, sendo gradativamente abandonado com a proximidade do fim do curso.

A.R.I: Eu acho que no início do processo a gente foi incentivado. Hoje em dia os professores que chegam já imaginam que estamos formados, assim...

D.E.B: A faculdade ajudou a melhorar o senso crítico. Principalmente na questão da ética. A gente vê que a programação de televisão não tem respeito pelo público...

J.U.L: Eu acho que a disciplina que mais fez a gente refletir foi Teoria da Comunicação e agora com o Jornalismo Regional, que a gente ta retratando bem aquilo que vivemos aqui na nossa região mesmo.

S.E.R: Essa turma é muito eclética. Essa visão diferenciada de cada grupo sempre gera opiniões diferentes a respeito de um mesmo assunto. Realmente, concordo que o Jornalismo Regional proporcionou muita discussão, novas angulações... Mas essas diferenças fizeram com que dificilmente um assunto tenha sido unanimidade.

A.M.A: Eu concordo com A.R.I. No começo a gente chegava na faculdade com vontade de aprender, ir atrás de informações e os professores estimulavam mais. O uso de exemplos, o trabalho mais prático com exercícios você aprende melhor...

Através das falas dos participantes é possível observar que a concepção de um professor mediador, que possibilite as interações entre os próprios estudantes e os mais diversos conteúdos e informações escolarizadas e também não-formais, provenientes do contexto sócio cultural de cada aluno e dos meios de comunicação aos quais são expostos, tão bem sintetizada por Jacquinet (1998), na prática ainda é pouco presente. Os depoimentos apontam para um esmorecimento com o passar do tempo, por parte dos professores, no sentido de incentivar a discussão, aproximando a realidade midiática com os conteúdos teóricos tratados em sala de aula. Aqui, é possível flertar com duas hipóteses: os professores realmente recuaram na proposta de mediação flexibilizada por perderem ao longo do curso o encantamento que é natural com uma turma nova, ávida por descobrir e até certo ponto ingênua. Ou então, quando os alunos começaram a desenvolver mais enfaticamente a capacidade crítica, paradoxalmente, os professores refrearam as iniciativas visando o aprofundamento das análises, baseados numa acomodação natural ou no receio de perder o controle sobre os conteúdos ministrados.

De qualquer forma, ambas as situações se mostram problemáticas, pois a interferência e depuração por parte do professor no saber midiático é fundamental no curso de Jornalismo e na sociedade, que vivencia um panorama onde as informações veiculadas pelos meios têm uma penetração tremenda.

### **6.2.3. A educomunicação como prática**

A atuação do professor como um mediador é um dos principais pressupostos da educomunicação ou mídia-educação. Se os alunos aparentemente se ressentem da

postura dos professores com o passar dos períodos, paradoxalmente a pesquisa identificou que o termo “educomunicação” não é estranho aos estudantes:

S.E.R: Educomunicação foi um termo ao qual eu fui apresentado no quinto semestre, nas aulas de Jornal Laboratório, até porque o foco das nossas produções eram os alunos do ensino médio da região. Nós queríamos fornecer aos professores um Jornal Laboratório como ferramenta na construção social, na ampliação do gosto pela leitura, na inserção do jornal na vida cotidiana.

D.E.B: Eu também vi esse termo no jornal que foi lançado na cidade recentemente por nossos colegas de curso. Em cada edição tem lá uma parte sobre educomunicação.

G.R.A: (puxando um livro da bolsa) Tô começando a ler um livro aqui da Rossana Gaya – Educomunicação e Mídias, que fala muito da questão de estar utilizando os meios de comunicação, no caso o Jornal Laboratório, na comunicação. Para mostrar para os alunos a questão da conscientização, da formação crítica, da cidadania. Então é uma série de estudos que podem ser feitos através dos meios de comunicação.

C.H.I: Eu ouvi esse termo, educação para as mídias e na época foi falado na educação da sociedade para uma leitura crítica da mídia, para a pessoa não absorver simplesmente tudo o que se diz, o que se mostra, mas sim para ela saber filtrar, né.

Essa rodada de discussão surpreendeu positivamente o pesquisador. Os estudantes não só demonstraram conhecer a palavra educomunicação como também revelaram o desenvolvimento de projetos durante o curso envolvendo a temática. O projeto do Jornal Laboratório que S.E.R. faz referência foi produzido inteiramente com objetivos educacionais. Toda a produção – definição de pautas, reportagem, projeto gráfico – foi pensado a partir do público das escolas do Ensino Médio da região onde a universidade B está inserida.

Com a edição em mãos, os alunos firmaram um acordo com várias escolas que passaram a utilizar o jornal como ferramenta de diversas disciplinas. Posteriormente, todas as classes que trabalharam o Jornal Laboratório em sala de aula participaram de um encontro promovido pelo curso de Jornalismo na universidade B, onde tiveram a oportunidade de conhecer a equipe que produziu o material e também fazer questionamentos sobre a produção e avaliar os resultados da ação, num movimento inédito. O Jornal Laboratório da universidade B, que começou como uma

experiência dentro de uma disciplina, atualmente já se constitui como um dos principais projetos de Extensão da instituição.

A iniciativa do curso de Jornalismo vem ao encontro do primeiro item elencado por Belloni (2002) dentro da proposta dos sete pontos básicos para a discussão ou as “sete teses sobre mídia-educação”, que explicita a necessidade de “compreensão da convergência dos dois processos sociais – comunicação e educação – em sua plenitude, fazendo dos meios tanto objeto de estudo como ferramenta pedagógica para uma nova proposta de educação”.

#### **6.2.4. A recepção como incógnita**

Na seqüência do encontro, o pesquisador direcionou a discussão para o relacionamento dos estudantes com o meio de comunicação de maior apelo: a televisão. É válido destacar que dos sete participantes, apenas um tem acesso a TV por assinatura. Outro estudante possui antena parabólica, mas recebe apenas os canais abertos nacionais e os outros cinco contam apenas com os canais convencionais da TV aberta local. Este dado é relevante, pois a limitação de opções por vezes pode desestimular o uso do veículo. Mas curiosamente, nenhum dos entrevistados se queixou da falta ou redução de canais disponíveis.

Vamos aos posicionamentos, que acabaram por revelar situações contraditórias:

C.H.I: Pessoalmente gosto do jornalismo na TV. Assistio também alguns programas culturais.

S.E.R: Gosto da TV Senado e da TV Câmara. Principalmente dos programas musicais que eles exibem. Mas na maioria das vezes a televisão funciona daquela forma: você olha, mas não vê...

D.E.B: A TV te condiciona, te bitola. É tudo muito rápido não tem análise. Tem algumas exceções como o Globo Repórter, o Sem Censura...

G.R.A: Na minha casa temos parabólica e cada um tem a sua TV, mas a programação acaba sendo a mesma para todos, por causa da antena. Quase sempre está na Globo. Novelas, jornal. Eu pessoalmente gosto do programa do Serginho Groissman.

J.U.L: Eu trabalho o dia inteiro e estudo à noite. Não tenho tempo para assistir TV. Nas poucas vezes que ligo é pra ver o jornal e a programação da Globo.

No Brasil, a televisão é o meio de massa que mais vertiginosamente se desenvolveu. Com uma história de pouco mais de cinquenta anos, foi capaz de conquistar uma hegemonia que veículo algum atingiu, significando uma importante revolução virtual, pois apresenta as imagens que o rádio não tem e a capacidade de fixar hábitos na rotina das pessoas, o que não ocorre com a internet. (JUNIOR, 2002). Todo esse sucesso gera um inevitável e polêmico debate sobre o lugar social ocupado pela televisão. São inúmeros os aspectos questionados que envolvem a atuação da TV no cotidiano e formação das pessoas e todas as análises transpassam de alguma maneira pelas teorias fundadoras.

Muito se fala da qualidade da programação exibida pelos canais de televisão, seu descompromisso com a cultura e sua influência nefasta na população. A banalização da violência e do sexo, a falta de ética, o excesso de superficialidade e as vinculações publicitárias pautam a argumentação dos que vislumbram no veículo um meio absolutamente negativo e pernicioso para a formação social. Por outro lado, estão os que alegam que a TV tem como função primordial o entretenimento e não necessariamente um compromisso com a formação e a educação. Esse conflito pode ser observado nas falas dos jovens estudantes. O depoimento de A.R.I. é emblemático:

A relação com a TV é engraçada. Ela varia com o dia... Tem dias em que gosto de assistir notícias, um programa cabeça e tal. Mas tem dias em que gosto de sentar e não ficar pensando em nada, sem raciocinar. A TV deve ser entretenimento. Todo mundo fala mal da programação das TVs, mas a porcaria me fascina (risos).

Em 'Dos Meios às Mediações' Barbeiro aborda em detalhes os anacrônicos discursos envolvendo cultura e televisão. Ao tratar da "competência cultural" o autor identifica aqueles que entendem a televisão de acordo com o paradigma da arte e a arte sendo a única coisa relevante no âmbito da cultura, ratificando o estigma de que cultura é sinônimo de culto e a televisão por não apresentar esta característica não poderia representar a cultura. Outro segmento considera a cultura como algo do povo, mas do

povo no sentido puro, livre de qualquer influência ou mistura, descontextualizada historicamente. O entendimento é de que a cultura popular representa-se pelas danças, vestimentas, ritmos e costumes. Portanto a televisão deveria retratar fielmente essa condição para representar o compromisso cultural. Barbeiro aponta ainda o grupo que representa os comerciantes, defensores ardorosos das pesquisas de opinião para a definição das programações, ratificando os argumentos funcionalistas e também a posição do setor público ou estatal que invariavelmente pende ao formalismo e distanciamento da linguagem ágil da televisão.

O que se nota em todas as abordagens, porém, é o distanciamento do entendimento a respeito da abrangência e flexibilidade que uma mídia como a TV pode oferecer. Para além das formatações, é fundamental perceber o sentido que as pessoas dotam em suas relações diárias com a televisão. A hipótese que move o presente estudo se confirma através das falas da maioria dos estudantes. O fluxo de conteúdos e as discussões desenvolvidas nos três anos e meio de graduação em Jornalismo ainda contemplam uma visão restrita a respeito da televisão. O enfoque defensivo, hábil em apontar os efeitos negativos dos meios de comunicação e, na maioria das vezes sua completa desconexão com a educação ainda é dominante. A retórica do demérito e de certo preconceito televisivo continua imperando, reflexos da teoria funcionalista - onde todo o fato, seja qual for o nível de seus desdobramentos, pode ser explicado por sua função, isto é, pelo que representa para um sistema e pelo modo como se inter-relaciona com outros fatos - e em menor escala, da teoria crítica.

Tal situação pode ser melhor compreendida a partir do momento em que percebemos que o conceito de recepção, essencial para a aplicação de uma perspectiva mais construtivista, está ausente do cabedal de conhecimento dos sujeitos envolvidos. Dando prosseguimento às conversações o pesquisador formulou a seguinte pergunta ao grupo: Vocês já ouviram o termo 'recepção em comunicação'? Se ouviram, o que entendem por isso?

Nesse momento um constrangedor silêncio, seguido de alguns sorrisos tímidos tomou conta do ambiente.

G.R.A: Recepção como àquela informação recebida... (vago)

S.E.R: Como é a pergunta? (confuso)

O pesquisador, então, repete a questão formulada.

J.U.L: A gente ouviu na aula de Português, na aula de redação sobre os elementos da comunicação, da linguagem...pra comunicação ser perfeita, a linguagem precisa ser boa.

C.H.I: Pode ser também o aparelho, não é? O aparelho receptor (em dúvida)

S.E.R: Não, mas estamos falando de recepção...

D.E.B: O termo a gente ouviu só em aula. Os elementos da comunicação, o receptor, a linguagem, os filtros, os ruídos. Isso a gente estudou bastante no começo da faculdade

J.U.L: ...então vamos nos formar sem saber o que é isso... (desanimada)

Fica evidente a confusão conceitual apresentada pelos participantes. Aproximam a compreensão da recepção ora com aspectos técnicos (equipamento) ora com teorias da linguagem. Em momento algum conseguiram exprimir uma definição de recepção próxima dos estudos ou teorias comunicacionais contemporâneas. E a recepção, ou o redimensionamento do sujeito receptor é condição preponderante para o modelo de aquisição de habilidades. Através dele, os aspectos culturais, as vivências e o entendimento das relações que se estabelecem por meio do consumo dos produtos culturais dos meios de comunicação de massa geram uma nova realidade. A recepção passa a ser vista como um campo que propicia a resignificação e a produção de sentido através das mediações. Nessa perspectiva, a comunicação ganha novas fronteiras por intermédio das interações, onde as mensagens são decodificadas conforme a contextualização histórica e cultural de cada receptor e das mediações as quais é submetido. Da mesma maneira, as produções das mensagens midiáticas sofrem transformações impostas pelas demandas culturais e históricas dos receptores, estabelecendo uma relação dialética constante.

Considerar a hipótese de que cada pessoa tem a capacidade de interpretar e decodificar as mensagens que recebe baseadas nas experiências socioculturais individuais e grupais não significa desmontar toda a epistemologia cunhada pelos estudos comunicacionais, mas sim ampliar consideravelmente seu campo de

observação, lançando as pesquisas em Comunicação a esferas mais abrangentes e integralizadoras através da multidisciplinaridade. (POLISTCHUK, 2003).

Os depoimentos colhidos pelo pesquisador demonstram que os futuros jornalistas não tiveram, pelo menos até a sétima fase do curso, qualquer contato com os conceitos básicos da teoria da recepção, seja via referencial bibliográfico, seja por discussões dirigidas ou aulas expositivas durante a jornada da graduação. A frase desconsolada de J.U.L., aventando a possibilidade de terminar sua formação acadêmica sem conhecer o assunto, provavelmente se concretize. Apesar da ausência do conteúdo formalmente, um dos participantes dá pistas de uma percepção mais aguçada no que diz respeito ao espaço situado entre a mensagem emitida e a formação de sentido por parte de quem a recebe:

G.R.A: Varia de pessoa para pessoa (a recepção), porque cada um vai receber de acordo com **o conhecimento prévio, de acordo com o conhecimento de cada um. A mesma informação vai ser recebida por mim de uma forma diferente que por ti.** (grifo nosso)

Novamente percebemos a intuição de que o 'conhecimento prévio' é parte inerente no processo de assimilação e decodificação das mensagens recebidas, onde o homem é tido como um ser de essência dialética que, influenciado pelo meio em que vive, transforma o próprio meio e acaba por transformar a si mesmo.

### **6.2.5 Para além da televisão**

Complementando o encontro com os estudantes da universidade B, o pesquisador questionou a respeito de outras mídias que são utilizadas pelos futuros jornalistas, além da televisão. Os participantes se ressentem da dificuldade de acesso à cultura na região:

A.R.I: Jornal, rádio, internet... Porque quando a gente mora no interior teatro e música é muito difícil e cinema é uma tortura... Mas assim, tudo o que eu tenho acesso eu procuro sorver.

A.M.A: Eu gosto de cinema, apesar que aqui tem um cheiro de mofo, é desconfortável...revistas, livros, - mais quando necessário...Também jornalismo da internet, quando dá, no serviço, no horário do café...

G.R.A: Além da TV ouço rádio tanto AM como FM. Assisto no mínimo um filme por semana, alugado ou na TV. Costumo ir ao cinema a cada dois três meses. Quando tem show a gente também vai e teatro aqui quase não tem. Eu fui num circo...(risos). Acesso todo dia à internet para saber de pautas no trabalho.

Diferente dos resultados obtidos com o Grupo Focal na universidade A, os estudantes da universidade B fazem uso mais constante dos meios clássicos como jornal e rádio. Isto pode ser justificado pelas dificuldades apontadas acima e também por todos os participantes do Grupo Focal 2 cumprirem jornada dupla, trabalhando durante o dia e estudando à noite, o que acaba reduzindo o tempo disponível para o consumo midiático. O padrão econômico dos estudantes também influencia no acesso às mídias. A maior parte dos estudantes, por exemplo, tem acesso à internet somente no ambiente de trabalho, onde, conforme os relatos, sofrem restrições. Outra alternativa é na própria universidade, porém neste período invariavelmente estão envolvidos com as atividades de sala de aula.

Seguem mais depoimentos sobre a utilização midiática dos estudantes:

C.H.I: O rádio AM. Eu penso que a rádio AM tem mais informações que a FM e também o jornalismo da internet...Gosto também de viajar em páginas de jornais estrangeiros, apesar do meu inglês mais ou menos. Revista eu não leio tanto por causa do preço.

S.E.R: Depois da televisão, o jornal impresso, a internet, livros e rádio pouquíssimo.

D.E.B: leio jornal impresso, porque na empresa tem assinatura. Revista eu quase não leio. Livros eu quase me obrigo a ler, porque tem que ler mesmo... Internet quando dá um tempinho na empresa, mas não pode.

J.U.L: Eu acesso diariamente a internet, uso muito. Jornais impressos só no final de semana e filmes, filmes, filmes, que eu adoro. Detesto rádio AM e a rádio FM é meu companheiro já que moro sozinha.

Mesmo mantendo contato com meios clássicos como o jornal e o rádio, além do cinema em menor escala, para os jovens estudantes da universidade B, a televisão ainda é o veículo de comunicação mais acessível. Lembrando que falamos aqui da TV aberta, já que apenas um dos depoentes possui serviço de TV por assinatura. Interessante destacar que apesar da escassez de opções oferecidas pelo sistema de

televisão convencional, com uma média de apenas cinco canais, os estudantes apontaram uma forte tendência e fidelidade de consumo de programas jornalísticos em detrimento aos programas popularescos de auditório e outros, a chamada programação de entretenimento. É curiosa a constatação de que apenas o participante que tem acesso a mais canais admitiu gostar e consumir programas nesse formato: “A TV deve ser entretenimento. Todo mundo fala mal da programação das TVs, mas a porcaria me fascina”, talvez, inconscientemente, ratificando a hipótese de que o incremento da quantidade de canais não necessariamente reflete um aumento de qualidade.

Já no Grupo Focal 1, na universidade A, se constatou uma maior flexibilização com a programação televisiva. Poucos estudantes se assumiram como consumidores de programas televisivos especificamente jornalísticos, reconhecendo que os programas de entretenimento têm a sua importância e espaço garantido. Em contrapartida apresentaram um consumo mais ávido das novas tecnologias, principalmente a internet. Ainda com relação ao consumo televisivo, à guisa de comparação, o estudo realizado por Machado (2002) sobre o gosto cultural de jovens da Universidade de São Paulo (USP) detectou que para os estudantes da Escola de Comunicação e Artes (ECA), a televisão de uma maneira geral é sem qualidade e ruim para os jovens. Para os alunos da instituição paulista a televisão se constitui como o principal meio de manipulação e alienação das massas e, por consequência, dos jovens (p.40). Percebemos, então, que os estudantes de jornalismo de escolas catarinenses apresentados por este estudo entendem a televisão de uma maneira bem mais flexibilizada e até certo ponto contemporânea e sintonizada com novas correntes de pensamento, mesmo não apresentando um cabedal teórico razoável para graduandos em Comunicação.

Um fato, porém, é comum aos dois grupos trabalhados na pesquisa que se apresenta: o baixo contato com os livros. A leitura de revistas também apresentou baixos índices, principalmente por causa dos preços, mas os livros definitivamente não fazem parte da rotina dos futuros jornalistas. Constata-se que a relação com a leitura formal acontece, via de regra, quando existe uma cobrança do professor em sala de aula e pode ser resumida nesse depoimento de D.E.B.: “Livros eu quase me obrigo a ler, porque tem que ler mesmo”. Essa falta de intimidade com os livros justifica a ausência de qualquer referência teórica durante as entrevistas. Com exceção da surpreendente compreensão do termo educomunicação apresentada pelos estudantes da universidade

B, inclusive com a apresentação de uma obra sobre o assunto, em nenhum outro momento qualquer teoria ou autor foi citado, apesar de a maioria apontar uma afinidade com a leitura e a escrita. Afinidade essa que serviu como argumentação para a escolha do curso de Jornalismo. Ou seja, mesmo reconhecendo a importância e até a inclinação para o hábito da leitura, o contato com os livros não consegue superar a relação e a influência de outras mídias, principalmente as eletrônicas.

Os estudantes da universidade B reconhecem que o percurso realizado desde o início do curso foi fundamental para o desenvolvimento do senso crítico com relação à mídia. Porém, através da análise das entrevistas percebemos que o teor de tal criticidade está mais identificado com a teoria das deficiências, o *deficit model* apontado na pesquisa de Ismar Soares, do que com um modelo que vislumbre a aquisição de habilidades ou *acquisition model*. Apesar da criticidade demonstrada pelos estudantes da universidade B não ter raízes tão profundas na teoria crítica da Escola de Frankfurt, especificamente, pois não faz referência direta e ostensiva à influência do capital econômico nas relações com a mídia. Todavia, os estudantes percebem a mídia ainda em bases defensivas, com fortes tendências da teoria funcionalista e do behaviorismo. A percepção do papel do receptor se apresenta estagnada.

A análise das falas dos integrantes do Grupo Focal 2 se mostrou bastante positiva no que diz respeito à apreensão da prática educacional. Os alunos entrevistados não só demonstraram dominar o conceito como também apresentaram projetos desenvolvidos dentro do curso envolvendo a temática, dando mostras de uma perspectiva inovadora e concreta na busca pela aproximação entre Educação e Comunicação, uma das propostas desta pesquisa.

## 7. CONCLUSÃO

Desde os primeiros movimentos que resultaram nas considerações que agora se apresentam a idéia central foi colaborar, mesmo que modestamente, para o debate a respeito da aproximação entre as áreas da Educação e Comunicação. Como jornalista profissional, o pesquisador sempre se inquietou com a postura dos meios de comunicação e de seus profissionais diante do compromisso social que os veículos de comunicação e suas mensagens têm com a formação e a educação. Como docente na área da Comunicação nos cursos de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda acompanhou e acompanha a formação dos futuros comunicadores observando que os mesmos acabam concluindo seus estudos de graduação sem a devida reflexão sobre essa responsabilidade social e também sem uma formação teórica satisfatória.

As escolas de Comunicação no Brasil de uma maneira geral, mantêm o desenvolvimento de seus conteúdos amparados em correntes teóricas originadas principalmente a partir da década de 40. Importantes sem dúvida, porém estagnantes. A permeabilidade de novas perspectivas comunicacionais e a hipótese de uma interdisciplinaridade com outras áreas de conhecimento é quase nula. Da mesma forma, a postura de grande parte dos professores permanece atrelada ao anacronismo das bases teóricas fundadoras e distante da desejável atitude contemporânea, onde o professor é tido como um mediador de múltiplos conhecimentos, promovendo uma sinergia entre os saberes formais e os não-formais, originados em larga escala pela mídia. As falas dos estudantes indicam que são raras as oportunidades onde os conteúdos veiculados nos meios de comunicação são transportados para a realidade da sala de aula, incentivando a reflexão crítica e teórica. O resultado das análises decorrentes dessa pesquisa ratifica tal situação.

O convívio com o Grupo de Pesquisa em Mídia e Conhecimento foi fundamental para a catalisação das visões do profissional de comunicação com a perspectiva docente, principalmente através do contato com os estudos de Ismar Soares e Maria Luiza Belloni. A proposta da educomunicação, educação para os meios ou mídia-educação apontou um interessante e desafiador caminho a seguir. Os conceitos de *deficit model* e *acquisition model* expostos na pesquisa de Soares permitiram uma clara

divisão de posturas e características educacionais frente ao fenômeno comunicacional. Já as ponderações instigantes de Belloni lançaram luz no papel do professor responsável pela formação do futuro comunicador e a necessidade da confluência com teorias da aprendizagem para a formação de um aporte teórico próprio ao novo campo.

No primeiro contato com essas teorias, prontamente o pesquisador se identificou com a perspectiva das deficiências dos meios. Suas colocações no GP sempre foram altamente críticas e invariavelmente vinculavam a mídia com os interesses estatais e o poder econômico. A percepção do processo de emissão e recepção das mensagens midiáticas ignorava por completo o sujeito receptor e superestimava o emissor. Mas ao mesmo tempo, vivia-se o paradoxo de pressentir a importância da Educação e das teorias da aprendizagem, principalmente do campo da psicologia nas relações midiáticas. Faltava o nexo entre uma coisa e outra.

Foi através do estudo bibliográfico e da pesquisa desenvolvidos nesse trabalho que o pesquisador percebeu a falta de sintonia e até certo ponto ingenuidade de seu posicionamento. Mais que isso, deparou-se, constrangido, com uma fragilidade epistemológica que até então ignorava. Foi através desse trabalho que teve a oportunidade de reavaliar sua condição de comunicador e principalmente de artífice na formação dos futuros profissionais da mídia, mais especificamente do Jornalismo, onde atua de maneira enfática. Portanto, mais importante e revelador que qualquer análise empreendida, foi a descoberta por parte do pesquisador de suas próprias incongruências e a profunda identificação com a situação apresentada pelos sujeitos do estudo.

O aprofundamento no tema possibilitou a descoberta da importância e potencial do receptor, com sua história de vida, suas influências, suas crenças, sua origem. Pode-se dizer que a revitalização desse personagem tão fundamental – o receptor - e o entendimento da abrangência da cultura e das mediações serviram como pilar de sustentação para o desbravamento da hipótese e presente constatação de que os estudantes do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo não desenvolvem as habilidades necessárias, sejam elas teóricas, sociológicas ou culturais para a compreensão das relações estabelecidas com a mídia, em especial a televisão. Outro ponto crucial para o cotejamento dos dados levantados foi a aproximação das teorias comunicacionais com as correntes da Psicologia, especialmente por intermédio

da teoria histórico-cultural exposta nos trabalhos de Vygotsky e desenvolvidas em disciplinas específicas do programa de mestrado. A aproximação das teorias educacionais aos estudos comunicacionais serviu para sedimentar a teoria funcionalista da mídia, utilizando o behaviorismo como chancela para o engendramento das teorias defensivas. Para o pesquisador é fundamental a interdisciplinaridade e a transversalidade de conhecimentos para o desenvolvimento de uma nova postura epistemológica, visando a educomunicação ou mídia-educação. Assim como a teoria das deficiências dos meios amparou-se no pensamento behaviorista da época, é significativa para a solidificação teórica das concepções que envolvam a aquisição de habilidades a utilização dos trabalhos desenvolvidos na área da teoria histórico-cultural.

Com relação ao objetivo principal do trabalho, que era verificar se os cursos de Jornalismo têm possibilitado a formação de receptores críticos dos meios de comunicação, com ênfase na televisão, o resultado das análises das entrevistas realizadas com os dois grupos de graduandos das universidades catarinenses indicam em primeiro lugar, que os estudantes apresentam uma comprometedora fragilidade teórica. Em momento algum os participantes fizeram referência a qualquer linha teórica que norteia os estudos em Comunicação. Mesmo no limbo bibliográfico, os participantes apresentaram uma nítida tendência à corrente defensiva, produto da teoria das deficiências dos meios. Contrariando as expectativas, a postura derivada da teoria crítica, tão presente na história dos estudos comunicacionais, já não é tão marcante. Reflexo provavelmente da solidificação das instituições democráticas no Brasil e da garantia da liberdade de expressão. O posicionamento dos estudantes está muito mais identificado com uma visão funcionalista dos meios de comunicação do que com o atrelamento econômico apregoado pela Escola de Frankfurt. Podemos entender tal mudança como um progresso, porém ainda distante de uma concepção construtivista de aquisição de habilidades. É possível constatar que a criticidade demonstrada aparece descontextualizada, se aproximando do chamado senso comum, o que é insuficiente para quem vai interagir diretamente com os meios de comunicação no exercício profissional.

Os estudantes dos dois grupos desconhecem o conceito de recepção, bem como qualquer obra ou autor que trate do tema. Com raras exceções, ignoram a bagagem cultural do sujeito receptor e sua capacidade de influir e discernir entre as

programações midiáticas oferecidas. As poucas falas que apontavam para uma percepção de tal influência foram colocadas de maneira puramente intuitiva. Os futuros jornalistas apresentaram uma postura crítica e paradoxal com respeito à televisão. Criticam os programas ditos de 'baixo nível' ou popularescos, porém consideram que a presença dos mesmos é importante, pois também 'gostam de relaxar e não pensar em nada diante da TV'. Ao mesmo tempo, valorizam os conteúdos jornalísticos apresentados pelos telejornais, mas consideram que a maior parte deles serve como instrumento de manipulação e alheamento das massas. A idéia do papel social da televisão parece confusa para os estudantes que parecem divididos entre a hipnose sedutora do entretenimento e o comprometimento com a exigência do pensar crítico de uma programação mais elaborada. Barbeiro (1999) entende a cultura como algo múltiplo, interdisciplinar, mestiço. Talvez esta seja a melhor analogia para a produção televisiva enquanto espaço de infinitas possibilidades. Talvez a riqueza do veículo televisão esteja exatamente nesse aspecto. A capacidade absurda de abrangência permite o contato com o mais variado público, com as mais variadas características, multiforme e paradoxal por essência. É provável que o "Toque de Midas" não esteja na tentativa de qualquer regulamentação ou engessamento de produção de conteúdo, mas sim na capacitação analítica e educacional de seu público, ou seja, todos nós. O conflito exposto pelos estudantes de Jornalismo faz sentido, levando-se em consideração que esta questão constitui-se com um dos maiores dilemas do binômio Educação/Comunicação.

Finalizando as considerações sobre o relacionamento com os meios, entre as outras mídias utilizadas pelos futuros jornalistas, o destaque fica por conta da internet. O grupo da universidade A se mostrou ávido usuário da ferramenta seja para trabalho, estudos ou lazer, por vezes, de maneira mais intensa até que a TV. Já os estudantes da universidade B se apresentaram mais reticentes à nova tecnologia, não por falta de interesse, mas sim pela dificuldade de acesso e o padrão econômico mais defasado. É válido destacar que apesar da desterritorialização provocada pelas novas tecnologias da comunicação e informação, os estudantes apontaram para uma valorização da regionalidade, do local, e afirmam encontrar essas características principalmente no rádio.

Com relação à metodologia aplicada na pesquisa, a prática do Grupo Focal se mostrou exigente. Sem dúvida é uma técnica bastante aberta e seus resultados de maneira alguma tem a pretensão de esgotar o tema ou estabelecer definições absolutas. Porém o formato e a liberdade que conferem aos participantes - e porque não ao pesquisador que pode perceber e explorar novos elementos à medida que as entrevistas avançam sem o compromisso de questões fechadas - se mostraram extremamente eficientes para a elaboração de um interessante panorama do ensino do Jornalismo e do estado de coisas que aguardam a aplicação efetiva de um processo de educomunicação ou mídia-educação no campo da comunicação. Para o pesquisador, ficou evidente que da teoria a respeito da nova área epistemológica que começa a se formatar à aplicação prática no dia-a dia de um curso de graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, o caminho a percorrer ainda é imenso.

Os obstáculos começam com a conscientização docente a cerca da necessidade de adaptação à postura multicultural e mediadora e não mais centralizadora de conhecimento. Outra medida urgente é a revitalização das estruturas curriculares dos cursos de Jornalismo com a inclusão de disciplinas e conteúdos mais atualizados que contemplem a interdisciplinaridade de maneira objetiva e proporcionem a aproximação de teorias da aprendizagem. Por último, podemos destacar a necessidade de que os cursos de Jornalismo desmistifiquem com urgência a hipótese de receptores indefesos, desestruturados e apáticos diante do poder avassalador e invariavelmente nefasto dos meios. Com a adoção de tais medidas, possivelmente poderemos vislumbrar uma efetiva aproximação entre Educação e Comunicação em bases sólidas e verdadeiras, pelo menos no ensino do Jornalismo, objetivo desse estudo. É o que sinceramente esperamos.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERO, Jesus Martín. *Dos Meios às Mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Polêmicas do nosso tempo. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_ (org). *A Formação na Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

BORELLI, Silvia Helena Simões. *Telenovelas Brasileiras. Balanços e perspectivas*. 24º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, 2001, Campo Grande. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np14/art-mp14.html>> Acesso em: 18 mai. 2005.

CONSIDINE, David. “*Media Literacy; a compelling component of school reform and restructuring*”, in KUBEY, Robert (ed). *Media Literacy in the Information Age, Current Perspectives*, New Brunswick, Transaction Publishers, 1987, p. 243-262.

COSTA, Marisa Vorraber (org). *Caminhos Investigativos – Novos Olhares na Pesquisa em Educação*. DP&A Editora: Rio de Janeiro, 2002.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Cronista – Folião: uma voz minoritária*. 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2003, Belo Horizonte. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003\\_NP13\\_coutinho.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP13_coutinho.pdf)> Acesso em 29 mai. 2005.

DESMOND R. “*Media literacy in the home. Acquisition vs. deficit models*”, in KUBEY, Robert (ed). *Media Literacy in the Information Age*, New Brunswick, NJ, Transaction Books, 1997, p. 323-243.

FERRÈS, Joan. *Televisão e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FILHO, Daniel. *O circo eletrônico: fazendo televisão no Brasil*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FISHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, Luis C.; FRANCA, Vera V. (orgs) *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

JACQUINOT, Geneviève. "O que é um Educomunicador?", 1998. Disponível em: <<http://www.educomradio.com.br/cafe/cafe.asp?editoria=TSUPH&cod=338>> Acesso em: 10 out. 2004.

JORDÃO, Fátima Pacheco. *O uso de pesquisas qualitativas em eleições*. In:

FIGUEIREDO, Rubens; MALIM, Mauro. *A conquista do voto*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 47-64.

JUNIOR, Luiz Costa P. *A Vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano*. São Paulo: SENAC, 2002.

KOTLER, P., ARMSTRONG, G. *Princípios de marketing*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1993.

LURIA, LEONTIEV, VYGOTSKY et al. *Psicologia e Pedagogia. Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

MACHADO, Arlindo. *A Televisão Levada a Sério*. São Paulo: SENAC, 2000.

MACHADO, Eliany Salvatierra. *O Gosto Cultural de Jovens*. Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP.2002. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências da Comunicação)

MATTELART, Armand e Michéle. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MORAIS, Fernando. *Chatô, o Rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOSTAFA et al. *Leitura nas telas: o jovem na internet*. In: Educação Temática Digital, v.5, nº 2, 2004.

\_\_\_\_\_ ; MÁXIMO, Luis Fernando. A produção científica da Anped e da Intercom no GT da Educação e Comunicação. In: Revista Ciência da Informação, v.32, nº 1, 2003.

OROZCO GOMEZ, Guilherme. *Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos*. USP/Ed.Moderna, *Comunicação & Educação* v.3(10):57-68: São Paulo, 1997.

PIGNATARI, Décio. *Informação. linguagem, comunicação*. Cotia: Ateliê, 2002.

PINO, Angel. *Ensinar-Aprender em Situação Escolar: perspectiva histórico-cultural*. In: Revista Contrapontos, v..4, nº 3, 2004.

\_\_\_\_\_ *Técnica e Semiótica na Era da Informática*. In: Revista Contrapontos, v..3, nº 02, 2003

\_\_\_\_\_ *O Social e o Cultural na Obra de Vigotski*. In: Revista Educação e Sociedade, v..21, nº 71, 2000.

POLISTCHUCK, Ilana. *Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo*. Ilana Polistchuck, Aluizio Ramos Trinta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

RATNER, Carl. *A Psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky – Aplicações contemporâneas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky. Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

RONSINI, Veneza M. *A etnografia crítica da recepção: miniaturistas em campo*. 24º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2001, Campo Grande. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np01/NP1RONSINI.pdf> > Acesso em: mar. 2005.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica. Durkheim, Weber e Marx*. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: Um Campo de Mediações*. São Paulo, SP, [19]:6 a 11, set./dez de 2000

\_\_\_\_\_ *A Comunicação no Espaço Educativo: possibilidades e limites de um novo campo profissional*. In: revista *Perspectiva*, nº 24, 1995.

\_\_\_\_\_ *A Educação para os Meios nos Estados Unidos 1970-2000*. 23º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, 2000, Manaus. Disponível em: < [www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt13/art-gt13.html](http://www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt13/art-gt13.html) > Acesso em: 3 abr. 2003.

\_\_\_\_\_ *Comunicação/ Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais..* In: revista *Contato*, nº 2, 1999.

\_\_\_\_\_ *Educação: um campo de mediações*. In: Revista *Comunicação e Educação*, nº 19, 2000.

SOUZA, Mauro Wilton de (org). *Sujeito, o Lado Oculto do Receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TORRES, Carmen Ligia. O que o povo vê na TV. São Paulo: ECA/USP, 2004.

Disponível em: <

[http://www.facasper.com.br/jo/reportagens.php?tb\\_jo=&id\\_noticias=199](http://www.facasper.com.br/jo/reportagens.php?tb_jo=&id_noticias=199)> Acesso em 20 mai. 2005.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_ *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## 8. ANEXOS

### ANEXO 1

Grade Curricular do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade A:

<b>1º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

História da Comunicação	60
Língua Portuguesa	60
Teoria da Comunicação	60
Legislação e Ética em jornalismo	60
Sociologia Geral	30
Cultura Brasileira	30

<b>2º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Filosofia	60
Comunicação Comparada	60
Teoria da Comunicação	60
Cultura Brasileira	30
Redação Jornalística	30
Sociologia da Comunicação	30
Língua Portuguesa	30

<b>3º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Antropologia Cultural	60
Planejamento Gráfico em Jornalismo	60
Téc. de reportagem, Entrevista e Pesquisa	60
Edição	60

Língua Portuguesa	30
Redação Jornalística	30

<b>4° SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Téc. de reportagem, Entrevista e Pesquisa	60
Editoração Eletrônica	60
Realidade Sóc. Econ. e Política Brasileira	60
Redação Jornalística	60
Fotojornalismo	60

<b>5° SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Redação Jornalística	60
Realidade Regional em comunicação	60
Preparação e Revisão de Originais	60
Introdução ao Rádio e TV	60
Fotojornalismo	60

<b>6° SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Teorias e Métodos de Pesq. Em Comunicação	60
Radiojornalismo	60
Telejornalismo	60
Redação Jornalística	60
Preparação e Revisão de Originais	60

<b>7º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Radiojornalismo	60
Gestão e Administração em Comunicação	60
Cinema	60
Telejornalismo	60
Redação Jornalística	60

<b>8º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Planejamento em Comunicação e Marketing	60
Redação Jornalística	60
Técnicas de Projeto em Jornalismo	60
Estética e Cultura de Massa	60
Jornalismo Especializado	60

<b>9º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Projetos Experimentais	300
------------------------	-----

## ANEXO 2

Grade Curricular do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade B:

<b>1º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Redação 1	68
Português 1	68
Técnicas de Design	68
História da Comunicação	68
Expressão Oral e Corporal	34
Filosofia	34

<b>2º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Redação 2	68
Português 2	34
Teoria da Comunicação	68
Editoração I	68
Metodologia da Pesquisa	34
Sociologia	68

<b>3º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Redação 3	68
Comunicação Comparada	68
Téc. de reportagem, Entrevista e Pesquisa	68
Radiojornalismo I	68
Editoração II	68

<b>4º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Redação 4	68
Comunicação Comparada	68
Téc. de reportagem, Entrevista e Pesquisa	68
Radiojornalismo I	68
Editoração II	68

<b>5º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Redação 5	34
Seminários Avançados I	34
Telejornalismo I	68
Jornal Laboratório	68
Fotojornalismo II	68
Preparação e Revisão de Originais	68

<b>6º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Redação 6	68
Psicologia Aplicada à Comunicação	68
Telejornalismo II	68
Legislação e Ética	68
Multimídia	34
Seminários Avançados II	34

<b>7º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
Técnicas de Projeto	136
Jornalismo Regional	68
Jornalismo Econômico	68
Redação 7	68

<b>8º SEMESTRE</b>	<b>HORAS AULA</b>
--------------------	-------------------

Projeto Experimental	272
Inovação e Gestão de Negócios	68

## ANEXO 3

### Transcrição do Grupo Focal 1 – Universidade A

**M.A.R.** 27 anos - 7º período de Jornalismo

**Jornalismo porque:** Escolhi Jornalismo porque eu escolhi uma área de comunicação, comunicação social, habilitação em jornalismo porque o curso era noturno. Eu particularmente gosto de comunicação em geral, como um todo. O jornalismo, acredito que essa habilitação pode preparar para o mercado de trabalho, eu preendo trabalhar com assessoria de imprensa, então é exigido também que seja bacharel em Jornalismo.

**Mídia e escolha:** eu gosto muito de televisão, a mídia que mais eu uso, jornal impresso, através da mídia pode atingir um número muito grande de pessoas. Então fazer a comunicação de forma educativa, a parte da comunicação social voltada para pessoas de uma forma social, isso é muito legal, como tem nas tevês comunitárias, educativas. Essa é uma área que eu gosto bastante.

**Expectativa com o curso no início e atualmente:** mudou bastante, muita coisa me decepcionei, bastante coisa eu gostei. Algumas matérias de redação eu acho que ficou muito a desejar no decorrer do semestre. A mudança muito brusca de professores. Hoje tu tens aula com um professor que é muito bom. Semestre que vem esse professor sai, e vem um professor que não é nem a metade daquilo que você esperava. Então isso não é legal, acho que tem que ter uma continuidade do trabalho dos professores durante alguns períodos, um, dois, três períodos, que não se troca professor assim de uma hora para outra, sem o aluno saber e estar preparado para essa mudança.

As aulas ajudaram a despertar a visão crítica: algumas disciplinas sim e outras não. Essa disciplina de rádio poderia ser muito melhor explorada.

**M.O.N.** 22 anos – 7º Período de Jornalismo

**Jornalismo porque:** escolhi pela área de comunicação social. Gosto muito de escrever, ler, me identifiquei com todas as áreas rádio, teve e impresso.

**Mídia e escolha:** Eu não tenho experiência na área nenhuma ainda. Leio bastante, gosto bastante de revista, vejo bastante teve, rádio muito pouco, quase nunca tenho tempo.

**Expectativa com o curso no início e atualmente:** ela mudou bastante. Entrei com um objetivo de impressa, hoje já vejo totalmente diferente, quero trabalhar numa assessoria, com teve ou radio. Primeiro era impresso, hoje vejo que mudou bastante. Quanto a qualidade dos professores, pouco conteúdos. Deixou a desejar bastante a minha expectativa, entrei com uma visão e hoje tenho outra visão.

**As aulas ajudaram a despertar a visão crítica:** a visão critica desperta bastante. Temos bastante interpretação e texto, desde do primeiro período até hoje em dia, mesmo em radio e teve, estamos sempre trabalhando nossa visão crítica. Quanto a isso tudo bem.

**T.H.A.** 23 anos – 7º Período

**Jornalismo porque:** primeiro porque eu gosto muito de escrever. Tive uma professora do 2º grau, que me incentivo bastante, porque ela achava que eu escrevia muito bem, que as minhas redações eram as melhores. Basicamente por isso.

**Mídia e escolha:** gostei muito de televisão, programas, jornais na televisão quase não assistia muito, comecei a assistir mais quando entrei no curso. Revista, sempre li bastante revista. Jornais já nem tanto. Comecei a ler mais depois do curso.

**Expectativa com o curso no início e atualmente:** mudou bastante. Quando a gente entra no curso de jornalismo a gente tem aquela impressão que vai ser tudo mais, do que a gente vê que é na verdade. Acho que poderia ser mais específico, a gente vê tudo muito por cima. A gente tem bastante aula de redação, mas cada um tem uma idéia diferente, quando a gente acaba tendo as aulas não chega a consenso nenhum. Radio também poderia ter sido mais explorado.

**As aulas ajudaram a despertar a visão crítica:** de um modo geral sim. Depende muito do aluno, se tu não correr atrás das informações, se ficar só com o que os professores te passam é pouco. Tem que sempre ir um pouco mais além do que eles te passam em sala de aula.

**R.I.C.** 21 anos – 7º Período de Jornalismo

**Jornalismo porque:** escolhi mais por gostar da rotina de jornalista, eu me identificava muito. Eu achava que isso pra mim, seria a profissão da minha vida. Até não tinha muito conhecimento da área antes de entrar no curso. Hoje estou no curso mais por impulso, por acha que me daria muito bem no curso.

**Mídia e escolha:** eu adoro ler, jornais, revista, estou sempre procurando me informar. O meu contato é constante e diário, conta muito para o crescimento. Houve uma mudança após eu ingressar na universidade. Antes eu tinha mais contato com a televisão. Com relação a jornalismo eu tive mais contato após ingressar na universidade.

**Expectativa com o curso no início e atualmente:** mudou muito com certeza. A maioria dos acadêmicos aqui tem uma visão de quando entram no curso de jornalismo muito idolatra, do jornalismo. Acham que vai ser tudo mil maravilhas. Então acho que não é bem por ai, já aprendi muito com isso. Já levei vários tombos por causa disso, já fui estagiário em alguns jornais, já tive uma experiência em rádio, a gente sabe o quanto é duro lá fora. Então a minha expectativa inicialmente eram as melhores possíveis, hoje eu sei que é bem diferente.

**As aulas ajudaram a despertar a visão crítica:** com certeza. Se futuramente tu não tiver bem profissionalmente, pelo menos intelectualmente tudo vai estar muito melhor de quando tu entrou na faculdade. Isso te ajuda muito, cresce muito.

**D.I.E.** 21 anos – 7º Período de Jornalismo

**Jornalismo porque:** foi uma opção meio forçada, porque eu ia fazer publicidade, só que eu tinha que trabalhar de manhã e optei por jornalismo por já ser publicidade em publicidade. Eu fiz um curso técnico em publicidade em São Paulo, de três anos. Totalmente prático e teórico, em relação a comunicação, voltado só para publicidade. Nos anos que ainda tinham cursos técnicos. Vou continuar em jornalismo, faltam poucos semestres, no caso três. Pretendo me formar e pretendo seguir na área de produção jornalística, não somente jornalismo, mas na produção de vídeos e afins.

**Mídia e escolha:** eu sempre considerei assim: por ter entrado num curso de publicidade primeiro, eu sempre tive uma visão mais comercial das coisas. Nunca entrei num curso de jornalismo como a maioria dos jornalistas acadêmicos entram, como ideologia. Como foi comentado anteriormente, pela aquela coisa de mudar o mundo. Eu sempre fui o outro lado. Eu sempre questionava um pouco essa visão por estar vindo com uma visão mais formada profissionalmente. Com o tempo eu fui vendo que dá para conciliar os dois mundos, coisa que seria interessante para todo mundo que trabalha com comunicação social. Ter aplicação teórica e prática em todas, só que tentar entender as

outras visões, não menosprezar a publicidade ou o jornalismo por exercer uma delas. Sempre gostei bastante de publicidade, porque ela transforma seu material em arte e afins. Jornalismo estou aprendendo a gostar agora, porque eu aprendi enfim a escrever e sei agora que também é arte. Jornalismo passa a ser arte a partir do momento que você sabe aplicar para o seu público.

**Expectativa com o curso no início e atualmente:** quando eu entrei a expectativa era ficar aqui os 4 anos e meio e sair rapidinho, e continuar atuando na área de publicidade. Vou ser realista ao afirmar que eu entrei aqui por causa de um diploma, para sair daqui com um diploma de jornalismo. Durante três anos do curso eu atuava direto com marketing e publicidade, trabalhando em empresas e exercendo a profissão que eu vim de São Paulo com a mesma. Depois entrando no jornalismo, tendo uma oportunidade, hoje eu apresento e produzo na televisão Universitária, e to começando a ver que da para conciliar esse conceito de arte com televisão e to me apaixonando por produção e filmagem. Então hoje eu tenho uma visão assim: eu não vou ser jornalista eu tenho certeza disso, mas eu vou render sapiência e discernimento suficiente pra produções futuras a vídeos, documentários e vão me ensinar a utilizar uma linguagem jornalística para tal fato. Apesar, de eu ter me contradito agora, dizendo que não queria ser e vou utilizar. Sem querer eu vou virar jornalista um dia.

**As aulas ajudaram a despertar a visão crítica:** sim, algumas delas. Alguns são extremamente superficiais, discutindo sobre o umbigo de certos professores, mas posso dizer assim, que nesses três anos e meio de curso, nos tivemos uma média de 30% de aulas boas, 70 de aulas ruins e péssimas. Infelizmente, os professores estão ensinando para um grupinho de pessoas que não tem conhecimento nenhum, parece que estão vindo com o *beaba*, e os professores que vem como uma rigidez para estar ensinando profissionais, não tem capacidade para discutir níveis profissionais com os alunos, ta se criando uma barreira. Tem professores que entram em sala de aula para discutir a profissão deles, no ponto de vista deles. Não para passar um consenso geral do que seria o jornalismo. Então às vezes a gente perde de duas a três horas no dia de aula, discutindo experiências de um professor, que ele teve quando tinha 16 anos, quando ele começou, e não se toca que nos últimos 20 anos mudaram muito o consenso de jornalismo e mesmo as nossas cabeças e não aceitam algumas opiniões. Inclusive, isso é a minha maior reclamação, tem muito professor que não se abre para os alunos, prejudicando não só o conhecimento dele, pois tem muitos alunos que pode trazer o mínimo conhecimento para o professor. Mas, infelizmente, os professores têm aquela coisa de ser onipotente em relação ao aluno. Mesmo porque tem aquela bancadinha nas aulas, então eles estão sempre por cima, infelizmente.

## **DEBATE:**

### **O que vocês entendem por mídia?**

**R.I.C.:** Mídia é comunicação, pode ser tanto individual, é comunicação no geral. Acho que tudo que se envolve a comunicação dá pra entender como mídia. A televisão, rádio, tudo que é vinculado já faz parte da mídia.

**D.I.E.:** Contesto em alguns pontos o R.I.C.; avalio que a mídia seria um canal. A informação não tende a ser a mídia. Porque infelizmente, a gente tende a inspirar e falar assim: determinados tipos de mídia. Quando você vincula na área de Publicidade, mesmo no jornalismo da para ser dizer que mídia seria um jornal. Em que mídia você vai publicar o seu, sacou?! È que contextualizaram de uma forma tão ampla a mídia, mesmo no jornalismo. São três mídias diferentes: teve, rádio e jornal. Não sei se a

palavra informação, conteúdo, seria a mesma coisa que mídia, não sei é um ponto de vista meu.

**R.I.C.:** mas, eu acho que no geral engloba comunicação.

**M.A.R.:** tudo que for veiculado em informação pode ser considerado mídia. Tudo que você veiculou. A partir do momento que você veiculou uma informação, pegou um fato transformou em informação, em notícia, ele ta na mídia.

**D.I.E.:** ele ta na mídia, mas em determinado tipo de mídia.

**M.A.R.:** Claro tem vários tipos, vários segmentos.

**R.I.C.:** foi perguntado o que é a mídia.

**D.I.E.:** a mídia para mim é o meio, mas não a informação em si.

**T.H.A.:** a informação ela é jogada num veículo, num instrumento, numa via que é a mídia, daí ele é passada para outras pessoas.

**D.I.E.:** então no caso ela seria o caminho, o meio, não a informação em si.

### **Vocês acham que a mídia influencia na vida de vocês como alunos de jornalismo? Ela tem o poder de influenciar na vida de um cidadão?**

**M.A.R.:** eu acredito que sim, talvez agora que temos conhecimento acadêmico ela influencia de uma forma mais amena e mais crítica. Porque você já tem o senso crítico, então você olha determinado programa. Exemplo eu vou assistir o programa da Márcia, eu vou olhar aquilo com um olhar crítico. Então pra mim vai, digamos, reverter um processo contrário do que possa estar acontecendo com uma pessoa que não tem escolaridade nenhuma, que ta acreditando naquele conteúdo. Eu acho que ela reflete muito na vida das pessoas, ela dita tendência de moda, de comportamento. Ela lança produtos, lança pessoas, e eu acho que ela ta hoje completamente ligada à vida de pessoas.

**D.I.E.:** ela vende uma vida. Informação veiculada no caso, ela consegue mudar o curso de uma vida. Tem pessoas que se inspiram na novela das oito. Lembro que no 2º colegial tinha um professor meu de teoria de comunicação que ele falava: a novela das oito vende a vida. Exatamente o pessoal da periferia queria ter aquela vida, então eles começam a sentir aquilo e torcem pelo mocinho, e espelham a vida deles naquilo. Hoje na hora do almoço, conversando com o pessoal de comunicação, assim: a faculdade ta transformando a gente num bando de chato. A gente não consegue assistir mais nada. Você assiste o jornal das oito, o Willian Bonner é um banana. A passou a ser um bando de chato, porque o conhecimento tirou nosso feeling, parece. Claro que assistir Márcia não tem feeling agregado. Mas, só que viramos um bando de chato, fica tão cricri naquela coisa. Mesmo cinema você não consegue mais gostar de filminho bobo, sabe. Eu fui assistir Panteras deu quatro minutos de filme eu levantei e fui embora. Porque não tem mais graça naquilo, não sei se a gente ta ficando velho ou ta chegando no fim da faculdade.

**M.A.R.:** eu acho que é senso crítico mesmo. Tanto é que a mídia muda tanto há mente das pessoas. Hoje em dia uma novela das oito que é o que tem maior audiência. Alguns anos atrás teve caso de lesbianismo, hoje tem novamente na novela. Simplesmente acabaram de uma grotesca com esse papel, porque as pessoas não aceitaram esse papel na televisão. Então é claro, ela tem influência tão forte na pessoa, que as pessoas mudam o comportamento, mudam o que ta escrito, mudam o roteiro. Ela influencia na vida das pessoas e as pessoas também influenciam também no meio. As pessoas também influenciam na mídia. Bom, eu não to gostando desse assunto, eu não quero mais ver na televisão. Então as pessoas também ditam regras para que a mídia se enquadre na vida das pessoas.

**R.I.C.:** mas tu sabes que a maior parte, obviamente, que é a mídia que dita as regras. Não existe muito desse negocio do povo interagir. Interatividade é viagem. Isso é só para aparecer que há interatividade, não existe. Tudo é premeditado.

**T.H.A.:** tem a questão da audiência, né. Na verdade a briga deles é só pela audiência. Se não tava indo bem a questão das lésbicas, é só pela audiência.

### **E vocês como alunos de jornalismo de que forma a mídia influencia vocês?**

**R.I.C.:** eu tenho uma visão assim: até eu começar a fazer o curso eu era assim como o João, o Pedro, o José, sabe. Bem abitolado. Então, pós o curso de jornalismo, a gente já tem um outro conceito, começa a enxergar um pouco mais além, do que a gente enxergava antes. Mas, ainda hoje influência.

**T.H.A.:** começa a desconfiar na verdade. Antes a gente assistia o jornal e o que tava ali era verdade. Agora, a gente aprendeu, que de repente o que ta no Jornal Nacional não é verdade. É só lá um pedacinho do que aconteceu, que eles acham que a gente deve saber. Bem acho que isso melhorou bastante, estamos procurando ler outros jornais, comparar outro canal, pra ver se estão dizendo a mesma coisa ou não. Isso mudou.

**M.O.N.:** a gente fica mais seletiva também. Sabe escolher melhor. Hoje em dia sei escolher melhor o que eu quero, que eu vou ler, o que eu vou ver na televisão. Acho que a gente fica mais crítica e isso melhora porque a gente fica mais seletiva. É como se fosse um funil, tu absorve o que tu queres. O que tu achas que vai ser melhor na faculdade, pra tua vida. Melhorou bastante isso quando eu entrei na faculdade.

**D.I.E.:** um pouco de influencia assim você repara, quantas vezes a gente perdeu uma segunda-feira, em diversas matérias, questionando o Gugu. A gente ta no 7º, chega uma segunda-feira o professor menciona o Gugu, só que a metade mais da sala sabe do assunto e assistiu o assunto. Então você vê assim: a gente ta com uma informação absurda, a gente já sabe usar essa informação, mas mesmo assim somos todos cordeirinhos, escravos da mídia. A gente tem cinco ou seis meios e a gente crê nesses meios. Foi bem colocado no que ela falou, hoje a gente é mais chato, crici sabe, tem discernimento para definir.

### **Vocês fazem reflexos na sala de aula sobre a influência da mídia? Os professores trazem fatos para discutir?**

**M.A.R.:** a gente já teve mais isso, a Elaine fez muito com a gente. Trazer esses assuntos, como diria ela: de pegar a gosma que ta aí e a gente ta refletido sobre o que é feito, sobre o jornalismo que ta na rua. Isso foi uma coisa muito produtiva que ela ensino pra gente nas aulas de redação. Acho que assim, infelizmente, tem alguns professores, que trazem as disciplina na faculdade, que te entregam textos e você lê isso ali e vamos discutir sobre esse assunto e acabou. Não tem relacionamento com o mundo, não tem relacionamento com o meio e fica ali aquela discussão o tempo inteiro do que eu vou produzir, qual a notícia que eu vou fazer, qual a notícia que eu vou fazer, como eu vou fazer. Pro leitor ver, pro leitor ler. Na verdade acaba sendo um jogo só de dinheiro, de interesse. Então, alguns professores estão interessados em te ensinar a produzir a notícia pra que o pessoal leia, para você trabalhar no DC, no Santa, na Folha, entendeu e fica esquecido a discussão desde as pessoas, a discussão do meio que você está. Tem veiculo garantido para você trabalhar, se você tem instrumento para você escrever, você fazer um texto legal, produzir um programa legal na rádio, poxa vai estar mudando a vida das pessoas. Você pode fazer um programa comunitário que você vai mudar o pensamento, vai esclarecer as pessoas da vida da favela. Pessoas com vida mais humilde entendeu. Essa discussão falta muito na faculdade, que é trazer a relação do mundo exterior para o mundo da sala de aula. Porque eu não quero só saber escrever

para a Folha do São Paulo, de repente eu to no meio de 60 alunos e tem 5 pessoas querem fazer um jornalismo alternativo, que querem trabalhar noutra coisa, mas simples, mas que um grupo pequeno de pessoas que não tem acesso a televisão, por exemplo, possa ter direito a informação também. Acho que isso falta bastante pra gente.

**R.I.C.:** acho que já foi feito muita reflexão em sala de aula. Hoje talvez não haja porque acho que assim, a gente já refletiu sobre um assunto, e a gente vai ter que refletir de novo sobre esse assunto, porque é sempre a mesma coisa. Claro, é viável a gente sempre estar discutindo, também a gente não pode perder muito tempo com isso, porque a gente tem muita coisa pra ver.

**D.I.E.:** sabe isso é uma coisa que eu penso assim: o nosso curso seria muito mais proveitoso se tivesse mais discussão. Você é um cara que trabalha com escrita, eu trabalho com tevê, a gente poderia trocar muito informação e gerar uma forma nova de estar deslumbrando estes meios, estar adicionando cultura a isso. Tem programas hoje na Internet que eu posso adicionar o seu texto junto com a minha imagem. O problema é que todos os professores têm aquele termo em inglês old school, sabe que seria escolha velha. Não adianta a comunicação hoje, a informação hoje, vai ser impossível se os professores acompanharem a quantidade de informação. Tem professor que dá a mesma matéria pra gente há trinta séculos, eu to usando um termo bem exagerado, mas é real.

**R.I.C.:** os mesmo textos?

**D.I.E.:** os mesmo conceitos. Hoje posso estar falando uma coisa idiota, mas tem muita gente na sala de aula que sabe milhões de vezes mais que os professores. Porque a gente ta adaptado a esse novo meio enlatado de informação, e a gente ta abrindo novas vertentes, sabe. E as nossas discussões aqui dentro seriam valiosas. Por isso eu sou prol grupo de estudo, discussões. Você vai discutir com certas pessoas coisas, que já estão lá travados. Tem professores no nosso curso, que não adianta levantar nomes, porque talvez chegue na orelha delas e elas me reprovem, que você levanta discussão em sala pra continuar a lição, somos como escravos, continuar a lição, dar lição de casa. Poxa, eu pago 400 reais por mês, para vir aqui e pegar um conhecimento enlatado, foi bem o que a M.A.R. colocou: a gente dentro da sala de aula tem cinco ou seis que querem fazer uma coisa diferenciada, eles são vedados, cortados, mesmo em discussão os professores valorizam quem tem um contexto crítico similar ou parecido com que você tem em mente, com que ele tem em mente. Porque se você trazer um contexto diferenciado para discussão, que você é pró qualquer tipo de valor que não é de 1971, infelizmente você vai ser freado. Lembra Filosofia que tinha aquelas discussões quanto há pedofilia, fins de comunicação e informação. Claro, pedofilia é um conceito que não cabe aqui, nem vamos discutir sobre isso. Mas tem um monte de conceito que poderíamos estar pegando em sala e fazendo parte da nossa realidade, mas a gente vai estar contextualizando uma realidade alternativa. A gente vai estar trabalhando com imaginação, com pesquisa, não vai estar trabalhando com o mesmo conceito de rádio que é dado há quinze anos, mudou sabe, passou muito tempo. Acho que a gente deveria valorizar mais essas discussões sobre Gugu, esse tipo de coisa, não para melhor, menos de um por cento de nós tem chance de ir para o Gugu e pegar o lugar dele. Mas para saber criticar com base, precisa ter Gugu, precisa ter programa como o dele. Entretenimento é necessário. A linguagem é correta, vende pra caramba. Sei lá, seria legal contextualizar isso para afunilar um pouco, essa coisa de qualidade.

### **O que é ter uma visão critica da mídia ?**

**M.A.R.:** a visão critica da mídia geral, para você ter uma visão critica você não pode só apontar o que ta ruim. Tem que olhar determinadas coisas, tu leu não gostou, acha que ta ruim, mas tem que saber aonde não ta bom, aonde pode ser melhorado. Você tem que

contextualizar. Não adianta assistir o programa de tevê e dizer esse programa não presta, sabe. E esquecer o resto, o contexto que ele ta inserido, pra que pessoas eu foi feito, esse programa não serve pra nada. Eu acho a visão critica que a gente tem, é olhar determinado programa, você dizer que não gostou, mas saber com o conhecimento da faculdade, conhecimento fora, muita leitura, conhecimento que vem ao longo da nossa trajetória, cada um tem um, e você contextualizando também. Você não pode dizer assim: pô o Ratinho não serve pra nada, acho que o programa dele é um lixo, não serve pra nada, mas tem milhões de pessoas que vêem. Bom, acho que saber contextualizar, a visão crítica só é positiva se você saber apontar soluções para aquilo que você ta indicado. Você esta vendo que aquilo não é bom, mas você tem que ter soluções. Você está vendo que aquilo não é bom, mas você tem que ter soluções. Não adianta só falar blá blá blá, falar que não presta e daí vai mudar alguma coisa? Vai mudar alguma coisa, não vai mudar. Acho que esse é o papel fundamental da educação, dentro da universidade e fora dela. Educação é para mudar as pessoas, mudar a conscientização, desde da criança que está na escola, desde das pessoas que estão na universidade. Mudar essa visão, mudar o mundo das pessoas, criar novos mundos. O conhecimento é pra isso, pra você ter a possibilidade dentro da tua casa de ter um mundo diferente.

**R.I.C.:** acho que não adianta ser critico somente no período da faculdade, é importante eu chegar lá fora e continuar sendo crítico. Poder discutir dentro do teu local de trabalho, acho muito viável esse tipo de discussão, para quem tu ta mandando a mensagem, quem é o teu público, acho que tem que ser crítico. Jornalista tem que ser crítico, jornalista que não é crítico não é jornalista. Acho que tu tens que ser critico. Criticar a mídia, a função social, como esta inserida na sociedade. Qual a função da mídia, sei lá, realmente tu tens que ser critico. Complementando só o que ela disse, eu concordo com o que ela disse.

**Vocês já ouviram dentro da sala de aula o tema mídia-educação? Educação para mídia? Vocês têm conhecimento desse tema?**

**R.I.C.:** não!

**D.I.E.:** só externo, por vias externas.

**M.A.R.:** eu também.

**D.I.E.:** porque minha mãe trabalha com educação, porque tem alguns projetos de mídia e educação. Posso estar enganado, mas tem aquele Tele-curso 2000, que utiliza, claro que é um contexto bem chulo, talvez, posso estar enganado.

**O que seria educação para mídia?**

**D.I.E.:** educação para mídia seria alguma coisa para as pessoas assimilarem melhor a informação, para fazerem aquele filtro natural, pro futuro da mídia. To chutando no escuro.

**R.I.C.:** de repente saber o que é bom para elas e o que não é bom. Acho que isso é educação para mídia, tu estar preparado para o que a mídia vai te oferecer. Saber definir o que é bom pra ti o que não é, acho que é isso aí.

**M.A.R.:** eu procurei assim, eu vi alguma coisa na Internet, porque me interessei a partir do site Futura, que eu acho muito interessante, que eles tem um canal alternativo e algumas coisas de um trabalho que eu fiz aqui na faculdade, mas acho que é o que o Diego falou. Educação para mídia é você dar suporte para as pessoas e discernimento, para elas estarem preparadas para ver tevê ou outro veículo. Então é esse, digamos assim, o antes de você estar exposto a informação, você ter uma preparação, um

conhecimento também, porque eu não posso falar mal de uma coisa que eu não conheço. Não posso criticar uma coisa que eu não conheço. Eu vou falar de um livro que não presta se eu não li, não posso. A mesma coisa que apareceu na novela, na tevê, não vi, mas ouvi comentários. Que a guria fez algumas fotos e vamos acender a luz para ver como ficaram as fotos. Bom quem conhece sabe que jamais ela vai revelar o filme e vai acender a luz para ver como ficou, é óbvio que não. Tem umas gafes na tevê, que as pessoas só vão saber que aquilo está errado se elas conhecem. Se ela não conhece não tem como saber se aquilo está errado. Mesma coisa o erro de português, a pessoa ta lendo um texto que tem erro de português, se ela não domina a língua, não conhece a gramática, ela não saber que tem erro, na tevê a mesma coisa. Outro exemplo: o pessoal comenta, quase não tenho tempo para assistir televisão, quase não assisto, apesar de gostar muito. O Ratinho sempre fala no programa dele, que o pessoal ta no SPC é maravilhoso estar no SPC e começa a falar um monte de coisa. Ele ta no SPC porque não quer ser aval de ninguém. Então aconteceu esses dias, lá no escritório, a pessoa falou a mesma coisa. É uma asneira sem tamanho. Eu quero estar no SPC, eu quero estar no Serasa, porque eu não quero ser aval de ninguém. Só que a pessoa enquanto isso ta prejudicando outras pessoas. Ta prejudicando o comércio, ela mesma, ela não pode ter movimentação financeira nenhuma. E ela escuta isso na televisão, de uma pessoa que ela julga sei lá que é importante, e considera que aquela informação é a correta. Acho que deve ser isso, uma preparação antes da pessoa se expor a informação.

## **ANEXO 4**

### **Transcrição do Grupo Focal 2 – Universidade B**

#### **Por que você escolheu o curso de Jornalismo?**

**A.R.I:** O meu segundo emprego foi numa rádio. Eu tinha 14 anos. Daquele momento eu percebi que não saberia fazer outra coisa a não ser trabalhar com comunicação. Comecei a faculdade tarde, mas é a realização de um sonho, mesmo. Eu tenho plena convicção de que não sei fazer outra coisa da vida.

**A.M.A:** Acho que é uma coisa de família. Meu pai trabalha em rádio desde os 14 anos, meu tio é jornalista, meu avô é poeta. Eu gosto de escrever bastante, eu gosto de ler. Adoro TV, rádio. Acho que é por causa do convívio que tive em casa com os meios de comunicação.

**C.H.I:** Eu entrei numa gráfica com 11 anos de idade. Eu lia muito, pois tinha que montar as chapas, composição manual. Também desenhava e acabei indo fazer desenho gráfico e fazer o curso de programação visual. Um tempo depois, recebi o convite de um amigo para escrever uma coluna num jornal local e então me interessei pela escrita. E aí assim que surgiu o curso de comunicação social, decidi que esse é o curso que eu ia fazer. Foi a seqüência de uma coisa que veio crescendo...

**S.E.R:** Na verdade eu não escolhi o curso. Foi o curso que me escolheu. Eu aprendi a gostar de ler na quarta série quando ganhei uma coleção de contos. Aquilo me fascinou. Sempre gostei de escrever. Escrevi um livro de poesias e também já escrevia alguns artigos para jornais locais. Aquilo começou a dar um clic, como se fosse um aviso. Agora parece que não dá para fazer mais nada. Tudo o que você olha tem que olhar com olhar de jornalista, um olhar acadêmico, em cima de um autor que você leu, de uma coisa que o professor falou. Não dá mais para ver o mundo de uma outra maneira. É um olhar crítico, será que a pessoa está falando a verdade, será que está mentindo, será que não existe alguma intenção... Sempre estou com o pé atrás.

**D.E.B:** Quando você vai fazer alguma coisa, tem que amar muito e eu amo escrever., desde criança eu escrevo. Obriguei minha mãe a comprar uma máquina de escrever e aprendi datilografia por correspondência. Na minha casa à noite, se ficava em silêncio absoluto para ouvir um jornal na rádio ou na televisão. Ser jornalista é uma forma de eu usar essa habilidade em função dos outros.

**G.R.A:** Eu fui influenciada pelo meu namorado, que trabalha em rádio, já trabalhou em TV e depois que eu conheci esse mundo mágico, eu tive a oportunidade de fazer o vestibular, passei e agora estou chegando ao final do curso.

**J.U.L:** Eu fiz duas opções. A primeira para medicina, para provar para mim mesma que eu era capaz de passar e a outra pra Jornalismo. Não passei em medicina e acabei me mudando e fazendo jornalismo, para uma cidade onde não conhecia ninguém, de mala e cuia. Me apaixonei pela turma, pelo curso e hoje vejo que a profissão de jornalista e a

de médico tem muita coisa parecida. Estamos sempre de plantão, com o olhar sempre atento e curioso.

**Com qual expectativa ingressou no curso? Essa expectativa mudou com o passar dos períodos?**

**A.R.I:** É um contraponto, assim, porque o curso apresenta falhas, só que quando a gente trabalha na área de comunicação e entra num curso de comunicação social, a gente entra achando “meu, eu sei tudo, né...”, vou só vir aqui pra pegar o diploma. Mas a partir do momento em que tu começa a conviver e começa a ver coisas, você pensa ‘meu! Eu não sabia nada da profissão que eu exercia há tanto tempo’ Eu aprendi muito mais do que eu imaginava que pudesse aprender.

**A.M.A:** Eu entrei no curso com algumas expectativa, eu achei que a vida acadêmica seria um pouco diferente. Eu criei muita expectativa em cima das pessoas também. Achei que no curso eu teria uma segunda família, com pessoas como irmãos, senti falta disso. Se criou turmas que tu não podia se infiltrar, que tu não podia pedir ajuda, se criaram muitas estrelas. Fiquei com medo de expor minha opinião, falar o que pensava sobre vários assuntos. Eu também não trabalho na área então não posso dizer se o que eles estão ensinando aqui é válido ou não. Se é realmente assim... Acredito que a gente teria que ter mais prática nas aulas...

**C.H.I:** Eu aprendi muito, aprendi bastante. Ate creio que poderíamos ter aprendido um pouco mais. Tipo umas disciplinas que a gente já domina um pouco mais, por estar no mercado e percebe que o professor tem deficiências, equipamento, isso tudo prejudica um pouco. Mas eu diria que pra mim foi 70% de positivo.

**S.E.R:** Ninguém obrigou ninguém a fazer vestibular. E nós sabíamos que nós por sermos os primeiros teríamos algumas dificuldades. O curso foi se construindo e nós construindo o curso. Eu creio que a grade que temos hoje no curso já vai ser diferente da grade que vai ter no ano que vem e nos outros...essa mudança tem que acontecer. Eu penso que o C.H.I. tem razão, mas eu acho que esse momento é de nós abriremos caminhos a machadada, a foice e enxada, , por sermos os pioneiros, ele vai nos possibilitar lá fora abrir caminhos da mesma forma lá fora. Ao passo que quem vem atrás de nós, vai ter um caminho mais ou menos definido, eles não vão ter certas habilidades que nós desenvolvemos aqui dentro porque nós somos obrigados a derrubar esse mato. Mas eu penso assim: 70% de qualquer curso é feito pelo aluno, é a vontade que ele tem de querer. O restante é da escola e do professor. Nós temos que acreditar que o nosso curso é o melhor para que os outros possam também acreditar.

**D.E.B.** Vou ser bem sincera, fiquei com gostinho de quero mais. Algumas matérias foram maravilhosas e outras foram horríveis. Alguns professores foram maravilhosos e outros foram horríveis e concordo com o S.E.R. que 70% é a gente que tem que correr atrás. O fato de a gente ser os primeiro e passar por um monte de problemas nesses quatro anos, quando a gente for para o mercado a gente também vai ser os primeiros. O que as outra turmas vão ter de vantagens em relação a gente nós teremos com relação a eles. Vamos chegar primeiro no mercado.

**G.R.A:** Muitos alunos exigem os seus direitos mas não cumprem com seus deveres de alunos. Muitas vezes nós cobramos muita coisa e não cumprimos o mínimo que nos é

solicitado. A gente desde que começou sabia que era a primeira turma, que de repente algumas modificações iam acontecer durante o caminho... Acho que teremos a vantagem de chegar primeiro no mercado de trabalho.

**J.U.L:** A primeira notícia que eu ouvi sobre a universidade era que em poucos meses ela estaria inaugurando a rádio universitária. Então imaginei uma estrutura muito linda. A televisão, a rádio...e na verdade eu to saindo uma aluna, uma jornalista em teoria, e não na prática.

O que vocês entendem por mídia?

**A.R.I:** Eu entendo a mídia como uma bela moça na janela: tem o poder de encantar, mas também tem o poder de destruir o cara que se apaixona por ela. Eu vejo assim: um conjunto de todos os meios de comunicação igual mídia.

**C.H.I:** Eu poderia classificar a mídia como uma arma. A pessoa que detem um veículo de comunicação ela tem uma arma na mão e o poder dessa arma vai depender do uso que se faça.

**S.E.R;** Eu vejo que a mídia como o próprio nome sugere , ela é um meio. Se há um meio, deve haver dois pontos. Numa das pontas há um fato acontecendo e na outra ponta há alguém que tem a necessidade de saber o que está acontecendo até para que possa construir seu próprio espaço cultural e o meio está ali para criar essa ponte entre as duas pontas

**D.E.B:** A mídia muitas vezes é moeda na mão de político, é a empresa privada que luta só por seus interesses, é a arma como ele falou, e deveria ser uma ferramenta para desenvolver a cidadania das pessoas, para gerar um bem estar geral no país, para desenvolver o país, levando informação verdadeira, contribuindo para o crescimento intelectual, moral de todos.

**G.R.A:** O que a gente observa é que principalmente na nossa região, os meios de comunicação muitas vezes forma as opiniões e se utilizam disso para conseguir o que querem, pra de repente através do meio de comunicação demonstrar poder.

**J.U.L:** Eu entendo que mídia são os meios que o homem pode usar para informar.

Em que medida vocês como estudantes de jornalismo são influenciados pela mídia?

**S.E.R:** Os fatos que são noticiados eles existem ou então passam a existir.. Os fatos que não são noticiados, mesmo que existam, acabam deixando de existir., porque eu não tomo conhecimento deles. Então, com certeza eu sou influenciado pela mídia. A mídia é um construtor de realidade.

**A.M.A:** No escritório onde eu trabalho todo dia tem uma pauta diferente na hora do café, né ? Aí uma mulher pergunta pra outra: você viu a unha da guria da novela das oito? Você viu o que eles falaram, nossa eu li no jornal... Eles são muito crentes pelo o que é passado, principalmente pela televisão. Eu acho que a mídia constrói uma imagem

e ela influencia sim, tanto no corte de cabelo, no jeito de você falar, no jeito de você se expressar, de você até caminhar... Se você não tem uma opinião formada, você não sabe analisar criteriosamente o que serve pra tua vida e o que não serve. Você é levado pela mídia toda hora, todo o dia.

**D.E.B:** A mídia gera em mim um desejo de consumismo que não me realizado por falta de condições financeiras. Aí vem aquela frustração... Outra coisa, alguns programas servem para a preguiça mental. Tu chega em casa e não quer mais usar a mente e aí vou para aqueles programas bem básicos, bem light e fico como um vegetal lá na frente, só pra relaxar. A mídia também serve pra me revoltar com a situação política do país e pra de uma certa forma pegar nojo pela política e deveria ser bem o contrário, pois a gente como jornalista deveria gostar da política. Tem mais: to saturada de tanta informação, que acaba gerando desinteresse. O que mais me interessa são as notícias locais. Na hora do almoço só consigo assistir as notícias locais.

### **Na sala de aula vocês são incentivados a fazer reflexões sobre a mídia?**

**A.R.I:** Eu acho que no início do processo a gente foi incentivado. Hoje em dia os professores que chegam já imaginam que estamos formados, assim...enquanto no início do processo eu era uma analfabeta digital

**J.U.L:** Eu acho que a disciplina que mais fez a gente refletir foi Teoria da Comunicação e agora com o Jornalismo Regional, que a gente ta retratando bem aquilo que vivemos aqui no Alto Vale, na nossa região mesmo.

**S.E.R:** Essa turma é muito eclética. Nós temos os bebezinhos, os adolescentes, os marmanjos, os nonos. Essa visão diferenciada de cada grupo sempre gera opiniões diferentes a respeito de um mesmo assunto. Realmente, concordo que o Jornalismo Regional proporcionou muita discussão, novas angulações... Mas essa diferença de idade fez com que dificilmente um assunto tenha sido unanimidade.

**A.M.A:** Eu concordo com a A.R.I.. No começo a gente chegava na faculdade com vontade de aprender, ir atrás de informações e os professores estimulavam mais. O uso de exemplos, o trabalho mais prático com exercícios você aprende melhor. Os professores deveriam ter trabalhado mais a prática e não ter se baseado tanto em livros...

Que uso você faz da televisão? Quais os programas que você assiste? Em que emissora?

**A.R.I:** A relação com a TV é engraçada. Ela varia com o dia... Tem dias em que gosto de assistir notícias, um programa cabeça e tal. Mas tem dias em que gosto de sentar e não ficar pensando em nada, sem raciocinar. A TV deve ser entretenimento. Todo mundo fala mal da programação das TVs mas a porcaria me fascina (risos)

**A.M.A:** Antes era diferente. Depois que entrei na faculdade tudo mudou. Passei a observar mais, a prestar mais atenção nas coisas que são ditas...Comparo tudo com o que conversamos em sala. Acho que fiquei chata...

**C.H.I:** Pessoalmente gosto do jornalismo na TV. Assistto também alguns programas culturais.

**S.E.R:** Gosto da TV Senado e da TV Câmara. Principalmente dos programas musicais que eles exibem. Mas na maioria das vezes a televisão funciona daquela forma: você olha mas não vê.

**D.E.B:** A TV te condiciona, te bitola. É tudo muito rápido não tem análise. Tem algumas exceções como o Globo Repórter, o Sem Censura...

**G.R.A:** Na minha casa temos parabólica e cada um tem a sua TV, mas a programação acaba sendo a mesma para todos, por causa da antena. Quase sempre está na Globo. Novelas, jornal. Eu pessoalmente gosto do programa do Serginho Groissman.

**J.U.L:** Eu trabalho o dia inteiro e estudo à noite. Não tenho tempo para assistir TV. Nas poucas vezes que ligo é pra ver o jornal e a programação da Globo.

**Você tem acesso a TV a cabo ou satélite?**

**A.R.I:** Sim.

**C.H.I:** Não

**D.E.B:** Não.

**J.U.L:** Não

**S.E.R:** Não

**G.R.A:** Só parabólica.

**A.M.A:** Não.

**Nas disciplinas se discutiu a influência da TV?**

**C.H.I:** A TV influencia o modismo, dita regras. Por exemplo, a tatuagem. A TV mostra os artistas com tatuagem e os jovens acreditam que é normal fazer tatuagem, encaram como moda. Mas nessa esquecem que isso não sai mais da pele, que dói...

**A.R.I:** Peraí! Eu tenho tatuagens, mas não fui influenciada pela mídia...(risos) A faculdade ajudou a desenvolver isso. Hoje eu tenho meu senso crítico. Consigo separar e analisar melhor as coisas.

**D.E.B:** A faculdade ajudou a melhorar o senso crítico. Principalmente na questão da ética. A gente vê que a programação de televisão não tem respeito pelo público...

**J.U.L:** A disciplina de Teoria da Comunicação influenciou na formação desse senso crítico.

**Você já ouviu o termo recepção em comunicação? Se ouviram o que entendem por isso?**

(Silêncio)

**G.R.A:** Recepção como aquela informação recebida...

**S.E.R:** Como é a pergunta?

Pesquisador repete a questão formulada.

**J.U.L:** A gente ouviu na aula de Português, na aula de redação sobre os elementos da comunicação, da linguagem...pra comunicação ser perfeita, a linguagem precisa ser boa.

**G.R.A:** Varia de pessoa para pessoa, porque cada um vai receber de acordo com o conhecimento prévio, de acordo com o conhecimento de cada um. A mesma informação vai ser recebida por mim de uma forma diferente que por ti.

**C.H.I:** Pode ser também o aparelho, não é? O aparelho receptor.

**S.E.R:** Não, mas estamos falando de recepção...

**D.E.B:** O termo a gente ouviu só em aula. Os elementos da comunicação, o receptor, a linguagem, os filtros, os ruídos. Isso a gente estudou bastante no começo da faculdade

**Vocês já ouviram o termo educomunicação ou mídia-educação ou educação para os meios? Se ouviram, o que entendem por isso?**

**S.E.R:** Educomunicação foi um termo ao qual eu fui apresentado no quinto semestre, nas aulas de Jornal Laboratório, até porque o foco das nossas produções eram os alunos do ensino médio da região do Alto vale. Nós queríamos fornecer aos professores um Jornal Laboratório como ferramenta na construção social, na ampliação do gosto pela leitura, na inserção do jornal na vida cotidiana.

**D.E.B:** Eu também vi esse termo no Jornal X que foi lançada na cidade recentemente por nossos colegas de curso. Em cada edição tem lá uma parte sobre educomunicação.

**G.R.A:** (puxando um livro da bolsa) To começando a ler um livro aqui da Rossana Gaya – Educomunicação e mídias, que fala muito da questão de estar utilizando os meios de comunicação, no caso o Jornal Laboratório, na comunicação. Para mostrar para os alunos a questão da conscientização, da formação crítica, da cidadania. Então é uma série de estudos que podem ser feitos através dos meios de comunicação.

**C.H.I:** Eu ouvi esse termo, educação para as mídias e na época foi falado na educação da sociedade para uma leitura crítica da mídia., para a pessoa não absorver simplesmente tudo o que se diz, o que se mostra, mas sim para ela saber filtrar, né.

**O que vocês entendem por senso crítico?**

**A.R.I:** É saber o que é bom e o que não é. O que na verdade varia de um pra outro...Crítico é uma coisa muito pessoal, cada um tem o seu e cada um desenvolve de uma maneira diferente

**J.U.L:** Senso crítico não é só no termo negativo né...mas tipo uma avaliação. Tu avalia e tu tens o teu embasamento pessoal, teórico, pra ser ativo numa sociedade na sala de aula e ter uma visão de mundo e não ser apenas passivo.

**C.H.I:** É importante ter acesso a mais de um jornal, mais de uma revista, mais de um telejornal pra gente poder formar a nossa opinião. Porque cada um que vai dar uma notícia sobre um determinado assunto ele vai dar com o ponto de vista dele, mesmo que a gente sempre diga que o jornalista tenha que ser objetivo, isento, imparcial, mas existe a pontuação dele...Então pra que a gente não caia no conto do vigário, a gente tem que pegar várias informações, passar no liquidificador e formar a nossa.

**D.E.B:** Senso crítico pra mim é assim, tu ouve uma determinada coisa e aí começa a formular aquelas perguntinhas básicas na cabeça, será? Por quê? Começa a desconfiar, começa a duvidar, começa a ler entre as linhas.

**G.R.A:** Ter senso crítico é também estar opinando sobre aquilo e não apenas dizer sim pra tudo. Participar ativamente.

**S.E.R:** A palavra crítica vem de *critis criterius* ou seja, são normas, são legislações que se criam. São ferramentas que detectam mudanças, comportamentos e funcionam como termômetro indicando as possíveis variáveis, os possíveis caminhos.

### **Além da televisão, que outras mídias vocês utilizam?**

**A.R.I:** Jornal, rádio, TV, internet...Porque quando a gente mora no interior teatro e música é muito difícil e cinema é uma tortura...mas assim, tudo o que eu tenho acesso eu procuro sorver.

**A.M.A:** Eu gosto de cinema, apesar que aqui tem um cheiro de mofo, é desconfortável...televisão também, revistas, livros, - mais quando necessário assim. Jornalismo da internet e também, quando dá no serviço, no horário do café...

**C.H.I:** O rádio AM.Eu penso que a rádio AM tem mais informações que a FM e também o jornalismo da internet...Gosto também de viajar em páginas de jornais estrangeiros, apesar do meu inglês mais ou menos. Revista eu não leio tanto por causa do preço.

**S.E.R:** Depois da televisão, o jornal impresso, a internet, livros e rádio pouquíssimo.

**D.E.B:** leio jornal impresso, porque na empresa tem assinatura. Revista eu quase não leio. Livros eu quase me obrigo a ler, porque tem que ler mesmo...Internet quando dá um tempinho na empresa, mas não pode.

**G.R.A:** Além da TV ouço rádio tanto AM como FM. Assisto no mínimo um filme por semana, alugado ou na TV. Costumo ir ao cinema a cada dois três meses. Quando tem show a gente também vai e teatro aqui quase não tem. Eu fui num circo...(risos). Acesso todo dia a internet para saber de pautas no trabalho.

**J.U.L:** Eu acesso diariamente a internet, uso muito. Jornais impressos só no final de semana e filmes, filmes, filmes, que eu adoro. Detesto rádio AM e a rádio FM é meu companheiro já que moro sozinha.